ALFAGUARA

William Golding

Senhor das Moscas

PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

ALFAGUARA

William Golding

Senhor das Moscas

Tradução
Sergio Flaksman

© William Golding, 1954
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Lord of the Flies

Capa
Retina_78

Imagem de capa
© Gary John Norman / Getty Images

Revisão
Cristiane Pacanowski
Ana Kronemberger
Taís Monteiro

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

PRISA EDIÇÕES

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G571s

Golding, William
Senhor das moscas [recurso eletrônico] / William Golding ; tradução Sérgio Flaksman. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.
recurso digital

Tradução de: *Lord of the flies*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
171 p. ISBN 978-85-7962-320-2 (recurso eletrônico)

1. Sobrevivência após acidentes aéreos, naufrágios, etc. Ficção. 2. Romance inglês. 3. Livros eletrônicos. I. Flaksman, Sérgio - . II. Título.

14-12289 CDD: 823
CDU: 821.111-3

Sumário

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Sumário
Dedicatória
Capítulo um
    O som da concha
Capítulo dois
    Fogo na montanha
Capítulo três
    Cabanas na praia
Capítulo quatro
    Caras pintadas e cabelos compridos
Capítulo cinco
    O monstro da água
Capítulo seis
    O monstro do ar
Capítulo sete
    Sombras e árvores altas
Capítulo oito
    Uma oferenda para as trevas
Capítulo nove
    Até a morte
Capítulo dez
    A concha e os óculos
Capítulo onze
    A Pedra do Castelo
Capítulo doze
    O grito dos caçadores

Para minha mãe e meu pai

Capítulo um
O som da concha

O menino de cabelo claro desceu os últimos metros pelas pedras e começou a caminhar na direção da laguna. Embora tivesse tirado o paletó do uniforme, que agora segurava numa das mãos e deixava arrastar pela terra, sua camisa cinza estava grudada no corpo e seu cabelo colado na testa. À sua volta, a grande ferida aberta na mata era um banho de calor. Seguia avançando com dificuldade em meio às plantas rasteiras e aos troncos caídos quando um passarinho, uma visão de vermelho e amarelo, lançou-se pelo céu com um canto que parecia um grito de bruxa, e foi ecoado por outro.

"Ei!", disse o segundo grito, "espera um pouco!"

Os arbustos ao lado da ferida aberta se agitaram, e uma multidão de gotas de chuva desprendeu-se de suas folhas.

"Espera um minuto", disse a voz. "Fiquei preso."

O menino de cabelo claro parou e puxou as meias para cima com um gesto automático que, por um instante, transformou a selva em algum lugar da Inglaterra.

A voz tornou a falar.

"Não consigo me mexer direito, com todos esses cipós."

O dono da voz apareceu saindo de costas do mato, com gravetos presos à jaqueta ensebada. O reverso dos seus joelhos nus era gordo, e estava arranhado pelos espinhos que o prendiam. O menino se inclinou, retirou-os com cuidado e virou-se de frente. Era mais baixo que o menino de cabelo claro, e muito gordo. Avançou procurando terreno seguro onde pisar, e em seguida fitou o outro através de seus óculos de lentes grossas.

"Cadê o sujeito do megafone?"

O menino louro sacudiu a cabeça.

"Aqui é uma ilha. Pelo menos eu acho que é uma ilha. Ali é o mar, e depois uma barreira de coral. Talvez não tenha nenhum adulto por aqui."

O menino gordo fez um ar assustado.

"Tinha o piloto. Mas ele não estava com a gente na área dos passageiros, estava na cabine, lá na frente."

O menino louro olhava para a barreira de recifes, com os olhos apertados.

"E todos os outros garotos", continuou o menino gordo. "Mais alguns podem ter saído também. Devem ter saído, não é?"

O menino louro começou a avançar com o ar mais despreocupado possível na direção do mar. Tentava se mostrar espontâneo e não muito obviamente desinteressado, mas o menino gordo correu atrás dele.

"Será que não tem mesmo nenhum adulto?"

"Acho que não."

O menino louro deu sua resposta em tom solene; mas então foi tomado pela alegria de uma ambição realizada. No meio da ferida aberta na mata, plantou uma bananeira e sorriu para o menino gordo de cabeça para baixo.

"Adulto nenhum!"

O menino gordo pensou um pouco.

"O piloto."

O menino louro permitiu que seus pés voltassem ao chão e sentou-se na terra quente.

"Ele deve ter continuado a voar depois de lançar a gente. Não tinha como pousar aqui. Não num avião com rodas."

"Atacaram a gente!"

"Mas ele vai acabar voltando."

O menino gordo abanou a cabeça.

"Enquanto a gente estava descendo eu olhei por uma das janelas. E vi a outra parte do avião. Pegando fogo."

Examinou a grande ferida aberta no solo.

"E quem criou isso aqui foi o tubo em que a gente desceu."

O menino de cabelo claro estendeu a mão, que pousou nos restos irregulares de um tronco. Por algum tempo, deu a impressão de estar interessado.

"O que será que aconteceu com ele?", perguntou. "Aonde ele foi parar?"

"A tempestade arrastou tudo pro mar. O perigo não era pouco, com todos aqueles troncos caindo. Ainda devia ter uns garotos lá dentro."

Hesitou por um instante, e em seguida tornou a falar.

"Como é que você se chama?"

"Ralph."

O menino gordo ficou esperando que o outro também perguntasse o seu nome, mas as apresentações acabaram ali; o menino de cabelo claro chamado Ralph deu um sorriso vago, levantou-se e recomeçou a caminhar na direção da laguna. O menino gordo continuava a seu lado.

"Deve ter muitos de nós espalhados por aí. Você viu mais alguém?"

Ralph abanou a cabeça e aumentou a velocidade. Então tropeçou num galho e caiu, fazendo muito barulho.

O menino gordo já estava do lado dele, resfolegando.

"Minha tia me disse para não correr", explicou ele, "por causa da minha asma".

"Asa-má?"

"É. Isso mesmo. Eu não consigo respirar direito. Em toda a escola, só eu que tinha asma", disse o menino gordo com uma nota de orgulho. "E uso óculos desde os três anos de idade."

Tirou os óculos, que exibiu a Ralph, piscando muito e sorrindo, e depois começou a limpar as lentes na jaqueta ensebada. Uma expressão de dor e concentração intensa afetava os contornos pálidos do seu rosto. Enxugou o suor das faces e ajustou apressado os óculos no nariz.

"Essas frutas."

Olhou em redor da ferida aberta no chão.

"Essas frutas", disse ele. "Só espero que—"

Pôs os óculos, afastou-se de Ralph e se acocorou em meio à folhagem emaranhada.

"Eu volto daqui a um minutinho—"

Ralph desembaraçou-se com cuidado do mato emaranhado, e continuou a caminhar em meio à ramagem. Dali a poucos segundos ouvia os grunhidos do menino gordo atrás de si, e saiu correndo na direção da última cortina que ainda se erguia entre ele e as águas da laguna. Pulou por cima de um tronco caído e emergiu da mata.

A praia era salpicada de coqueiros, que se erguiam na vertical ou inclinados na direção da luz, e suas frondes verdes chegavam a trinta metros do chão. O solo onde cresciam era um barranco relvado, esburacado aqui e ali por crateras que outras árvores abriram ao cair, forrado de cocos em diversos estágios de decomposição e mudas de coqueiro. Por trás dele ficava a escuridão da floresta propriamente dita, e o espaço da ferida aberta. Ralph parou, com uma das mãos

apoiadas num tronco cinzento, e apertou os olhos para contemplar as águas cintilantes. A uma certa distância, mais de um quilômetro e meio mar afora, a espuma branca das ondas se espalhava por um recife de coral, e para além desse ponto o mar era de um azul bem mais escuro. Encerrada pelo arco irregular dos corais, a laguna era lisa como um lago de montanha — com vários tons de azul, verde opaco e violeta. A praia, entre o barranco onde cresciam os coqueiros e o mar, descrevia um arco fino e aparentemente sem fim, pois para a esquerda de Ralph o panorama de coqueiros, praia e mar se estendia até o infinito; e o tempo todo, quase invisível, havia o calor.

Ele pulou do barranco. A areia que seus sapatos pretos pisavam era grossa, e ele sentiu o impacto do calor. Tomou consciência do peso das suas roupas, livrou-se dos sapatos aos arrancos e tirou cada uma das meias, com sua respectiva liga elástica, num só movimento. Em seguida pulou de volta para cima do barranco, tirou a camisa e ficou ali de pé em meio aos cocos espalhados que pareciam caveiras, a pele salpicada pelas móveis sombras verdes projetadas pelos coqueiros e a floresta. Abriu a fivela que prendia seu cinto, tirou as calças e cuecas e ficou ali de pé, nu, olhando para a praia e a água resplandecente.

Tinha idade bastante, doze anos e alguns meses, para já ter perdido a barriga proeminente da infância, mas ainda não suficiente para a adolescência deixá-lo acanhado. Agora era possível perceber que ele daria um bom boxeador, a se julgar pela largura e o peso dos ombros, mas sua boca e seus olhos emitiam uma gentileza que não prenunciava um demônio violento. Acariciou de leve o tronco do coqueiro; e, finalmente forçado a crer na realidade da ilha, tornou a rir, encantado, antes de plantar outra bananeira. Pôs-se de pé de novo com um salto elegante, pulou para a praia, ajoelhou-se e puxou duas braçadas de areia para junto do peito. Depois sentou-se e ficou contemplando a água com olhos brilhantes e animados.

"Ralph—"

O menino gordo abaixou-se no barranco dos coqueiros, e acomodou-se com muito cuidado, usando a beira do barranco como assento.

"Desculpa eu ter demorado tanto. É que as frutas—"

Limpou os óculos, que ajustou no nariz pequeno. A armação tinha deixado um "V" profundo e avermelhado no alto do nariz. Olhou com ar crítico para o corpo dourado de Ralph, e depois para as próprias roupas. Pôs a mão no puxador de um zíper que lhe descia pelo peito.

"Minha tia—"

Então abriu o zíper com decisão, e tirou a jaqueta pela cabeça.

"Pronto!"

Ralph olhou de esguelha para ele, sem dizer nada.

"Acho que precisamos saber os nomes de todo mundo", disse o menino gordo, "e fazer uma lista. Precisamos organizar uma reunião".

Ralph não entendeu a sugestão, de modo que o menino gordo foi obrigado a continuar.

"E podem me chamar de qualquer coisa", revelou confidencialmente, "contanto que não usem o apelido que eu tinha na escola".

Ralph sentiu um leve interesse.

"Qual apelido?"

O menino gordo olhou para trás por cima dos ombros, depois se debruçou na direção de Ralph.

E sussurrou.

"Eles me chamavam de 'Porquinho'."

Ralph caiu na risada. E levantou-se de um salto.

"Porquinho! Porquinho!"

"Ralph — por favor!"

Porquinho torceu as mãos, apreensivo.

"Eu disse que não queria—"

"Porquinho! Porquinho!"

Ralph saiu dançando em meio ao ar quente da praia, depois voltou fazendo um avião a jato, com as asas bem para trás, e metralhou Porquinho.

"Ziiiiiiiiii-ãããão!"

Mergulhou na areia aos pés de Porquinho e ficou lá deitado, às gargalhadas.

"Porquinho!"

Porquinho deu um sorriso relutante, satisfeito, a contragosto, mesmo com aquele tipo de reconhecimento.

"Só não vá contar aos outros—"

Ralph continuava a rir, com a cara enfiada na areia. A expressão de dor e concentração tomou novamente o rosto de Porquinho.

"Um minutinho."

Voltou correndo para a floresta. Ralph se levantou e saiu trotando para a direita.

Aqui a praia era abruptamente interrompida por um elemento crucial da paisagem; uma grande plataforma de granito rosado que atravessava indiferente a floresta e o barranco dos coqueiros, a areia e a laguna, formando um molhe com um metro e pouco de altura. O topo da plataforma era coberto com uma fina camada de terra e um relvado ralo e grosseiro, sombreado por coqueiros jovens. Não havia solo que permitisse às árvores atingir grandes alturas, e quando passavam talvez de uns seis metros acabavam caindo e secando, num padrão de troncos cruzados na diagonal, muito convenientes para servir de assento. Os coqueiros ainda de pé formavam uma cobertura verde, em que se projetava por baixo um trêmulo emaranhado de reflexos das águas da laguna. Ralph subiu nessa plataforma, registrou o quanto era fresca e sombreada, fechou um dos olhos e concluiu que as sombras no seu corpo eram na verdade de cor verde. Avançou pela plataforma até a beira do mar e ficou olhando para a água. Era cristalina até o fundo, e enfeitada pela eflorescência de corais e algas tropicais. Um cardume de diminutos peixes reluzentes cintilava aqui e ali. Ralph comentou consigo mesmo, fazendo soar as cordas mais graves do seu encantamento.

"Uaua!"

Além da plataforma, mais motivos de encanto. Algum ato de Deus — um tufão, talvez, ou a tempestade que tinha sucedido a chegada dele — havia acumulado muita areia na parte interna da laguna, de maneira que, na praia, via-se agora uma piscina longa e profunda tendo na ponta a plataforma alta de granito rosa. Ralph já tinha sido logrado antes pela aparência de profundidade impressionante numa outra praia com água represada, e aproximou-se daquela piscina preparado para a decepção. Mas a ilha não o desapontou, e a incrível piscina, que o mar claramente só invadia na maré alta, era tão profunda numa das extremidades que sua cor chegava ao verde-escuro. Ralph inspecionou com cuidado todos seus trinta metros, e em seguida mergulhou. A água estava mais quente que o seu sangue, e lhe pareceu estar nadando numa banheira imensa.

Porquinho reapareceu, sentou-se na plataforma de pedra e ficou observando com inveja o corpo verde e branco de Ralph.

"Você nada muito mal."

"Porquinho."

Porquinho tirou as meias e os sapatos, que arrumou com cuidado na beira da plataforma, testando a água com um dedo do pé.

"Está quente!"

"E você esperava o quê?"

"Nada. A minha tia—"

"E eu lá quero saber da sua tia!"

Ralph mergulhou, nadando por baixo d'água com os olhos abertos; a borda de areia da piscina parecia a encosta de um morro. Virou-se para cima, segurando o nariz, e uma luz dourada dançava e se partia em mil pedaços pouco acima do seu rosto. Porquinho tinha um ar decidido e estava tirando a cueca. Em seguida, reduziu-se a um estado de pálida e flácida nudez. Veio andando na ponta dos pés pela borda de areia da piscina e sentou-se com água pelo pescoço, sorrindo orgulhoso para Ralph.

"Não vai mergulhar?"

Porquinho abanou a cabeça.

"Não posso nadar. Não deixam. A minha asma—"

"E eu lá quero saber da sua asa má!"

Porquinho suportou aquelas palavras com uma espécie de paciência humilde.

"Você não nada muito bem."

Ralph saiu nadando de costas, afastando-se da borda de areia, afundou a boca na água e cuspiu um esguicho para cima. Em seguida, ergueu o queixo e disse:

"Aprendi a nadar com cinco anos. Foi meu pai que me ensinou. Ele é comandante da Marinha. Quando ele conseguir licença, vai vir aqui nos salvar. E o seu pai, faz o quê?"

Porquinho corou na mesma hora.

"Meu pai morreu", disse ele depressa, "e a minha mãe—"

Tirou os óculos e procurou em vão alguma coisa com que pudesse limpá-los.

"Eu morava com a minha tia. Ela tem uma loja de doces. Eu ganhava muitos doces e balas. Tudo o que eu quisesse. Quando é que o seu pai vem nos salvar?"

"Assim que ele puder."

Porquinho se levantou gotejante da água e ficou de pé, nu, limpando os óculos com uma das meias. O único som que agora chegava até eles, atravessando o calor da manhã, era o ronco prolongado e triturador das ondas que se quebravam nos recifes.

"Como é que ele vai saber que é aqui que a gente está?"

Ralph se revirou na água. Sentia-se envolvido pelo sono, além das miragens que se sucediam, engalfinhadas com o brilho das águas da laguna.

"Como é que ele vai saber que é aqui que a gente está?"

Vai saber, pensou Ralph, vai saber, vai saber. O ronco das ondas ficou muito distante.

"Alguém vai contar pra ele no aeroporto."

Porquinho abanou a cabeça, ajustou os óculos luminosos e olhou para Ralph.

"Quem vai contar? Você não ouviu o que o piloto falou? Da bomba atômica? Todo mundo morreu."

Ralph saiu da água, pôs-se de pé de frente para Porquinho, e refletiu sobre aquele problema fora do comum.

Porquinho insistiu.

"A gente está numa ilha, não é?"

"Eu subi numa pedra", respondeu Ralph lentamente, "e acho que é uma ilha".

"Todo mundo morreu", disse Porquinho, "e a gente veio parar numa ilha. Ninguém sabe que a gente está aqui. O seu pai não sabe, ninguém sabe—"

Seus lábios tremiam, e os óculos ficaram embaçados.

"A gente pode ficar aqui até morrer."

Com essa palavra, o calor deu a impressão de aumentar até se transformar num peso

ameaçador, e a laguna os atacou com um fulgor cegante.

"Vou pegar as minhas roupas", murmurou Ralph. "Por ali."

Saiu correndo pela areia, exposto à hostilidade do sol, atravessou a plataforma e encontrou as roupas que tinha espalhado. Achou estranhamente agradável tornar a vestir a camisa cinza. Então se aproximou da beira da plataforma e sentou-se à sombra verde, num tronco bem colocado. Porquinho também subiu para lá, carregando a maior parte de suas roupas debaixo do braço, e se sentou com todo o cuidado num tronco caído que dava para a laguna. Os reflexos emaranhados dançavam por cima dele.

Em seguida falou.

"A gente precisa encontrar os outros. Precisa fazer alguma coisa."

Ralph não disse nada. Estavam numa ilha de coral. Protegido do sol, ignorando as palavras aziagas de Porquinho, ele sonhava com coisas agradáveis.

Porquinho insistiu.

"Quantos nós somos?"

Ralph avançou e se postou ao lado de Porquinho.

"Não sei."

Aqui e ali, sopros leves de brisa se deslocavam lentos pela superfície lustrosa das águas abaixo do calor ofuscante. Quando essas brisas chegavam à plataforma, as frondes dos coqueiros murmuravam, e manchas borradas de luz do sol corriam pelos seus corpos ou se deslocavam em meio às sombras como criaturas luminosas e aladas.

Porquinho ergueu os olhos para Ralph. Todas as sombras no rosto de Ralph apareciam invertidas, verdes em cima, claras por baixo, por causa das águas da laguna. Um borrão de sol dançava em seus cabelos.

"A gente precisa fazer alguma coisa."

Ralph olhou através do outro. Ali estava finalmente o lugar tão imaginado mas nunca plenamente concebido, invadindo a vida real. Os lábios de Ralph se afastaram num sorriso de deleite, e Porquinho, julgando que o sorriso em sua direção era um sinal de reconhecimento, riu com prazer.

"Se é que é mesmo uma ilha—"

"Aquilo ali é o quê?"

Ralph tinha parado de sorrir e apontava para a laguna. Havia alguma coisa de cor cremosa pousada no fundo, em meio a algas que lembravam samambaias.

"Uma pedra."

"Não. É uma concha gigante."

De repente, Porquinho começou a borbulhar de animação contida.

"Isso mesmo. Uma concha gigante! Já vi uma dessas. Na parede da casa de alguém. Ele tocava a concha, e a mãe dele vinha. Vale muito dinheiro—"

Perto do cotovelo de Ralph, um coqueiro muito jovem crescia debruçado sobre a laguna. Na verdade, seu peso já estava arrancando um bom torrão daquele solo raso, e a árvore logo haveria de cair. Ralph arrancou o tronco ainda fino e começou a cutucar o fundo com ele, enquanto os peixinhos cintilantes fugiam para todos os lados. Porquinho se debruçou perigosamente.

"Cuidado! Você vai quebrar—"

"Cala a boca."

Ralph falava distraído. A concha era interessante, bonita e um bom brinquedo: mas as fantasias tão nítidas do seu devaneio ainda se interpunham entre ele e Porquinho, que naquele contexto era uma irrelevância. Forçando o caule de coqueiro a se curvar, conseguiu deslocar a

concha gigante em meio às algas. Em seguida, usou uma das mãos como fulcro e fez força com a outra até fazer a concha subir gotejante à superfície, para Porquinho pegá-la.

Agora que aquela coisa gigante não era mais intocável, Ralph também ficou animado. Porquinho gaguejava:

"—ele disse que também se chama búzio; muito dinheiro. Para comprar uma, você ia gastar muitas e muitas libras — essa ficava no muro do jardim dele, e a minha tia—"

Ralph tomou a concha da mão de Porquinho e um pouco de água escorreu pelo seu braço. A concha era de uma cor creme forte, salpicada aqui e ali de um cor-de-rosa mais desbotado. Entre a ponta, gasta até virar apenas um buraco, e os lábios rosados da entrada, estendiam-se mais de dois palmos de concha com uma leve torção em espiral, coberta por um delicado padrão em relevo. Ralph sacudiu a concha, retirando a areia do tubo.

"—mugia feito uma vaca", disse ele. "Tinha umas pedras brancas também, e uma gaiola com um papagaio verde. Não soprava nas pedras brancas, claro, mas disse—"

Porquinho fez uma pausa para respirar e acariciou a coisa lustrosa que Ralph tinha nas mãos.

"Ralph!"

Ralph ergueu os olhos.

"A gente podia usar a concha para chamar os outros. Fazer uma reunião. Eles vão vir se ouvirem—"

Olhava radiante para Ralph.

"Foi essa a sua ideia, não é? Foi por isso que você quis tirar a concha da água?"

Ralph empurrou seus cabelos claros para trás.

"Como é que o seu amigo tocava a concha?"

"Encostando a boca ali e soprando com força. Com a boca meio fechada, parecia que estava cuspindo", respondeu Porquinho. "Minha tia não deixou eu tentar por causa da minha asma. Mas ele me disse que tocava fazendo força bem aqui." Porquinho indicou sua barriga proeminente com a mão. "Tenta, Ralph. Chama os outros."

Com ar de dúvida, Ralph encostou a ponta menor da concha na boca e soprou. Um som de ar escapando saiu da sua boca, mas só. Ralph enxugou a água salgada dos lábios e tentou de novo, mas a concha continuava calada.

"Era com a boca apertada, meio que cuspindo."

Ralph franziu os lábios e soprou o ar para dentro da concha, que emitiu um som grave que lembrava um peido. Os dois meninos acharam tanta graça que Ralph continuou a soprar por alguns minutos, entre um acesso de riso e outro.

"Ele soprava fazendo força daqui."

Ralph entendeu a ideia, e tocou a concha com ar empurrado pelo diafragma. E na mesma hora a concha soou. Uma nota rude e áspera espalhou-se num som muito alto por baixo dos coqueiros, invadindo a complexidade da floresta e ecoando de volta do granito rosado da montanha. Nuvens de aves levantaram voo das copas das árvores, e alguma coisa começou a guinchar e correr em meio ao mato rasteiro.

Ralph afastou a concha dos lábios.

"Meu Deus!"

Sua voz comum parecia um sussurro depois da nota altíssima da concha. Tornou a encostá-la nos lábios, respirou fundo e soprou novamente. A nota tornou a ressoar; e então, quando aumentou ainda mais a pressão, a nota, subindo uma oitava, transformou-se num chamado estridente, mais penetrante ainda do que o anterior. Porquinho gritava alguma coisa, com o rosto satisfeito, os óculos cintilando. As aves gritavam, os animais menores corriam. O

fôlego de Ralph acabou; a nota caiu de volta uma oitava, transformou-se num murmúrio, depois num sopro de ar.

A concha, que parecia um pouco uma presa de elefante, se calou; o rosto de Ralph estava arroxeado pela falta de fôlego, e o ar que cobria a ilha ficou tomado pelo clamor das aves e os ecos da concha.

"Aposto que dá pra ouvir esse som a quilômetros daqui."

Ralph recuperou o fôlego e deu uma série de toques curtos.

Porquinho exclamou: "Olha um lá!"

Uma criança tinha aparecido entre os coqueiros, uns cem metros além, na praia. Era um menino de uns seis anos, robusto e de cabelos claros, com as roupas rasgadas e o rosto coberto de restos viscosos de fruta. Tinha arriado as calças com uma finalidade evidente, e depois só tinha puxado de volta até metade do caminho. Pulou do barranco dos coqueiros para a areia, e as calças despencaram até os tornozelos; o menino livrou-se delas e correu para a plataforma. Porquinho o ajudou a subir. Enquanto isso, Ralph continuava a tocar a concha, até se ouvirem vozes gritando na floresta. O menino menor se acocorou diante de Ralph, olhando verticalmente para o brilho do alto. Quando se certificou de que alguma providência estava sendo tomada no sentido certo, assumiu um ar satisfeito, e seu único dedo limpo, um polegar rosado, foi parar dentro da boca.

Porquinho se debruçou sobre ele.

"Como é o seu nome?"

"Johnny."

Porquinho murmurou o nome para si mesmo e o repetiu num grito para Ralph, que não se interessou, pois ainda estava tocando a concha. Seu rosto estava arroxeado com o violento prazer de produzir aquele som estupendo, e seu coração agitava a camisa esticada. Os gritos na floresta se aproximavam.

Sinais de vida eram visíveis agora na praia. A areia, que tremeluzia por efeito do calor, escondia muitas figuras ao longo de seus quilômetros de comprimento; vários meninos avançavam na direção da plataforma pela areia quente e pesada. Três meninos pequenos, nenhum deles mais velho do que Johnny, apareceram de um ponto incrivelmente próximo onde estavam comendo frutas na floresta. Um garoto moreno e baixo, não muito mais novo que Porquinho, abriu passagem pelo mato emaranhado, caminhou até a plataforma e sorriu alegremente para todos. Mais e mais garotos iam chegando. Seguindo o exemplo do inocente Johnny, sentavam-se nos troncos caídos dos coqueiros e ficavam esperando. Ralph continuava a tirar toques curtos e penetrantes da concha. Porquinho percorria o grupo, perguntando os nomes de cada um e franzindo o rosto no esforço de lembrar todos. Os meninos lhe prestavam o mesmo tipo de obediência simples que demonstraram diante dos homens com os megafones. Alguns vinham nus, carregando as roupas nas mãos: outros seminus, ou mais ou menos vestidos, com partes do uniforme escolar; cinza, azul, cáqui, com paletós ou casacos. Havia escudos, até mesmo insígnias, tiras de cor nas meias e nos suéteres. Suas cabeças se aglomeravam acima dos troncos na sombra verde; cabeças castanhas, louras, pretas, castanho-escuras, cor de areia, arruivadas; cabeças sussurrando, trocando murmúrios, cabeças cheias de olhos que observavam Ralph e especulavam. Alguma providência estava sendo tomada.

As crianças que chegavam caminhando pela praia, isoladas ou aos pares, tornavam-se visíveis quando atravessavam a divisa entre o ofuscamento do calor e a área mais próxima da faixa de areia. Aqui, o olho foi atraído por uma criatura preta, lembrando um morcego, que dançava na areia, e só mais tarde se percebeu um corpo acima dela. O morcego era a sombra do menino, encolhida pelo sol vertical até se concentrar numa simples mancha entre seus pés apressados. Enquanto continuava a tocar a concha, Ralph percebeu o último par de corpos subindo na

plataforma acima das cambiantes manchas pretas. Os dois meninos, com cabeças ovais e cabelos que lembravam estopa, desabaram no chão e ficaram sorrindo e ofegando para Ralph, como dois cachorros. Eram gêmeos, e os olhares se espantavam incrédulos diante daquela duplicação perfeita. Respiravam ao mesmo tempo, sorriam ao mesmo tempo, eram atarracados e cheios de vitalidade. Ergueram seus lábios úmidos para Ralph, pois parecia lhes faltar a quantidade certa de pele, de maneira que seus perfis nunca se definiam e os dois estavam sempre de boca aberta. Porquinho baixou para eles seus óculos cintilantes, e podia ser ouvido entre os toques da concha, repetindo os nomes de todos.

"Sam, Eric, Sam, Eric."

E então se atrapalhou; os gêmeos abanaram as cabeças e apontaram um para o outro, enquanto todos riam.

Finalmente Ralph parou de tocar e sentou-se ali mesmo, com a concha numa das mãos e a cabeça abaixada entre os joelhos. À medida que os ecos foram morrendo, os risos também cessaram e fez-se silêncio.

Em meio ao brilho ofuscante da praia, alguma coisa escura avançava aos poucos. Ralph foi o primeiro a ver, e fitou aquele ponto até a intensidade do seu olhar atrair todos os olhos naquela direção. Então a criatura emergiu da miragem e pisou na areia clara, e viram que a mancha escura não era toda sombra, mas quase toda roupa. A criatura era um grupo de meninos, caminhando mais ou menos a passo de marcha em duas filas paralelas e envergando trajes excêntricos. As calças, as camisas e outras peças de roupa eles traziam nas mãos: mas cada um dos meninos usava um barrete negro de forma quadrada com um distintivo prateado. Seus corpos, do pescoço ao tornozelo, estavam cobertos por capas pretas que traziam uma longa cruz prateada do lado esquerdo do peito, arrematadas no pescoço por uma gola branca de gomos. O calor dos trópicos, a queda, a procura por comida e agora aquela marcha suarenta pela praia exposta ao sol tinha conferido aos rostos a cor de ameixas recém-lavadas. O menino que os comandava usava um uniforme igual, mas o distintivo de seu barrete era dourado. Quando o grupo chegou a mais ou menos dez metros da plataforma, ele gritou uma ordem e todos pararam, ofegantes, suando, oscilando à luz feroz do sol. O menino se adiantou, subiu de um salto na plataforma com sua capa esvoaçando, e procurou distinguir alguma coisa no meio do que, a seus olhos, eram trevas completas.

"Cadê o corneteiro?"

Ralph, percebendo que o outro não enxergava nada devido ao sol, respondeu.

"Não tem corneteiro nenhum. Só eu."

O menino se aproximou e examinou Ralph de cima a baixo, franzindo o rosto. O que viu do menino de cabelo claro com a concha de cor creme nos joelhos não pareceu deixá-lo satisfeito. Virou-se com um gesto brusco, fazendo sua capa descrever um círculo.

"Quer dizer que não chegou um navio?"

Por baixo da ampla capa, era alto, magro e ossudo; e seus cabelos eram ruivos, sob o gorro preto. Seu rosto era compacto e sardento, e feio sem nada de bobo. Nele se destacavam dois claros olhos azuis, agora frustrados e prestes a se entregar, ou cogitando se entregar, a um ataque de fúria.

"Não tem nenhum adulto por aqui?"

Ralph respondeu para as suas costas.

"Não, vamos fazer uma reunião. Venham também."

O grupo de meninos de capa começou a se espalhar, abandonando a formação cerrada. O menino alto gritou com eles.

"Coro! Alto!"

Cansado e obediente, o coro retomou a formação e ficou ali parado, oscilando ao sol. Ainda assim, alguns esboçaram um protesto tênue.

"Mas, Merridew. Por favor, Merridew... a gente não pode?"

Então um dos meninos desabou de cara na areia, e a formação se desfez. Carregaram o menino caído para a plataforma e o estenderam à sombra. Merridew, de olhos fixos, fez o possível para que a ordem errada não lhe custasse o prestígio.

"Está bem, então. Podem se sentar. Deixem ele em paz."

"Mas Merridew."

"Ele sempre dá um jeito de desmaiar", disse Merridew. "Desmaiou em Gibraltar e em Adis Abeba; e até na hora das matinas, na frente do monitor."

Este último comentário sobre as atividades do coro provocou risadas abafadas entre seus integrantes, que se empoleiraram nos troncos atravessados como um bando de aves negras, fitando Ralph com interesse. Porquinho não perguntou o nome de ninguém. Estava intimidado por aquela superioridade uniformizada e pela autoridade espontânea na voz de Merridew. Encolheu-se por trás de Ralph e se concentrou nos seus óculos.

Merridew virou-se para Ralph.

"Nenhum adulto?"

"Não."

Merridew instalou-se num tronco e olhou em volta.

"Então vamos ter de nos virar sozinhos."

Protegido do outro lado de Ralph, Porquinho disse, timidamente:

"Por isso Ralph convocou uma reunião. Pra gente poder decidir o que vai fazer. Todo mundo me disse como se chama. Aquele é Johnny. Esses dois são gêmeos, Sam e Eric. Qual dos dois é Eric—? Você? Não — você é o Sam—"

"Eu sou o Sam—"

"E eu sou Eric."

"É melhor a gente saber os nomes de todo mundo", disse Ralph. "Eu sou Ralph."

"Já pegamos quase todos os nomes", disse Porquinho. "Agora mesmo."

"Nomes de criança", disse Merridew. "Por que eu havia de ser Jack? Eu sou Merridew."

Ralph virou-se para ele. Era a voz de alguém que sabia o que dizia.

"Então", continuou Porquinho, "esse menino — eu esqueci—"

"Você está falando demais", disse Jack Merridew. "Cale a boca, Gorducho."

"Não é Gorducho", exclamou Ralph. "O nome dele é Porquinho!"

"Porquinho!"

"Porquinho!"

"Ah, Porquinho!"

Seguiu-se uma tempestade de gargalhadas, e até as crianças menores caíram na risada. Agora os meninos formavam um círculo de solidariedade, com Porquinho de fora: ele ficou muito vermelho, baixou a cabeça e tornou a limpar os óculos.

Finalmente os risos pararam e ele continuou a lista dos nomes. Havia Maurice, o segundo maior do coro depois de Jack, forte e sorridente o tempo todo. Havia um menino magro e furtivo que ninguém conhecia, e se mantinha à parte com uma intensidade interior de afastamento e discrição. Murmurou que seu nome era Roger, e tornou a se calar. Bill, Robert, Harold, Henry; o menino do coro que tinha desmaiado sentou-se encostado no tronco de um coqueiro, dirigiu um sorriso pálido a Ralph e contou que se chamava Simon.

Jack falou.

"A gente precisa resolver como vão tirar a gente daqui."

Todos começaram a falar ao mesmo tempo. Um dos meninos menores, Henry, disse que queria ir para casa.

"Cale a boca", disse Ralph, sem lhe dar atenção. Levantou a concha gigante. "Acho que precisamos de um chefe para resolver as coisas."

"Um chefe! Um chefe!"

"Eu é que devo ser o chefe", disse Jack com uma arrogância simples, "porque sou chefe do coro, além de solista. E consigo atingir o dó sustenido".

Novo vozerio.

"Bem", disse Jack. "Eu—"

Hesitou. O menino de cabelos pretos, Roger, foi quem finalmente tomou a palavra.

"Vamos votar."

"Isso mesmo!"

"Escolher um chefe!"

"Vamos fazer uma eleição—"

E brincar de eleição era quase tão bom quanto a concha gigante. Jack começou a protestar, mas o clamor foi mudando, e de pedido de uma eleição transformou-se na aclamação de Ralph. Nenhum dos garotos podia ter muitos motivos para isso; toda a inteligência quem tinha demonstrado era Porquinho, e o líder mais óbvio era Jack. Mas Ralph tinha uma tranquilidade, ali sentado, que chamava a atenção: também era alto, e de aparência atraente; e de alguma forma bastante obscura, mas muito poderosa, havia a concha. E o menino que tinha tocado a concha, que ficou sentado na plataforma à espera deles com aquela coisa delicada equilibrada nos joelhos, só podia se destacar.

"O da concha."

"Ralph! Ralph!"

"O cara que tocou essa concha-corneta é que deve ser o chefe."

Ralph levantou a mão, pedindo silêncio.

"Tudo bem. Quem quer que Jack seja o chefe?"

Com uma obediência melancólica, o coro levantou as mãos.

"E quem quer que seja eu?"

Todas as mãos que não eram do coro, menos a de Porquinho, se levantaram na mesma hora. E depois de algum tempo o próprio Porquinho também levantou a mão, um pouco hesitante.

Ralph fez a contagem.

"Então sou eu o chefe."

O círculo de meninos prorrompeu em aplausos, inclusive os garotos do coro; as sardas do rosto de Jack desapareceram, apagadas por um rubor de despeito. Fez menção de se levantar, depois mudou de ideia e tornou a sentar-se no meio do barulho. Ralph olhou em sua direção, ansioso por oferecer-lhe alguma coisa.

"O coro fica com você, é claro."

"Eles podiam ser o exército—"

"Ou os caçadores—"

"Eles podiam ser—"

O rubor desapareceu do rosto de Jack. Ralph voltou a acenar pedindo silêncio.

"Jack fica encarregado do coro. Eles podem ser — o que você quer que eles sejam?"

"Caçadores."

Jack e Ralph trocaram um sorriso de tímida simpatia. Todos os outros, ansiosos, começaram a falar ao mesmo tempo.

Jack se levantou.

"Atenção, coro. Podem tirar suas capas."

Como se tivesse chegado a hora da saída da escola, os meninos do coro se levantaram, sempre falando, e empilharam suas capas na relva. Jack estendeu a sua em cima do tronco ao lado de Ralph. Suas calças curtas de cor cinza estavam coladas nas pernas com o suor. Ralph olhou para os meninos com um ar de admiração, e quando Jack viu para onde olhava, resolveu explicar.

"Eu estava tentando chegar ao alto daquela montanha para ver se estamos cercados de água por todos os lados. Mas a concha chamou a gente."

Ralph sorriu, e ergueu a concha, pedindo silêncio.

"Escutem. Preciso de um tempo pra pensar melhor. Não dá para decidir assim de uma vez o que a gente vai fazer. Se aqui não for uma ilha, pode ser que venham logo pra buscar a gente. Então a gente precisa descobrir se é uma ilha ou não. Vocês ficam aqui esperando, sem se afastar. Três de nós — se vier mais alguém vai atrapalhar, e a gente pode acabar se perdendo — três de nós vamos sair numa expedição. Vamos eu, Jack, e, e..."

Correu os olhos pelo círculo de rostos ansiosos. O que não faltavam eram meninos para escolher.

"E Simon."

Os meninos em volta de Simon deram uma risadinha, e ele se levantou, também rindo um pouco. Agora que a palidez do seu desmaio tinha passado, ele dava a impressão de um garoto magro e animado, com um olhar de baixo para cima que atravessava sua franja de cabelo liso, preto e grosso.

Simon fez um gesto de confirmação para Ralph.

"Eu vou."

"E eu—"

Jack sacou das costas uma faca de bom tamanho, cuja lâmina cravou no tronco. O vozerio aumentou e se calou.

Porquinho se mexeu.

"Também vou."

Ralph virou-se para ele.

"Você não serve pra esse tipo de serviço."

"Mesmo assim—"

"A gente não quer você junto", disse Jack, em tom seco. "Três pessoas já chega."

Os óculos de Porquinho emitiram um clarão.

"Eu estava com Ralph quando ele achou a concha gigante. Eu encontrei ele antes de qualquer outra pessoa."

Jack e os outros não lhe deram atenção. A dispersão foi geral. Ralph, Jack e Simon pularam da plataforma e saíram caminhando pela areia até ultrapassarem a piscina de água do mar. Porquinho, humildemente, vinha andando trás.

"Se Simon for andando no meio", disse Ralph, "podemos conversar por cima da cabeça dele".

Os três começaram a caminhar no mesmo ritmo, o que significava que de vez em quando Simon precisava dar uma corridinha para alcançar os outros dois. Em seguida, Ralph se virou para Porquinho.

"Olhe."

Jack e Simon fingiram que não tinham reparado, e continuaram andando.

"Você não pode vir."

Os óculos de Porquinho estavam novamente embaçados — dessa vez de humilhação.

"Você contou pra eles. Depois que eu pedi."

Seu rosto corou, sua boca tremia.

"Depois que eu falei que não queria—"

"Mas do que é que você está falando?"

"Do meu apelido, Porquinho. Eu disse que podiam me chamar de qualquer coisa, menos de Porquinho; e pedi pra você não contar, mas aí você foi e de cara contou—"

Caiu um silêncio entre os dois. Ralph, olhando para Porquinho com mais compreensão, viu que ele estava magoado e arrasado. Ficou na dúvida entre os dois caminhos possíveis, o pedido de desculpas ou algum novo insulto.

"Melhor Porquinho que Gorducho", disse ele finalmente, no tom direto dos líderes autênticos, "mas de qualquer maneira, acho chato você se sentir assim. Agora volte pra lá, Porquinho, e pergunte os nomes de todo mundo. É a sua tarefa. Até logo".

Virou-se e saiu correndo atrás dos outros dois. Porquinho parou e o rubor de indignação desfez-se aos poucos em seu rosto. Voltou para a plataforma.

Os três meninos caminhavam depressa pela areia. A maré estava baixa, e a faixa de areia coberta de algas era quase tão firme quanto uma rua calçada. Uma espécie de encantamento tomava conta dos três e do panorama, e estavam conscientes desse encantamento, que os deixava alegres. Entreolharam-se, rindo com animação, falando sem escutar os outros. O ar estava claro. Ralph, empenhado em traduzir tudo aquilo numa explicação, plantou uma bananeira mas caiu. Quando pararam de rir, Simon encostou timidamente no braço de Ralph, e começaram a rir de novo.

"Vamos lá", disse Jack. "Somos exploradores."

"Vamos até o final da ilha", disse Ralph, "ver o que existe depois".

"Se for mesmo uma ilha—"

Agora, mais perto do final da tarde, as miragens eram menos frequentes. Chegaram ao final da ilha, bem marcado, sem qualquer forma que pudesse confundir os observadores. Naquele ponto, a ilha perdia o aspecto regular, e um rochedo grande se projetava para dentro da laguna. Aves marinhas faziam seus ninhos na pedra.

"Parece uma cobertura branca", disse Ralph, "num bolo cor-de-rosa".

"Não dá pra ver mais nada depois daqui", disse Jack, "porque a ilha não forma uma ponta. Vai fazendo uma curva bem aberta — e dá para ver que ali na frente as pedras ficam piores —"

Ralph fez sombra sobre os olhos e acompanhou o contorno serrilhado dos rochedos até a montanha. Aquela parte da praia era a que ficava mais perto da montanha.

"Vamos tentar subir a partir daqui", disse ele. "Deve ser o caminho mais fácil. Tem menos mato, e mais dessa pedra rosa. Vamos."

Os três meninos começaram a escalada. Alguma força desconhecida havia arrancado e despedaçado aqueles cubos de pedra, espalhados de qualquer jeito, muitas vezes uns em cima dos outros, pedras cada vez menores que iam se empilhando. O aspecto mais óbvio daqueles penhascos era um paredão de pedra avermelhada tendo no alto um rochedo inclinado; e em cima deste mais outro, até aquela massa avermelhada se transformar numa pilha de rochedos equilibrados projetando-se acima do emaranhado de todo tipo formado pelos cipós e os galhos da floresta. No lugar onde os paredões de pedra cor-de-rosa se erguiam mais altos, havia muitas vezes trilhas estreitas que serpenteavam morro acima. E por elas os meninos conseguiam avançar, no meio do mato alto, com o rosto encostado na pedra.

"Quem será que abriu essa trilha?"

Jack fez uma pausa, enxugando o suor do rosto. Ralph parou ao lado dele, sem fôlego.

"Será que foi gente?"

Jack abanou a cabeça.

"Algum bicho."

Ralph olhou para a vasta sombra coberta pelas árvores. A floresta apresentava uma vibração muito sutil.

"Vamos."

O difícil não era a subida mais íngreme contornando os paredões de pedra, mas os mergulhos ocasionais no mato cerrado até chegar à trilha seguinte. Nesses trechos, as raízes e os talos das trepadeiras formavam uma trama tão cerrada que os meninos precisavam atravessá-la como agulhas flexíveis. A única coisa que os guiava, além da terra mais escura e dos clarões ocasionais de luz que atravessavam a folhagem, era a tendência da encosta: se essa ou aquela abertura, enredada com o cordame de cipós e trepadeiras, estava em ponto mais alto que a anterior.

De algum modo, conseguiram continuar subindo.

Preso numa dessas teias, talvez no trecho mais difícil do caminho, Ralph virou-se para os outros e seus olhos brilhavam.

"Legal!"

"Beleza!"

"Maravilha!"

E a causa desse prazer dos três não era óbvia. Estavam encalorados, sujos e exaustos. Ralph estava todo arranhado. Os cipós chegavam à grossura de uma coxa de menino, e só deixavam túneis muito estreitos como passagem. Ralph experimentou gritar, e ficaram escutando os ecos abafados.

"Isso é uma exploração de verdade", disse Jack. "Aposto que antes de nós ninguém nunca esteve aqui."

"A gente devia desenhar um mapa", disse Ralph. "Mas cadê papel?"

"Podíamos riscar uma casca de árvore", disse Simon, "e depois esfregar alguma coisa preta nos riscos".

Mais uma vez, a comunhão de olhos brilhantes na penumbra.

"Beleza."

"Maravilha."

Não havia espaço para plantar bananeira, e dessa vez Ralph manifestou a intensidade da sua emoção fingindo dar um soco em Simon, e dali a pouco estavam todos embolados, felizes, no meio das sombras baixas.

Quando pararam, Ralph foi o primeiro a falar.

"A gente precisa continuar."

O granito rosa do paredão seguinte já estava mais distante das trepadeiras e das árvores, de maneira que avançavam mais depressa pela trilha, que dessa vez os levou até um trecho de mata mais esparsa, de onde puderam vislumbrar o mar aberto. Com a escassez de árvores vinha o sol, secando o suor que tinha encharcado as roupas dos três no calor úmido das sombras. A essa altura, o caminho que levava até o topo se apresentava como uma corrida pelas pedras rosadas, sem que precisassem mergulhar de novo em nenhuma zona de sombra. Os meninos caminhavam com cuidado, passando por gargantas estreitas e por encostas cobertas de pedrinhas soltas e pontiagudas.

"Olhem! Olhem!"

Bem alto, nessa ponta da ilha, erguiam-se as pilhas e chaminés formadas pelos rochedos esfacelados. A pedra em que Jack se apoiou movia-se com um rangido quando empurrada.

"Vamos—"

Mas não para seguirem até o topo. O último ataque da escalada precisaria esperar enquanto os três meninos encaravam aquele outro desafio. A pedra era do tamanho de um automóvel pequeno.

"Força!"

Balançar para a frente e para trás, acompanhar o ritmo.

"Força!"

Aumentar a oscilação do pêndulo, aumentar, fazer mais força contra o novo ponto de equilíbrio — mais força — mais força—

"Força!"

A pedra imensa hesitou, equilibrada na ponta dos pés, e decidiu não retornar: saiu voando, caindo, ricocheteou na encosta, capotou, cortou o ar com um zumbido alto e abriu um rombo enorme no teto da floresta. Ecos e aves levantaram voo, uma poeira branca e rosada se ergueu no ar, mais adiante a floresta se sacudiu toda, como que à passagem de um monstro furioso; e depois a ilha voltou ao sossego.

"Que maravilha!"

"Que nem uma bomba!"

"Uaaaaa-huuu!"

Por cinco minutos os meninos não foram capazes de se afastar desse triunfo. Mas finalmente seguiram em frente.

Dali em diante, o caminho até o cume era fácil. Quando chegaram quase no alto, Ralph parou.

"Caramba!"

Estavam à beira de um anfiteatro, ou semi-anfiteatro, na encosta da montanha. E a área toda era preenchida pelas flores azuis de algum tipo de planta que crescia nas pedras; e aquela floração caía pela borda e se derramava generosamente por sobre as copas das árvores da floresta. O ar estava cheio de borboletas que pairavam no ar, batendo as asas, pousando nas flores.

Do outro lado do anfiteatro ficava o topo quadrado da montanha, e dali a pouco tempo os três chegaram à sua base.

Já tinham imaginado que estavam numa ilha: depois de terem escalado até ali as pedras cor-de-rosa, tendo o mar dos dois lados e respirando o ar cristalino das alturas, algum instinto lhes confirmou que o mar os cercava por todos os lados. Mas acharam melhor deixar a última palavra para depois que chegassem ao topo, de onde se avistava um horizonte circular de água.

Ralph se virou para os outros dois.

"É toda nossa."

A ilha tinha mais ou menos a forma de um navio; era mais alta na ponta onde se encontravam, tendo atrás de si a descida acidentada até a praia. Dos dois lados, rochedos, paredões, copas de árvores e encostas íngremes: à frente deles, ao longo do comprimento do navio, a descida era mais fácil, orlada de árvores, com rasgos de cor-de-rosa: e depois se estendia a planície da ilha, coberta pela floresta densa e verde, mas com uma cauda rosada na ponta. Ali, onde a ilha terminava na água, havia uma outra ilha menor; um rochedo, quase separado dela e parecendo uma fortaleza, erguia-se do outro lado de um braço verde de mar, exibindo uma única torre rosada.

Os meninos examinaram tudo, em seguida voltaram os olhos para o mar. Encontravam-se num ponto bem alto, e a tarde tinha avançado; a nitidez do panorama não era prejudicada por nenhuma miragem.

"É um recife. Um recife de coral. Eu já tinha visto figuras assim."

O recife encerrava pouco mais que um dos lados da ilha, erguendo-se talvez a um quilômetro e meio e correndo paralelo ao que agora era para os meninos a praia deles. O coral riscava o mar como se um gigante tivesse feito o possível para reproduzir o contorno da ilha numa linha contínua de giz, cansando-se antes de completar a tarefa. Do lado de dentro ficava a água cor de pavão, ficavam pedras e algas que se viam claramente, como num aquário; do lado de fora, era o azul-escuro do oceano. A maré baixava, de modo que longas esteiras de espuma se afastavam do recife e, por um instante, os meninos tiveram a sensação de que o navio avançava de ré, com a popa à frente.

Jack apontou.

"Foi ali que nós pousamos."

Para além dos penhascos e desfiladeiros, havia um rasgo claramente aberto em meio às árvores; viam os troncos partidos e depois a marca clara de arrasto, tendo sobrado apenas uma franja de coqueiros entre a cicatriz e o mar. E nessa direção também, avançando pela laguna adentro, via-se a plataforma rosada, com figuras que pareciam insetos movendo-se por perto.

Ralph traçou no ar uma linha em zigue-zague que partia do ponto onde se encontravam, descia por uma encosta, atravessava um grotão e um campo florido, fazia uma volta e chegava ao rochedo onde começava a cicatriz na selva.

"É o caminho mais curto de volta."

Com os olhos brilhantes, as bocas abertas, em triunfo, saborearam o seu direito àqueles domínios. Estavam animados: eram amigos.

"Nenhuma fumaça de casa, nem barco nenhum", deduziu Ralph. "Depois a gente verifica, mas acho que é desabitada."

"A gente consegue comida", exclamou Jack. "A gente caça. Algum bicho... até alguém vir buscar a gente."

Simon olhava para os dois, sem dizer nada mas assentindo com a cabeça até sacudir seus cabelos para a frente e para trás: tinha o rosto radiante.

Ralph olhou para o outro lado, onde não havia recife.

"É bem mais íngreme", disse Jack.

Ralph fez um gesto com a mão em concha.

"Aquele trecho de floresta ali... é sustentado pela montanha."

Cada canto da base da montanha tinha árvores — flores e árvores. Agora a floresta se mexia, roncava, sacudia as copas. As áreas floridas mais próximas se agitaram e, por meio minuto, um vento soprou fresco em seus rostos.

Ralph abriu os braços.

"Toda nossa."

Os meninos riram, pularam e deram gritos na direção da montanha.

"Estou com fome."

Quando Simon mencionou a fome, os outros perceberam que sentiam o mesmo.

"Vamos embora", disse Ralph. "A gente já descobriu o que queria."

Desceram um talude rochoso, chegando a um campo de flores e depois enveredando por entre as árvores. Ali pararam, examinando curiosos as árvores à sua volta.

Simon foi o primeiro a falar.

"Parecem velas nos galhos. Essas coisas penduradas."

Os arbustos floridos eram de um verde-escuro de planta perene, e os muitos brotos de flor em seus galhos eram de um verde-claro e lustroso, enroscados sobre si mesmos para se protegerem da luz. Jack cortou um deles com a faca, e um perfume se espalhou entre eles.

"Flor de vela."

"Podem parecer velas, mas não dá pra acender", disse Ralph. "Só parecem com velas."

"Velas verdes", disse Jack em tom de desprezo. "Mas isso a gente não come. Vamos embora."

Encontravam-se à beira da floresta densa, e quase arrastavam os pés cansados pelo caminho, quando ouviram um barulho — guinchos — e o tropel seco de cascos na terra batida. À medida que avançavam, os guinchos foram crescendo de volume até se converterem num verdadeiro frenesi. Encontraram um leitãozinho enredado numa cortina de cipós, debatendo-se com toda a loucura do terror extremo. Sua voz era fina, aguda como um alfinete e muito insistente. Os três meninos se precipitaram e Jack tornou a sacar a faca com um gesto exagerado. Ergueu o braço no ar. Houve uma pausa, um hiato, em que o leitão continuava a guinchar enquanto os cipós se agitavam, e a lâmina continuava a brilhar na ponta de um braço ossudo. A pausa só durou o bastante para os três entenderem a enormidade que seria um golpe desferido com ela. Então o leitãozinho desprendeu-se dos cipós e saiu correndo em meio ao mato baixo. Os três ficaram se entreolhando, e fitando o cenário daquele terror. O rosto de Jack estava muito branco por baixo das sardas. Percebeu que ainda segurava a faca levantada e baixou o braço, recolocando a faca na bainha. Então os três riram encabulados e retomaram o rumo da trilha.

"Eu só estava escolhendo o lugar certo", disse Jack. "Esperando a hora de resolver onde ia dar a facada."

"Porco você espeta com a faca", disse Ralph em tom feroz. "Sempre falam de furar o porco."

"Ou você pode abrir o pescoço do porco, pra deixar o sangue escorrer", disse Jack, "porque sem isso não dá pra comer a carne."

"E por que você não—?"

Mas sabiam muito bem a resposta: por causa da enormidade que seria a faca descer e cortar a carne viva; por causa do sangue, insuportável.

"Eu ia", disse Jack. Caminhava à frente dos outros, que não podiam ver seu rosto. "Só estava escolhendo o lugar. Da próxima vez—!"

Puxou a faca da bainha e a cravou no tronco de uma árvore. Da próxima vez não teria piedade. Olhou em volta com ar feroz, desafiando os outros a duvidar do que dizia. Em seguida os três chegaram a uma área clareada pelo sol e, por algum tempo, ocuparam-se encontrando e devorando tudo o que conseguiam comer enquanto se deslocavam pela ferida aberta na floresta, na direção da plataforma e da reunião com os outros meninos.

Capítulo dois
Fogo na montanha

Quando Ralph parou de tocar a concha, a plataforma estava lotada. As diferenças eram muitas entre essa reunião e a da manhã. A luz do sol da tarde chegava inclinada do outro lado da plataforma, e a maioria das crianças, sentindo tarde demais as queimaduras do sol, tinha tornado a vestir suas roupas. O coro, claramente menos coeso a essa altura, tinha abandonado as suas capas.

Ralph sentou-se num tronco caído, com o lado esquerdo virado para o sol. À sua direita ficava a maior parte do coro; à esquerda, os meninos maiores que já se conheciam de antes da evacuação; diante dele, os meninos menores se acocoravam na relva.

Silêncio. Ralph pousou nos joelhos a concha de cor creme e cor-de-rosa, e uma rajada súbita de vento varreu a plataforma. Não sabia ao certo se devia ficar de pé ou continuar sentado. Olhou para a sua esquerda, na direção da piscina que o mar formava. Porquinho estava sentado junto dele, mas não lhe deu ajuda nenhuma.

Ralph limpou a garganta.

"Pois muito bem."

Na mesma hora, descobriu que era capaz de falar com toda a fluência, e explicar perfeitamente o que queria dizer. Passou uma das mãos pelos cabelos claros e começou.

"Estamos numa ilha. A gente subiu até o alto da montanha e viu água à toda volta. Nada de casas, nem fumaça, nem pegadas, nem barcos, nem ninguém. A gente está numa ilha deserta sem mais nenhum habitante."

Jack o interrompeu.

"Ainda assim você precisa de um exército — pra caçar. Caçar porcos—"

"Isso mesmo. Existem porcos na ilha."

Os três tentaram transmitir a sensação da criatura rosada que viram se debatendo presa nos cipós.

"A gente viu—"

"Ele estava guinchando—"

"E fugiu—"

"Antes que eu conseguisse matar — mas — da próxima vez!"

Jack enterrou a faca num tronco e olhou ao redor com ar de desafio.

O grupo se acalmou.

"Por isso", disse Ralph, "a gente vai precisar de caçadores para trazer carne. E mais uma coisa".

Levantou a concha dos joelhos e correu os olhos pelos rostos castigados pelo sol à sua volta.

"Não tem nenhum adulto. A gente vai ter de se cuidar sozinhos."

Murmúrios. O grupo fez silêncio.

"E mais uma coisa. Não dá pra todo mundo falar ao mesmo tempo. Cada um precisa levantar a mão e esperar a vez, feito na escola."

Ergueu a concha à altura do seu rosto e correu os olhos por ela.

"Aí eu entrego a concha a ele. Entrego a concha pra pessoa que vai falar depois de mim. E aí ela fica com a concha enquanto estiver falando."

"Mas—"

"Escuta—"

"E ninguém pode interromper. Só eu."

Jack se levantou.

"A gente precisa de regras!", exclamou, animado. "Muitas regras! E quando alguém deixar de cumprir a regra—"

"Pimba!"

"Legal!"

"Pam!"

"Catapum!"

Ralph sentiu que a concha era retirada do seu colo. Então Porquinho se levantou com a concha nos braços e os outros pararam de gritar. Jack, ainda de pé, olhou para Ralph sem saber o que fazer. Ralph sorriu e deu uma palmadinha no tronco a seu lado. Jack se sentou. Porquinho tirou os óculos e piscou os olhos para os meninos reunidos, enquanto limpava as lentes com a camisa.

"Vocês estão atrapalhando Ralph. Não estão deixando ele chegar ao ponto mais importante."

Fez uma pausa de efeito.

"Quem sabe que a gente está aqui? Hein?"

"No aeroporto eles sabiam."

"O sujeito falando naquela corneta—"

"O meu pai."

Porquinho tornou a pôr os óculos.

"Ninguém sabe onde a gente está", disse Porquinho. Estava mais pálido que antes, e sem fôlego. "Vai ver eles sabiam pra onde a gente estava indo; mas pode ser que não. Mas ninguém sabe onde a gente está agora, porque a gente nunca chegou aonde ia." Olhou fixamente para os meninos por algum tempo, em seguida oscilou e se sentou. Ralph tirou a concha das suas mãos.

"Era o que eu ia dizer", continuou, "quando vocês, vocês todos..." Olhou para os rostos atentos dos meninos reunidos. "O avião caiu pegando fogo. Ninguém sabe onde a gente está. Pode ser que a gente tenha de ficar aqui muito tempo."

O silêncio era tão completo que todos escutavam os chiados produzidos pela respiração forçada de Porquinho. O sol caiu ainda mais e se erguia, dourado, logo acima de metade da plataforma. Os ventos que na laguna rodopiavam como gatinhos atrás do próprio rabo agora atravessavam a plataforma e penetravam na floresta. Ralph afastou o cacho de cabelo claro que caía em sua testa.

"A gente pode ficar aqui por muito tempo ainda."

Ninguém disse nada. Ele deu um sorriso repentino.

"Mas a ilha é boa. A gente — Simon, Jack e eu — chegou no alto da montanha. É uma beleza. Tem água, comida, e—"

"Pedras—"

"Flores azuis—"

Porquinho, parcialmente recobrado, apontou para a concha nas mãos de Ralph, e Jack e Simon se calaram. Ralph continuou a falar.

"Enquanto a gente espera, pode se divertir nessa ilha."

Fez um gesto largo.

"É igual aos livros."

Na mesma hora ouviu-se um clamor.

"A Ilha do Tesouro—"

"Andorinhas e Amazonas—"

"A Ilha de Coral—"

Ralph acenou com a concha.

"A ilha é nossa. E é boa. Até chegar algum adulto pra buscar a gente, a gente vai se divertir."

Jack estendeu a mão para a concha.

"Tem porcos", disse ele. "Tem comida, e água pra tomar banho naquele riacho que corre por ali — e tudo. Alguém encontrou mais alguma coisa?"

Entregou a concha de volta para Ralph antes de sentar-se. Aparentemente, ninguém tinha encontrado mais nada.

Os meninos mais velhos repararam no pequeno quando ele tentou resistir. Um grupo de garotos empurrava o menorzinho para a frente, mas ele não queria aparecer. Era um garoto bem mirrado, de uns seis anos de idade, e um dos lados do seu rosto era todo tomado por uma grande marca de nascença cor de framboesa. Agora ele se adiantou, um pouco entortado por aquele excesso de atenção, cavoucando as raízes da grama com o dedão do pé. Só conseguia murmurar, e estava quase chorando.

Os outros meninos menores, falando baixinho mas a sério, empurraram o garoto na direção de Ralph.

"Está certo", disse Ralph. "Pode vir."

O garotinho olhou em volta, tomado de pânico.

"Fala logo!"

O garotinho estendeu as mãos para a concha e todos os outros riram dele; na mesma hora ele recolheu as mãos e começou a chorar.

"Entrega a concha pra ele!" gritou Porquinho. "Entrega pra ele!"

Finalmente Ralph conseguiu fazer o garoto aceitar a concha, mas as gargalhadas dos demais tiraram a voz do pequeno. Porquinho se ajoelhou ao lado dele, com uma das mãos na concha gigante, ouvindo o que ele dizia e repetindo para todos.

"Ele quer saber o que a gente vai fazer com a coisa que parece uma cobra."

Ralph começou a rir, e os outros meninos riram com ele. O garotinho, entortando o corpo, se encolheu ainda mais.

"Fala da tal coisa-cobra."

"Ele está dizendo que era um bicharoco."

"Um bicharoco?"

"Uma coisa-cobra. Muito grande. Ele viu."

"Onde?"

"Na floresta."

As brisas errantes, ou então o declínio do sol, levaram algum frescor até a sombra dos coqueiros. Os meninos sentiram a queda de temperatura e se agitaram, inquietos.

"Não dá pra existir um bicho assim, uma coisa-cobra, numa ilha desse tamanho", explicou Ralph com grande paciência. "Os bichos maiores só existem em lugares muito grandes, como a África ou a Índia."

Murmúrios; e cabeças assentindo com gravidade.

"Ele está dizendo que o tal bicharoco chegou na hora em que ficou escuro."

"Então como é que ele viu?"

Risos e aplausos.

"Vocês ouviram só? Ele está dizendo que viu a coisa no escuro—"

"Assim mesmo, ele está dizendo que viu o tal bicho. Ele veio, foi embora e depois voltou, querendo devorar ele—"

"Ele estava sonhando."

Rindo, Ralph solicitou a confirmação do círculo de rostos à sua volta. Os meninos mais velhos concordaram; mas aqui e ali, em meio aos menores, permaneceu uma dubiedade que demandava mais que uma explicação racional.

"Ele deve ter tido um pesadelo. De tanto tropeçar nesses cipós todos."

Mais acenos graves de cabeça; todos sabiam como eram os pesadelos.

"Mas ele diz que viu mesmo esse bicharoco, a tal coisa-cobra, e quer saber se ele vai voltar hoje à noite."

"Mas esse bicho não existe!"

Agora não havia mais risos, e todos acompanhavam com atenção. Ralph passou as duas mãos pelo cabelo e olhou para o garotinho, achando alguma graça mas exasperado ao mesmo tempo.

Jack se apoderou da concha.

"Ralph tem razão, claro. Não existe coisa-cobra nenhuma. Mas se alguma cobra aparece, a gente vai lá, caça e mata. A gente vai caçar porco e trazer carne pra todo mundo. E aí a gente também procura essa cobra—"

"Mas não tem cobra nenhuma!"

"A gente vai saber direito depois que sair pra caçar."

Ralph se aborreceu. Por enquanto, estava derrotado. Sentia-se enfrentando alguma coisa incompreensível. Os olhos que o fitavam com tanta intensidade estavam desprovidos de qualquer humor.

"Mas não existe monstro nenhum!"

Alguma coisa de cuja existência ele nem suspeitava ergueu-se dentro dele e o obrigou a repetir, em alto e bom som.

"Estou dizendo que não existe monstro nenhum!"

A assembleia continuava em silêncio.

Ralph tornou a erguer a concha e recuperou seu bom humor, enquanto formulava o que diria em seguida.

"E agora a gente chegou ao ponto mais importante. Eu andei pensando. Estava pensando, enquanto a gente subia o morro." Lançou um sorriso de conspirador aos dois companheiros de escalada. "E na praia pensei mais ainda. E pensei o seguinte. A gente quer se divertir. E que venham buscar a gente."

A aclamação apaixonada da assembleia atingiu-o como uma onda, e ele perdeu o fio da meada. Precisou pensar mais.

"A gente quer que venham buscar a gente; e é claro que eles vão vir."

Vozes se ergueram. Aquela declaração simples, sem o apoio de qualquer prova além do peso da autoridade recente de Ralph, trouxe luz e alegria a todos. E Ralph precisou acenar com a concha antes de conseguir ser ouvido pelos outros meninos.

"Meu pai é da Marinha. E me disse que não existem mais ilhas desconhecidas. Contou que a Rainha tem uma sala cheia de mapas, e que todas as ilhas do mundo aparecem neles. Então, a Rainha tem um mapa desta ilha."

Novamente, o som da alegria e de um ânimo recobrado.

"E mais cedo ou mais tarde um navio vai passar aqui. Pode ser até o navio do meu pai. Quer dizer que, mais cedo ou mais tarde, eles vêm salvar a gente."

Fez uma pausa, depois de dar seu recado. A assembleia sentia-se mais próxima da

segurança com suas palavras. Gostavam dele, e agora o respeitavam. Espontaneamente começaram a bater palmas, e logo a plataforma foi tomada pelo som do aplauso. Ralph corou, olhando de um lado para a admiração declarada de Porquinho, e em seguida, do outro, para Jack, que sorria com ar superior e mostrava que também sabia bater palmas.

Ralph acenou com a concha.

"Silêncio! Esperem! Escutem!"

E continuou quando se instalou o silêncio, entusiasmado com seu momento de triunfo.

"Só mais uma coisa. A gente pode ajudar eles a acharem a gente. Mesmo um navio passando perto da ilha, eles podem nem ver a gente. Por isso, a gente precisa de fumaça no alto da montanha. A gente precisa de uma fogueira."

"Uma fogueira! Fazer uma fogueira!"

Na mesma hora, metade dos meninos se pôs de pé. Jack gritava no meio deles, totalmente esquecido da concha.

"Vamos! Atrás de mim!"

O espaço debaixo dos coqueiros ficou repleto de barulho e movimento. Ralph também se levantou, pedindo silêncio aos gritos, mas ninguém lhe deu ouvidos. Na mesma hora o grupo todo partiu para o interior da ilha e desapareceu — atrás de Jack. Até os meninos menores também foram, com grande esforço para avançar em meio às folhas e aos galhos partidos. Ralph ficou para trás, segurando a concha, acompanhado apenas de Porquinho.

Porquinho tinha recuperado a respiração.

"Feito crianças!", disse ele em tom de desprezo. "Feito um bando de crianças!"

Ralph olhou para o outro com ar de dúvida e pousou a concha no tronco do coqueiro.

"Aposto que já passou da hora do chá", disse Porquinho. "O que você acha que eles vão fazer no alto da montanha?"

Acariciava a concha com gestos respeitosos. Depois parou e levantou os olhos.

"Ralph! Ei! Aonde você está indo?"

Ralph já atravessava os primeiros trechos de mato esmagado da cicatriz na floresta. Bem à frente dele, ouviam-se ruídos e risadas. Porquinho ficou olhando, desgostoso.

"Feito um bando de crianças—"

Suspirou, abaixou-se e amarrou os cordões dos sapatos. O barulho da assembleia em movimento foi desaparecendo montanha acima. Então, com a expressão sofredora dos pais obrigados a acompanhar a efervescência insensata dos filhos, pegou a concha, virou-se na direção da floresta e começou a abrir caminho em meio à cicatriz de mato esmagado.

Ao pé do outro lado da montanha ficava uma plataforma de floresta. Mais uma vez, Ralph surpreendeu-se fazendo o mesmo gesto com as mãos em concha.

"Ali, a gente pode pegar toda a lenha que quiser."

Jack concordou com a cabeça e beliscou o lábio inferior. A partir de mais ou menos trinta metros abaixo do ponto onde estavam, na encosta mais íngreme da montanha, aquele trecho podia ter sido posto ali especialmente para fornecer-lhes madeira. As árvores, oprimidas pelo calor úmido, encontravam um solo escasso demais para lhes permitir um crescimento pleno, caíam cedo e apodreciam: eram cobertas por trepadeiras e cipós, e novos rebentos procuravam um lugar para se desenvolver.

Jack virou-se para os meninos do coro, que estavam a postos. Usavam seus barretes pretos caídos sobre uma das orelhas, como se fossem boinas.

"Vamos empilhar essa lenha."

Encontraram o melhor caminho de descida e começaram a recolher pedaços das árvores mortas. E os meninos menores que tinham chegado ao alto do morro também desceram escorregando para lá, até que todos os garotos, menos Porquinho, estavam envolvidos no trabalho. A maior parte da madeira caída estava tão podre que, quando tentavam pegá-la, desfazia-se numa chuva de fragmentos, insetos e pó; mas alguns dos troncos continuavam inteiros. Os gêmeos, Sam e Eric, foram os primeiros a localizar uma bela tora, mas não conseguiram fazer nada com ela até Ralph, Jack, Simon, Roger e Maurice arranjarem espaço para agarrar também o tronco. Então foram empurrando centímetro a centímetro a grotesca árvore morta morro acima, até estendê-la no topo da montanha. Cada grupo de meninos ia acrescentando uma contribuição, menor ou maior, e a pilha crescia. De volta aos troncos, Ralph viu-se sozinho num galho com Jack e os dois trocaram um sorriso, dividindo o peso da carga. Mais uma vez, em meio ao vento, aos gritos, à luz inclinada do sol no alto da montanha, difundia-se aquele encantamento, aquela luz estranha e invisível da amizade, da aventura e da satisfação.

"Quase pesado demais."

Jack sorriu de volta.

"Não para nós dois."

Juntos, congregados no esforço pelo peso da carga, subiram lentamente o trecho final da montanha. Juntos, contaram "Um! Dois! Três!" e jogaram o galho na pilha de lenha. Então deram um passo atrás, rindo de triunfo e prazer, de modo que Ralph precisou imediatamente plantar uma bananeira. Abaixo deles os meninos ainda se esforçavam, embora alguns dos menores tivessem perdido o interesse pela fogueira e saído pela floresta desconhecida à procura de frutas. Em seguida os gêmeos, demonstrando uma inteligência que nem aparentavam, chegaram ao alto da montanha trazendo braçadas de folhas secas, que jogaram em cima da pilha. Um a um, à medida que iam sentindo que a fogueira estava pronta, os meninos paravam de voltar a descer em busca de mais lenha e ficavam parados, tendo ao redor o topo da montanha, rosado e fragmentado. A respiração voltou a ficar regular, e o suor secou.

Ralph e Jack trocaram um olhar quando o grupo todo parou para descansar à volta deles. A descoberta constrangedora foi tomando corpo nos dois, e não sabiam como confessar seu erro.

Foi Ralph quem falou primeiro, com as faces muito vermelhas.

"Você primeiro?"

Limpou a garganta e continuou.

"Você acende o fogo?"

Agora que a situação absurda se revelava, Jack também corou. E começou a murmurar vagamente.

"A gente esfrega dois pauzinhos. Esfrega—"

Olhou para Ralph, que deixou escapar a admissão final de incompetência.

"Alguém tem fósforos?"

"A gente fabrica um arco e faz a flecha girar", disse Roger. E esfregou as mãos, imitando o processo. "Psss. Psss."

O ar se deslocava por sobre a montanha. Porquinho chegou com a brisa, de cueca e camisa, avançando laboriosamente para fora da floresta com o sol da tarde a refulgir nos seus óculos. Trazia a concha debaixo do braço.

Ralph gritou para ele.

"Porquinho! Você tem fósforos?"

Os outros meninos começaram a repetir a pergunta, até a montanha inteira ressoar: Porquinho abanou a cabeça e se aproximou da fogueira.

"Caramba! Vocês empilharam todo esse monte de lenha?"

De repente, Jack apontou.

"Os óculos dele — a gente pode usar a lente!"

Porquinho se viu cercado antes que conseguisse recuar.

"Me larga!" Sua voz adquiriu o tom de um grito de terror quando Jack arrancou os óculos do seu rosto. "Para com isso! E me devolve aqui! Não estou enxergando nada! Vocês vão quebrar a concha!"

Ralph afastou-o para o lado com o cotovelo, e ajoelhou-se ao lado da fogueira.

"Saia da luz."

Empurrões, puxões, e gritos. Ralph deslocava as lentes de um lado para o outro, para a frente e para trás, até uma imagem concentrada e muito luminosa do sol aparecer num pedaço de madeira podre. Quase na mesma hora, um filete de fumaça se ergueu e o fez começar a tossir. Jack se ajoelhou também, soprando de mansinho, a fumaça começou a se afastar para um lado, cada vez mais densa, e uma pequena chama apareceu. As chamas, de início quase invisíveis à luz clara do sol, logo engolfaram um graveto mais fino, cresceram, assumiram cores mais ricas e alcançaram um galho que explodiu com um estalo seco. As chamas adejaram mais altas e os meninos prorromperam em vivas.

"Meus óculos!", berrou Porquinho. "Devolve os meus óculos!"

Ralph se afastou da fogueira e pôs os óculos nas mãos ávidas de Porquinho, cuja voz se reduziu a um murmúrio:

"Tudo borrado, só isso. Eu mal conseguia ver a minha mão—"

Os meninos dançavam. A lenha estava tão apodrecida, e tão seca, que toras inteiras eram devoradas pelas chamas amarelas, que se lançavam para o alto e faziam uma imensa barba de chamas sacudir-se até cinco metros de altura. Por vários metros, a toda volta, o calor era como uma pancada, e a brisa se transformava numa torrente de fagulhas. Troncos se desfaziam em pó branco.

Ralph gritou.

"Mais lenha! Vocês todos, tragam mais madeira!"

A vida virou uma corrida contra o fogo, e os meninos se espalharam pelos trechos mais altos da floresta. Manter uma bandeira de fogo drapejando no alto da montanha era o objetivo imediato, e ninguém pensava em mais nada. Mesmo os meninos menores, quando não estavam atrás de frutas, traziam pedaços de lenha que jogavam no fogo. A brisa ficou um pouco mais intensa e se transformou num vento fraco, surgindo uma diferença clara entre os lados a favor e contra o vento. De um lado o ar estava fresco, mas do outro o fogo estendia um braço enfurecido de calor que esturricava os cabelos no mesmo instante. Os garotos que sentiam o vento do entardecer no rosto úmido foram parando para aproveitar seu frescor e então descobriram que estavam exaustos. Lançavam-se ao chão em meio às sombras que se distribuíam pelas pedras espalhadas. A barba de fogo logo diminuiu; e em seguida a fogueira desabou para dentro com um som abafado e cinéreo, lançando para cima um jorro de fagulhas que foi se afastando aos poucos, levado pelo vento. Os meninos ficaram ali parados, ofegando como cachorros.

Ralph levantou a cabeça que tinha apoiado nos antebraços.

"Não adiantou muita coisa."

Roger cuspiu com eficiência no pó quente.

"O que você quer dizer?"

"Não fez muita fumaça — só fogo."

Porquinho tinha se instalado no espaço entre duas pedras, sentado com a concha nos joelhos.

"A gente nem fez uma fogueira que preste", disse ele. "A gente podia tentar quanto

quisesse que não ia conseguir manter aceso um fogo como esse."

"Até parece que você estava tentando", disse Jack com ar de desprezo. "Só ficou aí sentado."

"A gente usou os óculos dele", lembrou Simon, espalhando o negrume do seu rosto com o antebraço. "Foi esse o jeito dele ajudar."

"A concha está comigo", replicou Porquinho, indignado. "Vocês precisam me deixar falar!"

"A concha não faz diferença no alto da montanha", disse Jack, "e pode ir calando a boca".

"A concha está na minha mão."

"Galhos verdes", disse Maurice. "É a melhor maneira de fazer fumaça."

"A concha—"

Jack virou-se, furioso.

"Cala a boca!"

Porquinho murchou. Ralph tirou a concha das suas mãos e correu os olhos pelo círculo de garotos.

"A gente precisa ter pessoas encarregadas de cuidar da fogueira. Qualquer dia um navio pode aparecer" — gesticulou com o braço na direção do fio tenso do horizonte — "e, se a gente tiver um sinal aceso, eles encostam pra nos resgatar. E mais uma coisa. A gente precisa de mais uma regra. Aonde a concha vai, está acontecendo uma reunião. Tanto aqui em cima como lá embaixo".

Todos concordaram. Porquinho abriu a boca para falar, percebeu o olhar de Jack e fechou-a de novo. Jack estendeu as mãos para pedir a concha e se levantou, segurando o objeto delicado nas mãos sujas de fuligem.

"Concordo com Ralph. A gente precisa de regras, e precisa obedecer as regras. Afinal, não somos selvagens. Somos ingleses; e os ingleses são os melhores do mundo em tudo. Por isso, a gente precisa fazer as coisas do jeito certo."

Virou-se para Ralph.

"Ralph — vou dividir o coro — quer dizer, os meus caçadores — em grupos, e a gente se responsabiliza por manter o fogo aceso—"

A generosidade provocou aplausos esparsos dos meninos, e Jack lhes dirigiu um sorriso, acenando em seguida com a concha para pedir silêncio.

"Agora a gente deixa a fogueira queimar até o fim. De qualquer maneira, ninguém ia enxergar a fumaça de noite. E a gente pode acender uma outra na hora que a gente quiser. Os contraltos cuidam de manter o fogo aceso esta semana, e os sopranos, na semana que vem—"

A assembleia assentiu, com ar compenetrado.

"E a gente também cuida de vigiar. Se alguém enxergar um navio passando por ali" — e todos seguiram com os olhos a direção de seu braço ossudo — "cobre a fogueira de galhos verdes. Aí a fumaça aumenta".

Olharam fixamente para o azul denso do horizonte, como se alguma silhueta pudesse surgir ali a qualquer momento.

No oeste, o sol era um globo de ouro ardente que se aproximava cada vez mais do limiar do mundo. Imediatamente, todos perceberam que a noite seria o fim da luz e do calor.

Roger pegou a concha e correu os olhos em volta com um ar preocupado.

"Estava olhando para o mar. Nem sinal de navio nenhum. Pode ser que ninguém apareça pra salvar a gente."

Um murmúrio se ergueu e foi levado embora. Ralph recuperou a concha.

"Eu disse que em algum momento vão aparecer pra buscar a gente. A gente precisa

esperar; só isso."

Com uma ousadia indignada, Porquinho pegou a concha.

"Foi o que eu disse! Falei da reunião, e tudo, mas aí vocês me mandaram calar a boca—"

Sua voz foi afinando enquanto assumia o tom choroso de recriminação. Os outros se agitaram e começaram a gritar para ele parar de falar.

"Você disse que queria uma fogueira pequena, mas aí eles foram e construíram uma fogueira do tamanho de uma pilha de feno. Sempre que eu digo alguma coisa", gritou Porquinho, com um realismo amargo, "vocês me mandam calar a boca; mas quando Jack, Maurice ou Simon —"

Fez uma pausa no meio do tumulto, de pé, olhando para além dos outros e para a encosta mais íngreme da montanha, na direção do trecho onde tinham encontrado tantas árvores mortas. E então soltou um riso tão estranho que todos se calaram, olhando espantados para o clarão que se refletia em seus óculos. E olharam na mesma direção que ele, para constatar o motivo de sua amarga ironia.

"Fizeram mesmo uma fogueira bem pequena."

A fumaça subia aqui e ali em meio aos cipós que pendiam das árvores mortas ou quase mortas. Enquanto todos olhavam, uma chama brotou no pé de um cipó seco e a fumaça ficou mais espessa. Pequenas chamas se agitavam na base do tronco de uma árvore e se espalharam pelas folhas e o mato baixo, multiplicando-se e aumentando de intensidade. Um risco de fogo atingiu uma árvore e escalou seu tronco como um esquilo luminoso. A fumaça aumentou, agitou-se, começou a se espalhar. O esquilo pulou nas asas do vento e saltou para o tronco de outra árvore de pé, devorando-a de cima para baixo. Por baixo do dossel escuro de folhas e fumaça o fogo tomou conta da floresta e começou a consumi-la. Uma quantidade imensa de fumaça negra e amarela se deslocava agora na direção do mar. Diante da visão das chamas e do avanço irresistível do fogo, os meninos começaram a gritar vivas agudos e animados. As chamas, lembrando um animal selvagem, arrastavam-se com a barriga no chão como uma onça na direção das árvores novas que se erguiam numa ponta de pedra rosada. Atingiram a primeira delas, e seus galhos se transformaram numa efêmera copa de fogo. O coração da chama se atirava com agilidade de árvore em árvore, e em seguida se espalhou, aos saltos e clarões, por todas elas. Abaixo dos meninos que ainda pulavam, mais de quinhentos mil metros quadrados de floresta eram assolados pela fumaça e pelo fogo. Os ruídos que o fogo produzia foram se combinando num rufar de tambores que parecia abalar toda a montanha.

"Uma fogueira bem pequena mesmo."

Assustado, Ralph percebeu que os meninos se calavam e paravam de se agitar, sentindo chegar o medo das forças que tinham desencadeado pouco abaixo de onde se encontravam. Essa ideia, e o medo, o deixaram furioso.

"Cala a boca!"

"A concha está comigo", disse Porquinho, com uma voz magoada. "Eu tenho o direito de falar."

Todos o fitaram com olhos desprovidos de interesse pelo que viam, a atenção concentrada nos tambores do fogo. Porquinho olhou nervoso na direção do incêndio e segurou a concha mais perto do corpo.

"Agora a gente precisa deixar queimar. E lá se vai a nossa lenha."

Lambeu os lábios.

"A gente não pode fazer nada. Mas devia tomar mais cuidado. Estou com medo— "

Jack desviou os olhos do fogo.

"Ora, você está sempre com medo — Gorducho!"

"A concha está comigo", disse Porquinho em tom de desânimo. Virou-se para Ralph. "A concha está comigo, não é, Ralph?"

Contra a vontade, Ralph desviou os olhos do espetáculo esplêndido e assustador.

"O quê?"

"A concha. Eu tenho o direito de falar."

Os gêmeos riram ao mesmo tempo.

"A gente queria fumaça—"

"E agora—"

Um manto de fumaça se irradiava da ilha por vários quilômetros. Todos os meninos, menos Porquinho, começaram a rir; em pouco tempo, estavam às gargalhadas.

Porquinho perdeu a cabeça.

"A concha está comigo! Vocês deviam prestar atenção! A primeira coisa que a gente devia ter feito era construir algum tipo de barraca perto da praia. Lá não faz tanto frio de noite. Mas assim que o Ralph fala de fogo sai todo mundo berrando e subindo o morro. Feito um bando de crianças!"

A essa altura, todos davam ouvidos à repreensão.

"Como é que vocês esperam ser salvos, se não fazem as coisas direito nem na ordem certa?"

Tirou os óculos e fez menção de largar a concha; mas o movimento imediato da maioria dos meninos mais velhos na direção dela o fez mudar de ideia. Pôs a concha debaixo do braço, e acocorou-se numa pedra.

"E aí, quando a gente chega aqui em cima, vocês armam uma fogueira que não serve pra nada. E depois ainda botam fogo na ilha toda. Não vai ser engraçado, se a ilha queimar inteira? Fruta cozida pra comer, e porco assado. E não tem graça nenhuma! A gente resolveu que Ralph era o chefe, mas ninguém dá tempo pra ele pensar. Então, assim que ele diz alguma coisa sai todo mundo correndo, feito, feito—"

Fez uma pausa para respirar, e o fogo continuava queimando.

"E não é só isso. Os garotinhos. Os pequenos. Alguém cuidou deles? Quem sabe quantos eles são?"

Ralph deu um passo à frente.

"Eu disse pra você contar. Disse pra você fazer a lista dos nomes!"

"Mas como é que eu podia fazer a lista", gritou Porquinho, indignado, "sem ajuda? Eles só ficaram parados dois minutos, depois caíram no mar; daí foram para a floresta; e se espalharam pelo lugar todo. Como é que eu vou saber quem é quem?"

Ralph lambeu os lábios pálidos.

"Então você não sabe quantos nós somos?"

"Como é que eu podia saber, com os pequenos correndo de um lado para o outro? E aí, quando vocês três voltaram, assim que você fala de fazer uma fogueira todo mundo sai correndo, e eu nem tive tempo—"

"Chega!", cortou Ralph, e pegou a concha de volta. "Se não deu pra contar, não deu."

"— aí vocês vieram pra cá, arrancaram os meus óculos—"

Jack virou-se para ele.

"Cala essa boca!"

"—e os pequenos correndo de um lado para o outro bem ali onde a floresta queimou. Como é que você sabe que ainda não estão lá?"

Porquinho se levantou e apontou para a fumaça e as chamas. Um murmúrio se ergueu entre os meninos, e morreu. Alguma coisa estranha estava acontecendo com Porquinho, porque

ele arquejava, tentando respirar.

"O pequeno—", ofegou Porquinho, "com a marca na cara, esse eu não vi mais. Onde é que ele está?".

Um silêncio de morte caiu sobre o grupo.

"Aquele que falou das cobras. Ele estava bem ali—"

Uma árvore explodiu no meio do incêndio, parecendo uma bomba. Pencas de cipós compridos se ergueram por um momento, em agonia, e tornaram a pender. Os meninos menores gritaram.

"Cobras! Cobras! Eram cobras!"

A oeste, sem que ninguém se desse conta, o sol só pairava a poucos centímetros do mar. Os rostos de todos eram tingidos de vermelho pela luz que vinha de baixo. Porquinho desabou numa pedra, que agarrou com as duas mãos.

"Aquele pequeno com a marca na — cara — aonde — ele foi parar? Estou dizendo que não vi mais ele."

Os meninos se entreolhavam com medo, sem acreditar.

"—aonde ele foi parar?"

Ralph murmurou uma resposta, como que envergonhado.

"Talvez ele tenha voltado pra, pra—"

Atrás deles, na encosta mais íngreme da montanha, os tambores continuavam a rufar.

Capítulo três
Cabanas na praia

Jack estava dobrado em dois. Sua postura era a de um corredor, com o nariz poucos centímetros acima da terra úmida. Os troncos de árvores e os cipós que deles pendiam desapareciam numa sombra esverdeada uns dez metros acima dele, e a toda sua volta o mato baixo se espalhava. Captava apenas rastros muito tênues; um ramo partido, e o que podia ser a marca lateral de um casco. Abaixou mais ainda o queixo e fitou aquelas pistas como se tentasse obrigá-las a dizer-lhe alguma coisa. Em seguida, parecendo um cão de caça, andando desconfortavelmente de quatro mas sem dar atenção a seu desconforto, avançou mais alguns metros e parou. Ali havia um cipó pendente com uma ramificação que formava uma alça. A alça estava lustrosa na parte de baixo; os porcos, passando por ali, haviam roçado na planta com seus pelos eriçados.

Jack se agachou com o rosto a poucos centímetros dessa pista e em seguida olhou para a frente, esquadrinhando a penumbra da mata. Seus cabelos alourados, consideravelmente mais compridos do que eram na chegada à ilha, estavam mais claros; e suas costas nuas mostravam-se cobertas de sardas escuras e pedaços de pele que descascava, crestada pelo sol. Trazia uma vara pontiaguda de mais ou menos um metro e meio de comprimento na mão direita e, além das calças curtas surradas, sustentadas pelo cinto em que carregava a faca, não usava mais nada. Fechou os olhos, ergueu a cabeça e farejou com as narinas infladas, testando a corrente de ar quente em busca de informações. A floresta e ele não faziam barulho algum.

Depois de algum tempo, soltou o ar num suspiro prolongado e abriu os olhos. Eram de um azul brilhante, olhos que em sua frustração pareciam fora de controle e quase enlouquecidos. Passou a língua pelos lábios secos e sondou a floresta que sonegava seus segredos. Em seguida, avançou um pouco mais, examinando o solo aqui e ali.

O silêncio da floresta era mais opressivo que o calor, e àquela hora do dia não se escutava sequer o zumbido dos insetos. Só quando o próprio Jack fez um pássaro colorido abandonar seu ninho primitivo de gravetos o silêncio foi quebrado, e ecos soaram desencadeados por um grito roufenho que parecia provir do abismo dos tempos. O próprio Jack se encolheu ao ouvir esse grito, inspirando pela boca num arranco sibilante; e por um minuto deixou de ser um caçador, transformando-se antes numa coisa furtiva, simiesca, perdida no emaranhado de árvores. Então o rastro e a frustração tornaram a absorver sua atenção, e ele voltou a vasculhar avidamente o solo, à procura de mais pistas. Ao pé do tronco de uma árvore imensa que ostentava flores claras crescendo direto no tronco cinzento, ele parou, fechou os olhos e mais uma vez farejou o ar quente; dessa vez sua respiração foi curta, uma palidez breve tomou conta do seu rosto e depois o sangue voltou a afluir. Atravessou como uma sombra a área escura debaixo da árvore e se acocorou, examinando o solo muito pisado a seus pés.

Os excrementos estavam quentes. Amontoavam-se num trecho de terra revolvida. Eram de cor verde-oliva, muito lisos, e ainda emanavam um pouco de fumaça. Jack ergueu a cabeça e correu os olhos pelas inescrutáveis massas de lianas que obstruíam a trilha. Em seguida, levantou a lança e começou a avançar em silêncio. Para além dos cipós, a trilha se reunia a uma picada que tinha largura e permanência suficientes para ser vista como um caminho habitual dos porcos. O chão era batido e mais duro devido à frequência com que o caminho era usado, e quando esticou o corpo Jack ouviu alguma coisa se movendo. Recuou o braço direito e arremessou a lança com toda

a força. Do caminho veio o tropel rápido e duro dos cascos, um som de castanholas, sedutor, eletrizante — a promessa de carne. Atravessou o mato num arranco e recuperou sua lança. O tropel dos porcos se desfez na distância.

Jack ficou ali parado, encharcado de suor, sujo de terra escura, manchado por todas as vicissitudes de um dia de caçada. Xingando, desviou-se da trilha e abriu caminho em meio às plantas até a floresta ficar um pouco mais esparsa. Em vez de troncos castanhos sustentando uma cúpula escura, os troncos ali eram de um cinza-claro, e as copas, de palmas plumosas. Além delas, era possível ver o brilho do mar e ouvir vozes. Ralph estava de pé ao lado de uma estrutura composta de troncos de coqueiro e folhas, um abrigo improvisado que parecia a ponto de desabar, erguido de frente para a laguna. E Ralph nem percebeu quando Jack lhe dirigiu a palavra.

"Tem água?"

Ralph, com a testa franzida, desviou os olhos da complexidade do arranjo das folhas. E não tomou conhecimento da presença de Jack nem mesmo quando o viu.

"Perguntei se você tem alguma água. Estou com sede."

Ralph desviou a atenção do abrigo e percebeu a presença de Jack com um sobressalto.

"Ah, oi. Água? Ali, perto da árvore. Ainda deve ter sobrado alguma coisa."

Jack pegou meia casca de coco repleta de água potável de uma série de cascas dispostas à sombra, e bebeu. A água escorreu pelo seu queixo, pescoço e peito. Ele respirou alto quando terminou.

"Estava precisando disso."

Simon falou, de dentro do abrigo.

"Mais um pouco pra cima."

Ralph virou-se para o abrigo e levantou um galho ainda guarnecido de todas as suas folhas.

O telhado de folhas se desmontou e desabou no chão. O rosto contrito de Simon despontou no buraco aberto.

"Desculpe."

Ralph passou em revista o desastre, com ar desgostoso.

"A gente nunca vai terminar."

E atirou-se no chão, perto dos pés de Jack. Simon continuava dentro do abrigo, olhando para fora pelo buraco no telhado. Do chão, Ralph explicou.

"Faz dias que a gente está trabalhando. E olha só!"

Havia dois abrigos de pé, mas nada firmes. Este, o terceiro, estava arruinado.

"E todo mundo sempre correndo pra longe. Lembra da reunião? Todo mundo dizendo que ia trabalhar duro até acabar de construir os dormitórios?"

"Menos eu e os meus caçadores—"

"Menos os caçadores. Pois os pequenos—"

E gesticulou, à procura das palavras.

"Os pequenos não têm jeito. E os mais velhos não são muito melhores. Está vendo? Passei o dia inteiro trabalhando com o Simon. Mais ninguém. Está todo mundo no mar, ou comendo, ou brincando."

Simon pôs a cabeça para fora, cauteloso.

"Você é o chefe. Manda eles pararem."

Ralph continuou deitado no chão, olhando para os coqueiros e o céu.

"Reunião. A gente adora fazer reunião. Todo dia. Duas vezes por dia. E a gente fala." Apoiou-se num dos cotovelos. "Se eu tocasse a concha agora, aposto que todo mundo vinha correndo. Aí, sabe como é, todo mundo com a cara mais solene, aí alguém diz que a gente precisa

construir um avião a jato, um submarino, ou uma televisão. Depois que a reunião acaba, todo mundo só trabalha uns cinco minutos e depois se afasta ou sai pra caçar."

Jack corou.

"A gente precisa de carne."

"Mas ainda não conseguiu. E também precisa de abrigo. Além disso, o resto dos caçadores já voltou tem várias horas. E foram direto tomar banho de mar."

"Eu continuei sozinho", disse Jack. "E deixei eles virem embora. Eu precisava continuar. Eu—"

Tentou explicar a compulsão de perseguir e matar que tomava conta dele.

"Eu continuei. Achei que, sozinho—"

A loucura tornou a aparecer nos seus olhos.

"—conseguia matar alguma coisa."

"Mas não matou."

"Achei que conseguia."

Alguma paixão oculta vibrava na voz de Ralph.

"Mas ainda não matou nada."

E seu desafio podia até passar por casual, se não fosse pelo tom em que falava.

"E nem passa pela sua cabeça ajudar na construção dos dormitórios?"

"A gente precisa de carne—"

"Mas ninguém traz."

Agora o antagonismo era claro.

"Mas eu vou trazer! Da próxima vez! Só preciso fazer uma farpa na ponta dessa lança! Já acertamos um porco, mas a lança saiu da ferida. Se a gente conseguisse fazer uma farpa—"

"A gente precisa é de dormitórios."

De repente, Jack gritou, enraivecido.

"Você está me acusando—?"

"Só estou dizendo que a gente trabalhou pra burro. Só isso."

Estavam os dois com o rosto vermelho, quase sem conseguir olhar um na cara do outro. Ralph rolou, deitou-se de bruços e começou a brincar com a relva.

"Se chover igual ao dia em que a gente desceu, a gente vai precisar de abrigo. E mais uma coisa. A gente precisa de abrigo por causa dos—"

Fez uma pausa breve e os dois se desfizeram da raiva. Então ele continuou, tratando do outro assunto, este seguro.

"Você reparou, não reparou?"

Jack largou a lança e se acocorou.

"Reparei no quê?"

"Bom. Eles estão com medo."

Virou-se e olhou para o rosto feroz e sujo de Jack.

"Quer dizer. Do jeito que as coisas estão. Eles têm sonhos. Dá pra ouvir. Você já ficou acordado de noite?"

Jack sacudiu a cabeça.

"Eles falam e gritam. Os pequenos. E mesmo um ou outro dos maiores. Como se—"

"Como se a ilha não fosse boa."

Surpresos com a interrupção, eles ergueram os olhos para o rosto de Simon.

"Como se o monstro", disse Simon, "o tal bicharoco, ou a tal coisa-cobra, fosse de verdade. Vocês se lembram?"

Os dois meninos mais velhos estremeceram ao ouvir a palavra. Ninguém mais falava de

cobra nenhuma, não era uma coisa que se pudesse mencionar.

"Como se a ilha não fosse boa", disse Ralph devagar. "Pois é, isso mesmo."

Jack levantou o tronco e esticou as pernas.

"Eles estão maluquinhos."

"Todos doidos. Lembra de quando a gente saiu pra explorar?"

Trocaram sorrisos, lembrando-se do encantamento do primeiro dia. Ralph prosseguiu.

"Então. A gente precisa dos dormitórios pra serem assim a nossa—"

"Casa."

"Isso mesmo."

Jack dobrou as pernas, abraçou os joelhos e franziu o rosto num esforço para conseguir ver claramente.

"Ainda assim — na floresta. Quer dizer, quando você está caçando — não quando sai pra pegar frutas, claro, mas quando fica sozinho—"

Fez uma pausa, sem saber se Ralph iria levá-lo a sério.

"Que mais?"

"Quando a gente está caçando, às vezes sente que—" E corou de repente.

"Não quer dizer nada, claro. É só uma sensação. E você tem a impressão que não está caçando, mas — sendo caçado; como se tivesse alguma coisa atrás de você o tempo todo no meio da selva."

Os dois se calaram de novo: Simon atento, Ralph incrédulo e um pouco indignado. Levantou o corpo e se deitou no chão, esfregando um dos ombros com a mão suja.

"Bom, eu não sei."

Jack se pôs de pé num salto, falando muito depressa:

"Às vezes a gente se sente assim na floresta. Claro que não é nada. É só — é só—"

Deu alguns passos rápidos na direção da praia, antes de dar meia-volta.

"É só que eu sei como a pessoa se sente. Entendeu? Só isso."

"A melhor coisa que a gente podia fazer era ser resgatados logo."

Jack precisou pensar algum tempo antes de entender do que Ralph estava falando.

"Resgatados? Ah, claro! Mesmo assim, antes disso eu queria pegar um porco—" Agarrou a lança e cravou a ponta no solo. Aquela expressão opaca e enlouquecida tornou a aparecer em seus olhos. Ralph olhou para ele com ar crítico, através dos cabelos claros emaranhados.

"Contanto que os seus caçadores não esqueçam a fogueira—"

"Você e essa sua fogueira!"

Os dois meninos seguiram trotando pela praia e, desviando-se à beira do mar, viraram-se para contemplar a montanha cor-de-rosa. Um fio de fumaça ainda traçava uma linha de giz pelo azul do céu limpo acima deles, descrevendo algumas curvas bem no alto antes de desaparecer. Ralph franziu o rosto.

"Até que distância será que dá pra ver essa fumaça?"

"Vários quilômetros."

"Estamos fazendo pouca fumaça."

A parte inferior do fio de fumaça, como que reagindo ao olhar dos meninos, engrossou e adquiriu um frêmito cremoso que se transmitiu até o alto da coluna tênue.

"Eles puseram os galhos verdes", murmurou Ralph. "Imagino que sim!" Apertou os olhos e virou-se para perscrutar o horizonte.

"Agora eu vi!"

Jack gritou tão alto que Ralph deu um pulo.

"O quê? Onde? Um navio?"

Mas Jack apontava para os declives mais altos que conduziam da montanha para a parte mais plana da ilha.

"É claro! É ali que eles se metem — só pode ser, quando o sol fica quente demais—"

Ralph olhou espantado para seu rosto arrebatado.

"—eles andam e sobem o morro. Sobem e procuram uma sombra, pra descansar nas horas mais quentes, como as vacas fazem na Inglaterra—"

"Achei que você tinha visto um navio!"

"A gente podia chegar bem perto deles — com as caras pintadas pra eles não verem — talvez cercar todo o bando, e então—"

A indignação fez Ralph perder o controle.

"Eu estava falando da fumaça! Você não quer ser resgatado? Agora você passa o tempo todo pensando só em porco, porco, porco!"

"Mas a gente precisa de carne!"

"E eu passo o dia inteiro trabalhando só com o Simon, daí você volta e nem repara nas cabanas!"

"Eu também estava trabalhando—"

"Mas fazendo uma coisa que você gosta!", gritou Ralph. "O que você quer é caçar! Já eu —"

Ficaram um de frente para o outro na praia ensolarada, espantados com a intensidade das mágoas. Ralph desviou os olhos primeiro, fingindo interesse por um grupo de pequenos na areia. Do outro lado da plataforma chegavam os gritos dos caçadores que mergulhavam na piscina. Na ponta da plataforma estava Porquinho, deitado de bruços, olhando para a água transparente.

"Ninguém está ajudando muito."

Queria explicar como as pessoas nunca são exatamente o que você pensa delas.

"Simon. Ele ajuda." Apontou para os dormitórios.

"Todo o resto correu pra longe. Ele trabalhou tanto quanto eu. Só que—"

"Simon está sempre por perto."

Ralph tomou o caminho de volta para os dormitórios, tendo Jack a seu lado.

"Vou te ajudar um pouco", murmurou Jack, "antes de ir tomar banho".

"Nem precisa."

Mas quando chegaram aos dormitórios Simon não estava à vista. Ralph enfiou a cabeça no buraco, depois tirou e virou-se para Jack.

"Ele se mandou."

"Ficou cheio", disse Jack, "e foi dar um mergulho".

Ralph franziu o rosto.

"Ele é estranho. É diferente."

Jack assentiu com a cabeça, em concordância ou qualquer outra coisa, e por acordo tácito os dois deixaram o abrigo na direção da piscina em que todos preferiam mergulhar.

"E então", disse Jack, "depois de dar um mergulho e comer alguma coisa, vou andar até o outro lado da montanha ver se encontro algum rastro. Quer vir também?"

"Mas já está quase no fim da tarde!".

"Pode ser que dê tempo—"

E continuaram caminhando lado a lado, dois continentes de experiências e sentimentos incapazes de se comunicar.

"Se eu pelo menos conseguisse pegar um porco!"

"Vou voltar e continuar construindo o dormitório."

Trocaram um olhar, contido, de amor e ódio. E toda a água salgada e morna da piscina,

mais os gritos, as brincadeiras e os risos, mal foram suficientes para reaproximar os dois.

Simon, que esperavam encontrar na água, não estava na piscina.

Quando os outros dois partiram rumo à praia para olhar na direção da montanha, ele os acompanhou por alguns metros e depois parou. Ficou de pé, de rosto franzido, diante de um monte de areia na praia, onde alguém tinha tentado construir uma casinha ou cabana. Então deu as costas para o monte de areia e entrou na floresta com um ar determinado. Era um menino miúdo e magro, com o queixo em ponta e os olhos tão brilhantes que davam a Ralph a impressão errônea de estar diante de um menino sempre alegre e malicioso. Seus cabelos grossos e negros eram longos e caíam para a frente, quase escondendo uma testa baixa mas larga. Usava os farrapos que restavam de suas calças curtas, e andava com os pés descalços, como Jack. Tendo uma cor mais morena, o sol tinha deixado Simon com um bronzeado escuro, reluzente de suor.

Ele caminhou pela cicatriz na mata acima, passando pelo rochedo que Ralph tinha escalado no primeiro dia e depois virando à direita, enveredando entre as árvores. Caminhava com um passo regular em meio à extensa área de árvores frutíferas, onde os meninos de menos disposição podiam encontrar uma refeição mais fácil, embora insatisfatória. Flores e frutas cresciam juntas nas mesmas árvores, e por toda parte se espalhavam o aroma de frutas maduras e o zumbido de um milhão de abelhas em atividade. Aqui, os pequenos que tinham corrido atrás dele o alcançaram. Tagarelavam, soltavam gritos ininteligíveis, tentavam conduzi-lo para as árvores. E então, em meio ao rumor das abelhas ao sol da tarde, Simon pegou para eles as frutas que não alcançavam, colheu as melhores em meio à folhagem e as passou para as mãos infindáveis que se estendiam para ele. Quando os pequenos ficaram satisfeitos, Simon fez uma pausa e correu os olhos em volta. Os pequenos o observavam com uma expressão inescrutável, por sobre mãos cheias de frutas maduras.

Simon deu-lhes as costas e caminhou no rumo indicado por uma trilha quase imperceptível. Logo se viu cercado por floresta alta. Troncos compridos exibiam inesperadas flores claras até as copas escuras, onde a vida se desenrolava clamorosa. O ar aqui também era escuro, e os cipós lançavam-se galhos abaixo como o cordame de veleiros fundeados. Simon deixava pegadas fundas no solo macio, e os cipós estremeciam de cima a baixo cada vez que esbarrava num deles.

Chegou finalmente a um lugar onde caía mais luz do sol. Como não precisavam avançar muito para chegar à luz, ali as trepadeiras haviam tecido uma imensa esteira suspensa de um dos lados de uma clareira no meio da selva, pois ali uma pedra aflorava até bem perto da superfície e só permitia o crescimento de fetos e plantas de pequeno porte. Toda a clareira era rodeada de arbustos escuros e aromáticos, e formava uma tigela de luz e calor. Uma árvore imensa, caída num dos cantos, apoiava-se nas árvores ainda de pé, e uma trepadeira oportunista lançava gavinhas vermelhas e amarelas que chegavam até o alto de sua copa.

Simon parou. Olhou por cima do ombro, como Jack tinha feito, para os caminhos atrás de si, e correu rapidamente os olhos em volta para confirmar que estava inteiramente a sós. Por algum tempo, seus movimentos foram quase furtivos. Então encostou no chão e rastejou até o centro da esteira suspensa. Os cipós e as trepadeiras cresciam tão densos que Simon deixava neles um rastro de suor, e a esteira tornava a se fechar à sua passagem. Quando chegou bem ao centro, viu-se numa espécie de cabine escondida da clareira por uma cortina da espessura de poucas folhas. Acocorou-se, afastou as folhas e estudou a clareira. Nada se mexia, além de um casal de borboletas revoluteando uma em volta da outra no ar quente. Contendo a respiração, aguçou o ouvido para captar os sons da ilha. A noite avançava para a ilha; o canto dos pássaros de colorido fantástico, o zunir das abelhas, até mesmo o grito das gaivotas que retornavam para seus ninhos

em meio às pedras quadradas estavam atenuados. O mar profundo que se quebrava a quilômetros dali, contra o recife de coral, produzia um ruído de fundo menos perceptível que o sussurro do seu próprio sangue.

Simon tornou a cerrar a cortina de folhas. A declinação das faixas de luz do sol cor de mel foi diminuindo; a luz escorria rumo ao alto dos arbustos, passando por cima dos brotos que lembravam velas, deslocando-se até a copa das árvores enquanto a escuridão se adensava debaixo da folhagem. Com a redução da luz, as cores vivas ficavam amortecidas; o ar e a urgência começavam a esfriar. Os brotos em forma de velas estremeceram. Suas sépalas verdes encolheram-se um pouco, deixando que as pontas brancas de suas flores emergissem, delicadas, rumo ao ar livre.

Agora a luz do sol tinha subido mais e deixado de todo a clareira, retirando-se do céu. As trevas inundaram tudo, submergindo os caminhos entre as árvores até deixá-los indistintos e estranhos como o fundo do mar. Os brotos de vela abriram suas amplas flores brancas que reluziram à pouca luz que produziam as primeiras estrelas. Seu perfume espalhou-se pelo ar, e se apossou de toda a ilha.

Capítulo quatro
Caras pintadas e cabelos compridos

O primeiro ritmo a que os meninos se habituaram foi o vagaroso movimento pendular que levava da aurora ao rápido anoitecer. Aceitaram os prazeres da manhã, o sol forte, o mar extenso e o ar suave, como a hora do dia em que brincar era bom e a vida tão repleta que a esperança não era necessária, e portanto ficava esquecida. Em torno do meio-dia, à medida que as torrentes de luz começavam a cair mais perto da perpendicular, as cores definidas da manhã suavizavam-se em perolados e opalescências; e o calor — como se a altura do sol a pino lhe desse um novo ímpeto — transformava-se num bombardeio que os meninos procuravam evitar, correndo para a sombra e ali se estendendo, talvez até dormindo.

Coisas estranhas sucediam ao meio-dia. O mar cintilante se dilatava, afastando-se em planos de gritante impossibilidade; o recife de coral e as poucas palmeiras atrofiadas que se aferravam às suas partes mais altas se elevavam pairando no céu, tremulavam, pareciam ser arrancadas, escorriam como gotas de chuva por um fio ou se multiplicavam numa bizarra sucessão de espelhos. Às vezes assomava terra onde terra não havia, e flutuava para longe como uma bolha de sabão ante os olhos das crianças. Porquinho, esclarecido, não dava atenção a nenhuma dessas coisas, que definia como "miragens"; e como nenhum dos meninos tinha como chegar nem mesmo ao recife, atravessando o trecho de mar patrulhado por tubarões à caça, todos foram se habituando a esses mistérios, que acabaram ignorando da mesma forma que ignoravam a milagrosa pulsação das estrelas. Ao meio-dia as ilusões se mesclavam ao céu, de onde o sol fitava tudo como um olho furioso. E então, ao final da tarde, as miragens cediam e o horizonte se mostrava liso e azul, recortado só quando o sol começava a declinar. Este era outro momento de relativo frescor, mas ameaçado pelo advento da escuridão. Quando o sol desaparecia, as trevas desabavam sobre a ilha como o cone usado para apagar a chama de uma vela, e logo os dormitórios se enchiam de inquietação, debaixo das estrelas remotas.

Ainda assim, a tradicional distribuição norte-europeia de trabalho, diversão e alimentação ao longo do dia impedia um ajuste integral dos meninos ao novo ritmo. Um dia, o pequeno Percival entrou num dos abrigos e passou dois dias inteiros lá dentro, falando, cantando e chorando, até todo mundo acreditar que ele tinha enlouquecido e começar até a achar uma certa graça naquilo. Desde então, parecia sempre doente, com os olhos vermelhos e muito infeliz; um pequeno que brincava pouco e chorava toda hora.

Os meninos mais novos eram conhecidos pelo título genérico de "pequenos". O decréscimo das idades a partir de Ralph era gradual, e embora houvesse uma região dúbia onde se situavam Simon, Robert e Maurice, não havia a menor dificuldade em reconhecer quem eram os grandes, de um lado, e os pequenos, do outro. Os inquestionavelmente pequenos, com idade em torno de seis anos, levavam uma vida à parte, bastante distinta mas nem por isso menos intensa. Passavam a maior parte do dia comendo, colhendo frutas sempre que conseguiam e sem usar de muito critério em matéria de qualidade ou ponto de maturação. A essa altura, já estavam todos acostumados com dores de estômago e uma espécie de diarreia crônica. Passavam por terrores indizíveis no escuro, e costumavam aglomerar-se em busca de consolo. Além da comida e do sono, ainda achavam tempo para as mais variadas brincadeiras triviais, na areia branca junto à água clara. Era bem mais raro do que se podia esperar vê-los chorando de saudade das mães; estavam todos

muito bronzeados, e cobertos de imundície. Obedeciam sempre à convocação da concha, em parte porque era Ralph quem tocava e Ralph era bem maior do que eles, o bastante para ser visto como um elo com o mundo adulto da autoridade; e em parte porque se divertiam nas reuniões. Afora isso, raramente se interessavam pelos grandes, e sua vida coesa de emoções passionais transcorria à parte.

Construíram castelos na areia da barra do riacho. Cada um deles tinha uns trinta centímetros de altura e era enfeitado de conchas, flores murchas e pedras interessantes. Em torno dos castelos se distribuía um complexo de linhas, caminhos, muralhas e linhas de trem que só faziam sentido se examinados com o olho ao nível da praia. Era ali que brincavam os pequenos, se não felizes, pelo menos absortos; e era comum que até três deles participassem das brincadeiras ao mesmo tempo.

E havia três deles brincando agora — o maior dos quais era Henry. Que também era primo distante daquele outro menino com a mancha escura no rosto, que ninguém mais tinha visto depois da noite do grande incêndio; mas Henry ainda não tinha idade para entender o acontecido, e se alguém lhe dissesse que o outro garoto tinha voltado para casa de avião, ele teria aceitado a notícia sem discussão ou qualquer suspeita.

Henry estava mais ou menos no comando aquela tarde, porque os outros dois eram Percival e Johnny, os meninos mais novos da ilha. Percival tinha um colorido desbotado e nem a sua mãe jamais o considerou muito atraente; Johnny tinha uma boa constituição, cabelos claros, e era dotado de uma beligerância natural. Mas nesse momento ele se mostrava cordato porque a brincadeira o interessava; e os três meninos, ajoelhados na areia, estavam em paz uns com os outros.

Roger e Maurice emergiram da floresta. Tinham passado a outros a missão de alimentar a fogueira, e desceram para um mergulho. Roger abria caminho por entre os castelos, que derrubava aos pontapés, cobrindo as flores de areia e espalhando as pedras escolhidas. Maurice vinha logo atrás, rindo, e reforçava a destruição do outro. Os três pequenos interromperam sua brincadeira e ergueram os olhos. Por acaso, os alvos em que tinham um interesse especial não foram atingidos, de maneira que nem protestaram. Só Percival começou a choramingar por causa de um pouco de areia que lhe caiu no olho, e Maurice correu para longe dele. Numa vida passada, Maurice tinha levado uma surra por jogar areia nos olhos de um menino mais novo. E agora, apesar da ausência de pais que pudessem castigá-lo com mão pesada, Maurice tornava a sentir o desconforto do malfeito. No fundo de sua mente, tomaram forma os contornos incertos de uma desculpa. Ele murmurou alguma coisa sobre um mergulho e saiu correndo.

Roger continuou por ali, observando os pequenos. Não estava mais bronzeado do que quando tinha chegado à ilha, mas seu farto cabelo preto, que lhe descia pela nuca e pela testa, parecia adequado a seu rosto melancólico e tornava ameaçadora uma reserva que em princípio parecia apenas antissocial. Percival parou de choramingar e continuou brincando, pois as lágrimas removeram a areia dos seus olhos. Johnny ficou olhando para ele com seus olhos muito azuis, depois começou a jogar jorros de areia para o alto, provocando novas lágrimas de Percival.

Quando Henry se cansou de brincar na areia e saiu andando pela praia, Roger foi atrás dele, escondendo-se atrás dos coqueiros e avançando como por acaso na mesma direção. Henry caminhava longe dos coqueiros e da sombra porque era pequeno demais para se proteger do sol. Seguiu até a água e se entreteve com alguma coisa à beira do mar. A volumosa maré do Pacífico estava subindo, e a cada segundo as águas relativamente tranquilas da laguna avançavam mais uns poucos centímetros. Havia várias criaturas que viviam nessa última fímbria do mar, transparências minúsculas que acompanhavam a água em sua incursão pela areia quente e seca. Com seus órgãos sensoriais impalpáveis, examinavam esse novo território. Algum alimento talvez tivesse aparecido

onde nada havia na última arremetida; restos de excremento de ave, talvez insetos, qualquer dos detritos disseminados pela vida em terra firme. Como a miríade de dentes de uma serra, as transparências varriam a praia de tudo o que pudessem comer.

Henry achava aquilo fascinante. Cavoucava a areia com uma varinha, ela própria alvejada por uma longa e vaga deriva nas águas do mar, e tentou dirigir os movimentos dos varredores transparentes. Abria pequenos canais que a maré enchia, e tentava povoá-los com aquelas criaturas. Ficou absorto para além da mera felicidade quando se descobriu capaz de exercer algum controle sobre aqueles seres. Falava com eles, dando-lhes ordens e instruções. Impelidas para trás pelo avanço da maré, suas pegadas se transformavam em represas nas quais as criaturinhas eram aprisionadas, o que produzia nele uma ilusão de domínio. Enquanto continuava acocorado à beira d'água, a cabeça baixa, uma mecha de cabelos caindo na testa e por sobre os olhos, o sol da tarde seguia despejando todas suas flechas invisíveis.

Roger também ficou à espera. Num primeiro momento, escondeu-se atrás do tronco grosso de um coqueiro; mas a absorção de Henry com aquelas transparências era tão óbvia que finalmente ignorou qualquer cautela e olhou para o fim da praia. Percival tinha ido embora, chorando, e Johnny se via na posse triunfal de todos os castelos, em meio aos quais permanecia sentado, cantarolando baixinho para si mesmo e jogando areia num Percival imaginário. Para além dele, Roger vislumbrava a plataforma e os borrifos de espuma no ponto onde Ralph, Simon, Porquinho e Maurice tomavam banho na piscina. Prestou a máxima atenção, mas só conseguiu ouvi-los muito ao longe.

Um vento repentino sacudiu a copa dos coqueiros, agitando suas folhas. Vinte metros acima de Roger, cocos cobertos de fibra, cada um do tamanho de uma bola de rúgbi, começaram a desprender-se de seus talos e cair em torno do menino, produzindo pancadas secas. Mas ele não foi atingido. Roger sequer pensou na sua sorte, mas seus olhos foram dos cocos para Henry, e depois voltaram para os cocos.

A terra onde os coqueiros cresciam era um trecho elevado de praia; e inúmeras gerações de coqueiros tinham deixado soltas, naquele solo, pedras que antes jaziam nas praias de outros litorais. Roger se abaixou, pegou uma pedra, fez pontaria e jogou-a em Henry — mas jogou para errar. A pedra, testemunha de um tempo absurdamente remoto, quicou na areia um metro e meio à direita de Henry antes de cair na água. Roger reuniu um punhado de pedras e começou a jogá-las. Ainda assim, havia um espaço ao redor de Henry, com uns cinco metros de diâmetro, que não se atrevia a alvejar. Ali, invisível mas forte, erguia-se o tabu da vida antiga. Em torno do garotinho acocorado havia a proteção de pais, da escola, da polícia e da lei. O braço de Roger ainda era condicionado por uma civilização que desconhecia a sua existência e vinha caindo em ruínas.

Henry se surpreendeu com o som das pedras caindo na água. Afastou-se das silenciosas transparências e apontou o nariz, como um cão de caça, para o centro dos anéis concêntricos. De um lado e do outro caíam as pedras, e Henry se virava a cada vez, mas sempre com atraso, tentando vê-las em pleno voo. Finalmente conseguiu ver uma delas e riu, procurando com os olhos o amigo que teria decidido mexer com ele daquela forma. Mas Roger se escondeu de novo atrás do tronco grosso de coqueiro, no qual se apoiou, respirando depressa, com as pálpebras tremulantes. Então Henry perdeu interesse nas pedras e saiu caminhando para longe.

"Roger."

Jack estava de pé à sombra de uma árvore, a uns três metros de distância. Quando Roger abriu os olhos e viu Jack, um vermelho ainda mais escuro espalhou-se pelo bronzeado da sua pele; mas Jack não percebeu. Estava ansioso, gesticulando para que se aproximasse, e Roger chegou mais perto.

Havia um ponto em que a água se acumulava na boca do rio, formando um pequeno

remanso barrado pela areia, onde cresciam juncos e nenúfares brancos. Sam e Eric estavam à espera deles ali, além de Bill. Jack, protegido do sol, ajoelhou-se ao lado do remanso e abriu duas folhas grandes que trazia dobradas. Uma continha argila branca, e a outra argila vermelha. Ao lado delas havia um pedaço de carvão trazido da fogueira.

Jack explicou a ideia a Roger enquanto se arrumava.

"Não é o meu cheiro que eles sentem. Acho que os porcos me enxergam. Uma coisa cor-de-rosa debaixo das árvores."

Passou a argila no rosto.

"Se eu arranjasse algum verde—"

Virou o rosto semicoberto para Roger e respondeu à pergunta nos olhos dele.

"Para a caça. Feito na guerra. Sabe como é — camuflagem. As coisas disfarçadas de outra coisa—"

Contorceu o corpo, na urgência de se explicar.

"—feito as mariposas no tronco das árvores."

Roger compreendeu, e assentiu com a cabeça, a expressão muito séria. Os gêmeos se aproximaram de Jack e começaram a protestar debilmente contra alguma coisa. Jack afastou-os com um gesto.

"Calem a boca."

Esfregou o pedaço de carvão entre as manchas de branco e vermelho que cobriam o seu rosto.

"Não. Vocês dois vêm comigo."

Olhou para o seu reflexo na água e não gostou. Debruçou-se, encheu as mãos em concha de água morna e lavou a argila do rosto. Suas sardas e sobrancelhas alouradas tornaram a aparecer.

Roger sorriu, involuntariamente.

"Você está todo borrado."

Jack planejou a nova pintura facial. Cobriu de branco uma das faces e um dos olhos fechados, depois esfregou argila vermelha sobre a outra metade do rosto, traçando um grosso risco preto de carvão da orelha direita ao maxilar esquerdo. Olhou seu reflexo na água, mas sua respiração afetava a superfície do espelho.

"Samineric. Tragam um coco aqui. Vazio."

Ajoelhou-se, segurando o coco cheio de água. Um círculo branco de sol atingiu seu rosto e um brilho assomou nas profundezas da água. E contemplou espantado, não a si mesmo, mas um desconhecido de aparência terrível. Derramou a água do coco e levantou-se de um salto, rindo com animação. Ali, junto ao remanso, seu corpo seco ostentava uma máscara que atraía os olhares de todos e os deixava impressionados. Começou a dançar, e seu riso se transformou num esgar sanguinário. Aproximou-se de Bill e a máscara parecia uma coisa autônoma, por trás da qual Jack se escondia, liberado da vergonha e da noção de quem era. Aquele rosto vermelho, branco e preto deslocou-se pelo ar, dançando, na direção de Bill. Bill começou a rir, mas de repente parou e saiu correndo pelo mato.

Jack correu para os gêmeos.

"Os outros estão formando uma fila. Vamos!"

"Mas—"

"—nós—"

"Vamos! Vou ficar de tocaia e espetar—"

A máscara convenceu a todos.

Ralph saiu da piscina de água do mar, correu pela praia e sentou-se à sombra dos coqueiros. Seus cabelos claros estavam colados à testa e ele os empurrou para trás. Simon boiava na água, batendo as pernas, e Maurice praticava mergulho. Porquinho vagava por ali, catando e jogando fora coisas a esmo. As piscinas menores formadas entre as pedras, que tanto o fascinavam, estavam cobertas pela maré alta, de maneira que só voltaria a ficar interessado quando ela baixasse. Vendo Ralph sentado à sombra dos coqueiros, veio sentar-se ao seu lado.

Porquinho usava os frangalhos restantes das calças curtas, seu corpo gordo tinha assumido um tom escuro de dourado, e seus óculos ainda cintilavam toda vez que olhava para alguma coisa. Era o único menino da ilha cujos cabelos pareciam nunca crescer. Os demais viviam todos desgrenhados, mas o cabelo de Porquinho ainda se distribuía em mechas regulares por sua cabeça, como se o seu estado natural fosse a calvície e aquela cobertura imperfeita logo fosse desaparecer, como a penugem nos chifres de um cervo jovem

"Andei pensando", disse ele, "num relógio. A gente podia fazer um relógio de sol. Primeiro crava uma vareta na areia, e depois—"

O esforço de explicar os processos matemáticos envolvidos era excessivo. Em vez disso, limitou-se a alguns gestos.

"E um avião, e um aparelho de TV", disse Ralph em tom amargo, "além de um motor".

Porquinho sacudiu a cabeça.

"Pra essas coisas você precisa de muito metal", disse ele, "que a gente não tem. Mas uma vareta a gente arranja".

Ralph virou-se e sorriu sem querer. Porquinho era mesmo um chato; sua gordura, a tal asa má e aquelas ideias bestas não tinham a menor graça; mas algum prazer sempre se tirava de implicar um pouco com ele, mesmo que por acaso.

Porquinho viu o sorriso de Ralph, que interpretou erroneamente como um sinal de amizade. Entre os maiores, tinha se instalado tacitamente a opinião de que Porquinho não fazia parte da turma, não só pela maneira de falar, que afinal nem tinha importância, mas por causa da gordura, da asa má, dos óculos e da tendência a evitar qualquer trabalho braçal. Agora, achando que tinha dito alguma coisa que fizera Ralph sorrir, ele se animou e tentou aproveitar aquela vantagem.

"Vareta é o que não falta por aqui. Cada um de nós podia ter um relógio de sol só pra ele. E aí a gente podia saber que horas são."

"Até parece que isso ia ajudar."

"Você disse que queria a gente fazendo coisas. Pra poder ser recolhido."

"Ah, cala a boca."

Pôs-se de pé num salto e voltou correndo para a piscina de água do mar, bem na hora em que Maurice dava um mergulho muito mal executado. Ralph ficou satisfeito com a oportunidade de mudar de assunto. E gritou, assim que Maurice apareceu na superfície.

"Barrigada! Barrigada!"

Maurice sorriu para Ralph, que entrou na água com um mergulho perfeito. De todos os meninos, era quem estava mais à vontade na ilha; mas hoje, com aquela conversa sobre resgate, nem as profundezas verdes da água ou o sol em pedaços dourados lhe serviam de consolo. Em vez de ficar ali brincando, passou nadando com braçadas enérgicas por baixo de Simon e saiu da água do outro lado da piscina, lustroso e ágil como uma foca. Porquinho, sempre desajeitado, levantou-se e chegou para perto dele, de modo que Ralph rolou de barriga e fingiu que não o via. As miragens tinham desaparecido, e ele correu os olhos melancólicos pela tensa linha azul do horizonte.

No momento seguinte estava de pé, gritando:

"Fumaça! Fumaça!"

Simon tentou aprumar o corpo e engoliu água. Maurice, que se aprontava para um mergulho da pedra, girou sobre os calcanhares, pulou de volta para a plataforma e correu para a relva debaixo dos coqueiros. Ali começou a vestir suas calças, pondo-se pronto para tudo.

Ralph ficou parado, uma das mãos afastando o cabelo do rosto, a outra cerrada. Simon saía da água. Porquinho tentava limpar os óculos e apertava os olhos na direção do horizonte. Maurice tinha enfiado as duas pernas numa das pernas da calça — de todos os meninos, o único imóvel era Ralph.

"Não estou vendo fumaça nenhuma", disse Porquinho em tom incrédulo. "Não estou vendo fumaça nenhuma, Ralph — onde?"

Ralph não disse nada. Agora tinha as duas mãos apoiadas com força na testa, para manter seus cabelos claros longe dos olhos. Estava reclinado para a frente, e o sal já branqueava o seu corpo.

"Ralph — cadê o navio?"

Simon se pôs de pé, olhando de Ralph para o horizonte. As calças de Maurice se desfizeram com um suspiro e ele as abandonou ali mesmo em farrapos, correndo para a floresta, de onde depois voltou.

A fumaça era um pequeno nó apertado que aos poucos se desfazia no horizonte. Abaixo da fumaça havia um ponto que podia ser uma chaminé. O rosto de Ralph estava pálido enquanto ele falava sozinho.

"Eles vão ver a nossa fumaça."

Porquinho agora estava olhando na direção certa.

"Não parece grande coisa."

Virou-se e olhou para o alto da montanha. Ralph continuava a observar o navio com olhos famintos. A cor retornava às suas faces. Simon, em silêncio, postou-se a seu lado.

"Eu sei que não enxergo direito", disse Porquinho, "mas a gente está soltando alguma fumaça?"

Ralph fez um gesto impaciente, sem tirar os olhos do navio.

"A fumaça na montanha."

Maurice chegou correndo, com os olhos fixos no alto-mar. Tanto Simon quanto Porquinho olhavam para o alto da montanha. Porquinho franziu o rosto, mas o grito de Simon deu a impressão de que ele tinha se machucado.

"Ralph! Ralph!"

O tom da sua voz atolou Ralph na areia.

"Alguém me diz", pediu Porquinho, ansioso. "Algum sinal de fumaça?"

Ralph tornou a olhar para a fumaça que se dispersava no horizonte, e depois para o alto da montanha.

"Ralph — por favor! Algum sinal?"

Simon estendeu a mão timidamente para tocar em Ralph, mas Ralph começou a correr, chapinhando pela parte mais rasa da piscina, atravessando a areia quente e branca e enfiando-se debaixo dos coqueiros. Dali a instantes, já se embrenhava no mato baixo que tinha voltado a cobrir quase toda a cicatriz. Simon saiu correndo atrás dele, seguido por Maurice. Porquinho continuava gritando.

"Ralph! Por favor — Ralph!"

E então ele também saiu correndo, tropeçando nas calças rasgadas que Maurice tinha deixado para trás antes de conseguir chegar ao outro lado da praia. Atrás dos quatro meninos a fumaça se deslocava lentamente ao longo do horizonte e, na praia, Henry e Johnny jogavam areia

em Percival, que chorava novamente em silêncio; e os três se mantinham na mais completa ignorância quanto a toda aquela agitação.

Quando Ralph chegou à outra extremidade da cicatriz, desperdiçava seu precioso fôlego com palavrões. Arremetia com extrema violência contra a aspereza dos cipós, de modo que o sangue escorria de vários pontos da pele nua do seu corpo. No ponto em que começava a escalada mais íngreme, ele parou. Maurice vinha poucos metros atrás dele.

"Os óculos do Porquinho!", gritou Ralph, "se o fogo tiver apagado, a gente vai precisar __"

Parou de gritar e girou sobre os calcanhares. Porquinho mal estava visível, avançando lentamente a partir da praia. Ralph olhou para o horizonte, depois para o alto da montanha. Seria melhor ir pegar os óculos de Porquinho, ou com isso o navio já teria ido embora? Ou se chegassem ao alto da montanha, com o fogo completamente apagado, e tivessem de ficar esperando, vendo Porquinho levar horas para chegar enquanto o navio ia sumindo além do horizonte? Equilibrado num pico alto de necessidade, agoniado pela indecisão, Ralph exclamou.

"Meu Deus! Ah, meu Deus!"

Simon, emaranhado no mato, parou de respirar, com o rosto contorcido. Ralph seguiu em frente, sem cuidar de se proteger, enquanto o fio de fumaça se afastava aos poucos.

O fogo estava apagado, o que descobriram de cara; na verdade, constataram o que já tinham percebido desde a praia, no momento em que tinham visto o sinal de fumaça que lhes mandava seu mundo antigo. O fogo estava totalmente extinto, morto e sem fumaça alguma; os encarregados de cuidar dele tinham sumido. Havia uma pilha de lenha seca ao lado da fogueira.

Ralph virou-se para o mar. O horizonte se estendia uniforme de lado a lado, novamente impessoal, sem exibir o mais ligeiro sinal de fumaça. Ralph desceu correndo pelo meio das pedras, deteve-se à beira do penhasco cor-de-rosa e começou a berrar para o navio.

"Volta aqui! Volta aqui!"

Corria de um lado para o outro à beira do penhasco, sem deixar de fitar o mar, e sua voz ia ficando louca e aguda.

"Volta aqui! Volta aqui!"

Simon e Maurice chegaram. Ralph fitou os dois sem piscar. Simon desviou os olhos, enxugando a água do rosto. Ralph mergulhou dentro de si, em busca da pior palavra que conhecesse.

"Eles deixaram a maldita fogueira apagar."

Olhou para a base da vertente mais difícil da montanha. Porquinho chegou, sem fôlego e choramingando como se fosse um dos pequenos. Ralph cerrou os punhos e ficou muito vermelho. A intensidade do seu olhar, a amargura da sua voz, sublinhavam suas palavras.

"E lá vêm eles."

Uma procissão tinha aparecido, bem abaixo, em meio às pedras rosadas que se espalhavam perto da beira do mar. Alguns dos meninos usavam os barretes pretos, mas de resto estavam quase nus. Erguiam ao mesmo tempo suas lanças no ar, sempre que chegavam a um ponto mais fácil do caminho. Repetiam alguma coisa, um cantochão que tinha a ver com o fardo que os gêmeos carregavam com tanto cuidado. Ralph reconheceu Jack com facilidade, mesmo de tão longe: alto, ruivo e inevitavelmente à frente da procissão.

Simon também estava olhando, de Ralph para Jack, como antes olhava de Ralph para o horizonte, e o que via pareceu deixá-lo com medo. Ralph não disse mais nada, e ficou esperando enquanto a procissão se aproximava. O cantochão se tornara audível, mas àquela distância ainda não se distinguiam as palavras. Atrás de Jack marchavam os gêmeos, carregando uma estaca nos ombros. A carcaça eviscerada de um porco estava presa a ela e balançava muito enquanto os

gêmeos avançavam com esforço pelo terreno irregular. A cabeça do porco estava pendente, com o pescoço aberto, e dava a impressão de estar à procura de alguma coisa pelo chão. Finalmente, o que os meninos cantavam chegou com clareza até eles, por cima da área tomada pela madeira enegrecida e as cinzas do incêndio.

"*Mata o porco. Corta a goela. Espalha o sangue.*"

No entanto, assim que as palavras se tornaram audíveis a procissão chegou ao ponto mais íngreme da montanha, e dali a um ou dois minutos todos tinham parado de cantar. Porquinho fungou, mas Simon lhe pediu silêncio na mesma hora, como se ele tivesse falado alto na igreja.

Jack, com o rosto coberto de argila, foi o primeiro a chegar ao alto e saudou Ralph muito animado, com a lança erguida.

"Olha! A gente matou um porco — encontrou um bando deles — formou um círculo em volta—"

Vozes irromperam do grupo de caçadores.

"A gente formou uma roda—"

"Foi avançando—"

"Os porcos começaram a guinchar—"

Os gêmeos ficaram parados, com o porco balançando entre os dois, gotejando pingos negros na pedra. Pareciam compartilhar o mesmo sorriso largo e eufórico dos demais. Jack tinha um excesso de coisas a contar para Ralph ao mesmo tempo. Em vez disso, deu um ou dois passos de dança, depois se lembrou da sua dignidade e só ficou parado, sorrindo satisfeito. Notou que tinha sangue nas mãos e fez uma careta de desgosto, procurando alguma coisa para limpá-las antes de finalmente esfregar as mãos na calça e dar uma risada.

Ralph falou.

"Vocês deixaram o fogo apagar."

Jack conferiu a informação, vagamente irritado por aquela irrelevância mas contente demais para deixar que o perturbasse.

"O fogo a gente acende de novo. Você devia ter vindo com a gente, Ralph. Foi grande. Um porco derrubou os gêmeos—"

"E a gente acertou o porco—"

"—eu pulei em cima dele—"

"E eu cortei o pescoço do porco", declarou Jack orgulhoso, embora ainda estremecesse ao contar sua façanha. "Posso pegar sua lança, Ralph, pra fazer um entalhe no cabo?"

Os meninos tagarelavam e dançavam. Os gêmeos continuavam sorrindo.

"O sangue espirrou longe", disse Jack, rindo e estremecendo, "você devia ter visto!"

"Agora a gente vai sair pra caçar todo dia—"

Ralph tornou a falar, com a voz rouca. Não tinha movido um músculo.

"Vocês deixaram o fogo apagar."

Aquela repetição provocou um desconforto em Jack. Ele olhou para os gêmeos, depois tornou a fitar Ralph.

"A gente precisava deles na caçada", disse ele, "ou não ia conseguir cercar totalmente os bichos".

E corou, tomando consciência de algum erro.

"A fogueira só apagou tem uma ou duas horas. A gente acende de novo—"

Então ele percebeu a nudez toda arranhada de Ralph e o silêncio lúgubre dos quatro outros. Estimulado à generosidade por sua alegria, tentou incluir a todos no que havia acontecido. Seu espírito estava repleto de memórias; memórias do que descobriram enquanto fechavam o cerco em torno do porco agitado, a descoberta de que tinham sido mais inteligentes que outra

criatura viva, impondo-lhe a vontade deles, tirando a vida do animal como quem se sacia com um longo gole de bebida.

Jack abriu muito os braços.

"Vocês deviam ter visto o sangue!"

Os caçadores agora estavam mais quietos, mas a essas palavras tornaram a se agitar. Ralph atirou o cabelo para trás. Um de seus braços apontava o horizonte vazio. Sua voz soou alta e selvagem, obrigando todos ao silêncio.

"Um navio passou."

Jack, precisando enfrentar de uma só vez um amontoado de implicações terríveis, decidiu evitá-las. Pousou uma das mãos no porco morto e puxou a faca. Ralph baixou o braço, com o punho cerrado, e sua voz tremia.

"Passou um navio. Lá fora. Vocês disseram que iam manter a fogueira acesa, mas deixaram apagar!" Deu um passo na direção de Jack, que se virou de frente para ele.

"E eles podiam ter visto a gente. A gente podia estar indo pra casa—"

Foi demais para Porquinho, que esqueceu a timidez na agonia da perda. E começou a chorar, com voz aguda:

"Você e essa história de sangue, Jack Merridew! Você e essa história de caçar! A gente podia ter ido pra casa—"

Ralph empurrou Porquinho para o lado.

"O chefe era eu; e você ia fazer o que eu mandasse. Você fala muito. Mas nem pra ajudar a construir as cabanas — e daí sai pra caçar e deixa o fogo morrer—"

Virou-se de costas, calado por um instante. Em seguida sua voz tornou a se erguer tomada por um sentimento intenso.

"Passou um navio—"

Um dos caçadores menores começou a chorar. A terrível verdade começava a ser entendida. Jack ficou muito vermelho, enquanto desferia estocadas no porco morto.

"Era trabalho demais. A gente precisava de todo mundo."

Ralph se virou.

"Você podia ter levado todo mundo depois que as cabanas ficassem prontas. Mas cismou que tinha de caçar—"

"A gente precisava de carne."

Jack se levantou enquanto dizia essas palavras, com a faca ensanguentada na mão. Os dois meninos se encaravam. De um lado o mundo fascinante da caça, das táticas, da alegria feroz, da habilidade; e do outro o mundo dos desejos e do senso comum frustrado. Jack transferiu a faca para a mão esquerda e espalhou sangue pela testa ao alisar sua franja emplastrada.

Porquinho recomeçou.

"Vocês não deviam ter deixado o fogo apagar. Você disse que a fumaça ia ficar sempre subindo—"

Ouvir essa reclamação de Porquinho, e os gemidos de concordância de alguns dos caçadores, levou Jack à violência. Uma explosão de raiva se revelou em seus olhos azuis. Deu um passo à frente e, tendo finalmente a possibilidade de bater em alguém, desferiu um murro na barriga de Porquinho, que se sentou no chão com um grunhido. Jack ficou de pé a seu lado. Sua voz soava rancorosa de humilhação.

"Quer mais? Quer mais? Gorducho!"

Ralph deu um passo à frente e Jack ainda aplicou um safanão na cabeça de Porquinho, cujos óculos voaram longe e retiniram nas pedras. Porquinho, aterrorizado, gritou:

"Meus óculos!"

Saiu rastejando e apalpando pelo caminho em meio às pedras, mas Simon, que chegou primeiro, encontrou os óculos para ele. As paixões rodeavam Simon no topo da montanha, agitando suas asas assustadoras.

"Uma das lentes quebrou."

Porquinho agarrou os óculos, que ajustou no rosto, e fitou Jack com uma expressão de ódio.

"Eu preciso desses óculos. Agora só vou enxergar por um olho. Espera só—"

Jack fez menção de avançar para Porquinho, que recuou até conseguir interpor uma pedra grande entre os dois. Apontou a cabeça por cima da pedra e olhou furioso para Jack através de sua única lente cintilante.

"Agora fiquei com um olho só. Espera só pra ver—"

Jack arremedou o choro e o andar de quatro do outro, em tom de zombaria.

"Espera só pra ver — até parece!"

Porquinho e sua paródia eram tão engraçados que os caçadores começaram a rir. Jack sentiu-se estimulado. Continuou a andar de quatro, e o riso foi aumentando até quase chegar à histeria. Mesmo sem querer, Ralph sentiu que estava quase sorrindo; e ficou furioso consigo mesmo por se entregar a isso.

E murmurou.

"Sujeira da sua parte."

Jack interrompeu seu número e parou de frente para Ralph. Suas palavras irromperam num grito.

"Está bem, está bem!"

Olhou para Porquinho, para os caçadores, para Ralph.

"Desculpa. Quer dizer, pela fogueira. Pronto, eu—"

Pôs-se totalmente de pé.

"—perdão."

O zunzum entre os caçadores foi de admiração por essa bela atitude. Claramente, eram todos da opinião que Jack tinha agido da maneira certa, que seu generoso pedido de desculpas lhe devolvia toda a razão e que Ralph, de alguma forma obscura, é que estava errado. E ficaram à espera de uma resposta decente à altura.

Mas nenhuma conseguiu passar pela garganta de Ralph, que além do mau comportamento de Jack ainda ficou aborrecido com aquela jogada calculista. A fogueira tinha apagado, o navio tinha ido embora. Será que ninguém mais entendia? Era só raiva que saía de sua boca, não havia lugar para decência.

"Sujeira da sua parte."

Ficaram calados ali no cume da montanha, enquanto a expressão opaca aparecia de relance nos olhos de Jack.

E a palavra final de Ralph foi um resmungo desgracioso.

"Está certo. Acendam a fogueira."

Diante da necessidade de alguma atitude construtiva, uma parte da tensão se dissipou. Ralph não disse mais nada e nem fez nada, só ficou parado, olhando para baixo, na direção das cinzas que rodeavam seus pés. Jack produzia muito som e atividade. Dava ordens, cantava, assobiava, dizia coisas para o calado Ralph — coisas que prescindiam de resposta e portanto não podiam ser simplesmente ignoradas, mas ainda assim Ralph não dizia nada. Ninguém, nem mesmo Jack, lhe pediu que saísse do caminho, e no final precisaram montar a fogueira a um metro dele, num ponto que nem era muito conveniente. E assim Ralph reafirmou sua condição de chefe, e mesmo que passasse dias pensando não poderia ter escolhido um método melhor. Diante dessa

arma, tão indefinível mas ainda assim tão eficaz, Jack se mostrava impotente e enfurecido, sem saber por quê. Quando a fogueira ficou pronta, os dois se encontravam de lados opostos de uma barreira alta.

E outra crise surgiu quando acabaram de armar a fogueira. Jack não tinha meios de acendê-la. Então, para sua surpresa, Ralph caminhou até Porquinho e tirou-lhe os óculos. Nem mesmo Ralph sabia como a ligação entre ele e Jack se tinha rompido e restabelecido em outros termos.

"Eu trago de volta."

"Não, vou junto com você."

Porquinho estava atrás dele, ilhado num mar de cor sem sentido, quando Ralph se ajoelhou e criou um fulgurante ponto focal. Assim que o fogo se acendeu, Porquinho estendeu a mão e recuperou os óculos com força. Diante daquelas flores fantasticamente atraentes de cor violeta, vermelha e amarela, a hostilidade se dissolveu. Transformaram-se todos num círculo de meninos em torno de uma fogueira ao ar livre, e mesmo Porquinho e Ralph sentiram-se parte de tudo aquilo até certo ponto. Dali a pouco alguns dos meninos já desciam correndo a encosta em busca de mais lenha, enquanto Jack tirava nacos do porco. Tentaram prender a carcaça inteira numa estaca ao lado do fogo, mas a estaca queimou bem antes de o porco assar. No final, espetaram pedaços da carne em varas que seguravam acima das chamas; e ficaram quase tão assados quanto a carne de porco.

Ralph salivava. Primeiro pensou em recusar a carne, mas a dieta que vinha seguindo, de frutas e nozes, com o acréscimo ocasional de um peixe ou caranguejo, não autorizava muita resistência. Aceitou um pedaço de carne bem malpassada, que começou a devorar como um lobo.

Porquinho falou, quase babando.

"E eu, não ganho nada?"

Tinha sido mesmo intenção de Jack deixá-lo na dúvida, para reafirmar o seu poder; mas Porquinho, ao anunciar ter sido preterido, tornou necessária a crueldade adicional.

"Você não caçou."

"Ralph também não", respondeu choroso Porquinho, "e nem Simon". Ampliou sua queixa. "Os caranguejos só têm um bocadinho de carne."

Ralph se remexeu no lugar, desconfortável. Simon, sentado entre os gêmeos e Porquinho, limpou a boca e jogou seu pedaço de carne para Porquinho, que o agarrou no ar. Os gêmeos riram, e Simon baixou o rosto, envergonhado.

Então Jack se levantou de um salto e cortou um naco grande de carne, que atirou aos pés de Simon.

"Come, desgraçado!"

Olhou com ódio para Simon.

"Pega logo!"

Girou nos calcanhares, no centro de um círculo admirado de meninos.

"Eu trouxe carne pra vocês!"

Inúmeras frustrações inexprimíveis se combinavam para tornar sua raiva incontrolável e assustadora.

"Eu pintei a cara — e trouxe a caça. Agora vocês têm de comer — todo mundo — e eu __"

Aos poucos, o silêncio no alto da montanha foi se aprofundando até se ouvirem claramente os estalidos do fogo e o silvo discreto da carne que assava. Jack correu os olhos em volta, em busca de compreensão, mas só se deparou com respeito. Ralph estava de pé em meio às cinzas da primeira fogueira, as mãos cheias de carne, sem dizer nada.

E então, finalmente, Maurice rompeu o silêncio. Abordou um novo assunto, falando da única coisa capaz de congregar a maioria deles.

"Onde vocês acharam o porco?"

Roger apontou para a encosta mais difícil da montanha.

"Estavam daquele lado — na base, perto do mar."

Jack, recuperando o controle, não tolerou que outra pessoa contasse a sua história. E interrompeu Roger na mesma hora.

"A gente se espalhou. E aí eu avancei de quatro. As lanças se soltavam porque não tinham farpa na ponta. O porco saiu correndo, fazendo um barulho infernal—"

"Aí se virou e veio pra cima da roda, sangrando—"

Todos os meninos falavam ao mesmo tempo, tomados pelo alívio e a animação.

"A gente fechou o cerco—"

O primeiro golpe tinha paralisado os quartos traseiros do bicho, e agora o cerco podia se fechar e bater, e bater—

"Eu cortei o pescoço do porco—"

Os gêmeos, ainda exibindo um sorriso idêntico, se levantaram e começaram a correr um em volta do outro. E então os outros se juntaram à cena, imitando os guinchos do porco agonizante e gritando.

"Uma na cabeça!"

"Agora uma pra derrubar!"

Então Maurice, fingindo que era o porco, correu guinchando para o centro da roda, enquanto os caçadores, fechando o cerco, faziam de conta que lhe aplicavam uma surra. Enquanto dançavam, cantavam.

"*Mata o porco. Corta a goela. Cai de pau.*"

Ralph olhava para eles, entre a inveja e o ressentimento. Foi só quando os outros se acalmaram e a cantoria arrefeceu que começou a falar.

"Vou convocar uma reunião."

Um por um os outros meninos foram parando, e olhavam para ele.

"Com a concha. Vou convocar uma reunião, uma assembleia, mesmo que tenha de ser no escuro. Na plataforma. Quando eu tocar a concha. Agora."

Virou-se e começou a descer a montanha.

Capítulo cinco
O monstro da água

A maré estava enchendo, e só restava uma fina tira de areia seca entre a água e a base dos coqueiros. Ralph escolheu a faixa de areia como caminho porque precisava pensar; e só ali podia andar sem precisar de muito cuidado com o terreno que pisava. De repente, enquanto caminhava à beira d'água, sentiu-se espantado ao entender o quanto a sua vida era cansativa: cada caminho a seguir era improvisado, e uma parte considerável do tempo que passava acordado era empregado em olhar para o chão. Parou, de frente para a faixa de areia; e ao se lembrar de sua primeira exploração entusiasmada, como se ela fizesse parte de uma infância mais feliz, sorriu com ar zombeteiro. Virou-se então e começou a caminhar de volta na direção da plataforma, com o sol batendo em seu rosto. Tinha chegado a hora da assembleia e, enquanto ele caminhava na direção do esplendor ofuscante do sol, repassava em detalhe os pontos que pretendia tratar. Não podia haver dúvida quanto àquela reunião, a procura de nenhum objeto imaginário...

Perdeu-se num labirinto de pensamentos que sua falta de palavras adequadas para exprimir tornava vagos. Franzindo o rosto, tentou mais uma vez.

Aquela reunião não era para ser divertida, mas para tratar das coisas.

Com isso, pôs-se a caminhar com passo mais firme, consciente ao mesmo tempo da urgência, do sol poente e de um deslocamento de ar que, produzido pela sua velocidade, soprava em seu rosto. Esse vento empurrava sua camisa cinza de encontro a seu peito, o que o fez perceber — nessa nova disposição de espírito aberta à compreensão — como as dobras do pano estavam endurecidas feito papelão, e eram desagradáveis ao toque; e percebeu também como as bainhas esfarrapadas de suas calças curtas agora roçavam na frente de suas coxas, criando ali uma área avermelhada e incômoda. Com uma convulsão do espírito, Ralph tomou consciência da sujeira e do declínio; entendeu o quanto lhe desagradava estar sempre afastando os cabelos desgrenhados dos olhos e finalmente, quando o sol acabava de se pôr, estender-se para dormir no meio de ruidosas folhas secas. A essa altura, pôs-se a trotar.

Perto da piscina, a areia estava salpicada de grupos de meninos esperando pela reunião. Abriram caminho para Ralph em silêncio, percebendo sua disposição sombria e a negligência no caso da fogueira.

O local de reunião ao qual ele se dirigia era um triângulo aproximado, mas irregular e mal-acabado, como tudo que eles faziam. Primeiro havia o tronco em que Ralph se sentava; um coqueiro morto que deve ter sido excepcionalmente grande para aquela plataforma. Ou talvez tenha chegado ali transportado por uma das lendárias tempestades do Pacífico. Esse tronco de coqueiro se dispunha paralelo à praia, de tal forma que, quando se sentava nele, Ralph ficava de frente para a ilha mas aparecia para os outros meninos como uma silhueta destacada contra o fulgor das águas da laguna. Os dois lados do triângulo de que o tronco constituía a base eram menos claramente definidos. À direita havia um tronco com a superfície lustrada por traseiros irrequietos, mas menor e menos confortável que o do chefe. À esquerda havia quatro troncos menores, um dos quais — o mais distante — com um equilíbrio deploravelmente instável. Várias reuniões tinham sido interrompidas por risadas quando alguém se inclinava demais para trás, fazendo o tronco tombar e derrubar meia dúzia de meninos de costas no chão. Mas ainda assim, Ralph pensou, ninguém tivera a iniciativa — nem ele, nem Jack, nem Porquinho — de levar uma

pedra até lá para calçar a tora. De maneira que continuariam sujeitos ao desequilíbrio daquele tronco, porque, porque... E mais uma vez sua mente se perdeu em águas profundas.

A relva estava gasta em frente a cada um dos troncos, mas era alta e pujante no centro do triângulo. E então, no vértice superior, a relva tornava a crescer porque ninguém se instalava nunca ali. A toda a volta da área de reunião, troncos cinzentos se erguiam, retos ou tortos, sustentando o teto baixo de folhas. De um lado e de outro se estendia a praia; atrás, ficava a laguna; em frente, as sombras da ilha.

Ralph tomou a direção do assento do chefe. Nunca antes eles tinham se reunido tão tarde. Era por isso que agora o lugar tinha uma aparência diferente. Normalmente, a parte interna do teto verde ficava iluminada por uma teia de reflexos dourados, e os rostos de todos apareciam iluminados de baixo para cima — como por uma lanterna de pilhas segurada na mão, pensou Ralph. Mas agora o sol estava muito inclinado, de maneira que as sombras apareciam no lugar devido.

Mais uma vez recaiu naquele estado de espírito incomum de especulação que lhe era tão estranho. Se o rosto da pessoa ficava diferente quando era iluminado de cima ou de baixo — o que era um rosto? O que era qualquer coisa?

Ralph caminhava com impaciência. O problema, quando você é o chefe, é que precisa pensar, dizer a coisa certa. Aí a ocasião chega, e você precisa tomar uma decisão. Por isso é que você tinha de pensar; porque o pensamento é uma coisa valiosa, que produz resultados...

Mas acontece, concluiu Ralph ao chegar diante do assento do chefe, que não sou capaz de pensar. Não tão bem quanto o Porquinho.

Mais uma vez, naquele fim de tarde, Ralph precisava passar seus valores em revista. Porquinho sabia pensar. Era capaz de avançar passo a passo dentro daquela cabeça gorda — só que Porquinho não era o chefe. Mas Porquinho, apesar do corpo ridículo, era inteligente. Ralph a essa altura estava se tornando um especialista em matéria de pensamento, e tinha aprendido a reconhecer o pensamento nos outros.

O sol em seus olhos lembrou-lhe que o tempo estava passando, então ele pegou a concha na árvore e examinou sua superfície. A exposição ao ar tinha desbotado muito o cor-de-rosa e o creme, agora quase brancos e um tanto translúcidos. Ralph sentiu uma espécie de reverência afetuosa pela concha, muito embora tenha sido ele próprio quem recolheu o objeto nas areias do fundo da laguna. Virou-se de frente para o local de reunião e levou a concha aos lábios.

Os demais só estavam à espera do som, e acorreram na mesma hora. Todos que sabiam que um navio tinha passado pela ilha com a fogueira apagada estavam com medo da cólera de Ralph; já os outros, inclusive os pequenos, que não sabiam, se impressionavam com a atmosfera solene que predominava. O local de reunião foi se enchendo depressa; Jack, Simon, Maurice e a maioria dos caçadores, à direita de Ralph; os outros à esquerda, expostos ao sol. Porquinho chegou e se instalou fora do triângulo. Isto indicava que ele tinha a intenção de ouvir, mas não de falar; e Porquinho pretendia que este silêncio fosse entendido como um gesto de censura.

"O caso é que precisamos de uma reunião."

Ninguém disse nada, mas os rostos voltados para Ralph se mostravam concentrados. Ele acariciou a concha. Tinha aprendido na prática que declarações fundamentais como aquela precisavam ser feitas pelo menos duas vezes antes de serem entendidas por todos. Ele precisava sentar-se, atraindo todos os olhares para a concha, e deixar cair suas palavras como pedras de peso em meio aos grupos sentados ou acocorados. Procurava na mente palavras simples que fizessem mesmo os pequenos entenderem o motivo daquela reunião. Mais tarde, talvez, os debatedores mais experientes — Jack, Maurice, Porquinho — poderiam usar sua arte para distorcer a assembleia; mas agora, no começo da reunião, o tema em debate precisava ser exposto com a

maior clareza possível.

"Precisamos de uma reunião. Não pra fazer graça. Não pra rir ou cair do tronco" — o grupo de Pequenos encarapitados no tronco instável trocou olhares e risinhos — "nem fazer piadas, e nem" — levantou a concha no esforço de encontrar a palavra mais forte — "pra exibir inteligência. Nada disso. Mas pra esclarecer as coisas."

Fez uma pausa.

"Andei por aí, sozinho, pensando no que é o quê. E sei o que a gente precisa. Uma reunião pra esclarecer as coisas. E o primeiro a falar sou eu."

Fez uma nova pausa e afastou automaticamente o cabelo dos olhos. Porquinho se aproximou do triângulo na ponta dos pés, depois de já ter feito seu protesto sem resultado, e juntou-se aos demais.

Ralph prosseguiu.

"Já fizemos muitas reuniões. Todo mundo gosta de falar e de estar junto. A gente resolve as coisas. Mas ninguém faz o que fica combinado. A gente ia deixar sempre umas cascas de coco cheias de água fresca debaixo de folhas verdes. E funcionou durante alguns dias. Mas agora não tem mais água. As cascas estão vazias. Todo mundo vai beber direto no rio."

Ergueu-se um murmúrio de concordância.

"E nem tem muito problema beber direto a água do rio. Quer dizer, eu prefiro beber naquele lugar — sabem onde, no poço perto da cachoeira — do que a água guardada numa casca de coco velha. Mas a gente tinha combinado que ia ter sempre água aqui. E agora não. Hoje de tarde, só duas cascas estavam cheias."

Lambeu os lábios.

"E depois, as cabanas. Os dormitórios."

O murmúrio tornou a se erguer antes de calar-se.

"A maioria de vocês dorme nas cabanas. Hoje à noite, menos Samineric, que vão ficar do lado da fogueira, todo mundo vai dormir lá. E quem construiu o dormitório?"

Na mesma hora ergueu-se um clamor. Todo mundo tinha construído o dormitório. Ralph precisou acenar novamente com a concha levantada.

"Um minuto! Quero saber quem construiu todas as três cabanas! Todo mundo construiu a primeira, quatro de nós a segunda, e eu e Simon construímos sozinhos a última. E é por isso que ela ficou tão torta. Não. Nada de risadas. Essa cabana pode desabar se cair uma chuva forte. Justo a hora em que vamos precisar de abrigo."

Fez uma pausa e pigarreou.

"E mais uma coisa. Resolvemos que aquelas pedras mais adiante, depois da piscina, é que eram pra ser usadas como banheiro. Isso também fazia sentido. Ali, a maré quando sobe limpa tudo. Vocês, os pequenos, sabem disso."

Houve fungadelas aqui e ali, olhares esquivos que se entrecruzavam.

"As pessoas andam usando qualquer lugar. Até mesmo aqui, perto das cabanas e da plataforma. Vocês, pequenos, quando estão comendo frutas, se ficarem apertados—"

A assembleia caiu na risada.

"Quer dizer, se ficarem apertados, têm de ir pra longe das frutas. É uma sujeira."

Mais risos altos.

"Eu disse que é uma sujeira."

Puxou sua camisa cinza endurecida.

"É uma sujeira mesmo. Se vocês ficarem apertados, sigam pela praia até as pedras. Está bem?"

Porquinho estendeu as mãos para a concha mas Ralph abanou a cabeça. Tinha planejado

seu discurso ponto a ponto.

"Todo mundo precisa voltar a usar as pedras. Esse lugar aqui está ficando imundo." Fez uma pausa. A assembleia, pressentindo o confronto, foi tomada por uma expectativa tensa. "E agora, eu queria falar da fogueira."

Ralph soltou o ar que lhe restava no peito com um leve arquejo que sua plateia ecoou. Jack começou a cavoucar um pedaço de pau com sua faca, e murmurou alguma coisa para Robert, que desviou os olhos.

"A fogueira é a coisa mais importante aqui da ilha. Se não tiver uma fogueira sempre acesa, a gente só vai ser salvo por muita sorte. Será que ter uma fogueira sempre acesa é difícil demais pra nós?"

Estendeu um dos braços.

"Olhem só em volta! É muita gente, não é? Mas mesmo assim a gente não consegue manter a fogueira acesa, produzindo fumaça. Será que ninguém mais aqui pensa? Vocês não entendem que a gente devia... devia morrer antes de deixar a fogueira apagar?"

Muitos risinhos envergonhados entre os caçadores. Ralph virou-se para eles, exaltado.

"Podem rir, caçadores! Mas vou dizer que a fumaça é muito mais importante que um porco, seja qual for a hora em que vocês conseguirem matar um deles! Vocês estão me entendendo?" Abriu os braços e dirigiu-se a todo o triângulo.

"A gente precisa ter fumaça sempre subindo — senão vamos morrer."

Fez uma pausa, avaliando se era hora de prosseguir.

"E mais uma coisa."

Alguém gritou em resposta: "É coisa demais!"

E ouviram-se murmúrios de apoio. Ralph ignorou o comentário.

"E mais uma coisa. Quase tacamos fogo na ilha toda. E é perda de tempo, carregar pedras e fazer fogueiras menores pra cozinhar. Estou dizendo agora, e transformando em regra, porque eu sou o chefe. O único lugar onde a gente vai ter uma fogueira acesa é no alto do morro. E só."

Seguiu-se imediatamente uma discussão. Vários meninos se levantaram aos gritos, e Ralph gritava em resposta.

"Porque se alguém estiver precisando de fogo para assar um peixe ou um caranguejo, é só subir a montanha. E assim a fogueira nunca se apaga."

Várias mãos se estendiam para a concha à luz do sol poente. Ralph continuava com a concha nas mãos, e pulou para cima do tronco caído.

"Era isso que eu queria dizer. E agora eu disse. Vocês me escolheram chefe por votação. Agora precisam me obedecer."

Os outros sossegaram, aos poucos, e finalmente tornaram a sentar-se. Ralph relaxou e disse, usando sua voz normal.

"Então é pra não esquecer mais. O banheiro fica nas pedras. A fogueira sempre acesa com fumaça, para servir de sinal. O fogo fica no alto da montanha. A comida, vocês levam pra lá."

Jack se levantou, com um ar contrariado no lusco-fusco, e estendeu as mãos.

"Ainda não acabei."

"Mas você não para de falar!"

"A concha está comigo."

Jack tornou a sentar-se, resmungando.

"E a última coisa. E é disso que as pessoas podem falar."

Esperou até que todos se calassem na plataforma.

"As coisas estão querendo dar errado. Não sei por quê. A gente começou bem; todo mundo satisfeito. E aí—"

Deslocou ligeiramente a concha, olhando para além dos presentes na direção de coisa nenhuma, lembrando-se do bicho, da cobra, do fogo, das palavras aterrorizadas.

"Aí muita gente começou a ficar com medo."

Um murmúrio, quase um gemido, ergueu-se e se dissipou. Jack tinha parado de cavoucar a vara com a faca. E Ralph continuou, abruptamente.

"Mas isso é conversa de criança pequena. E vamos esclarecer essas coisas. A última coisa que eu falei, a parte em que todo mundo pode falar, é tentar resolver esse caso do medo."

O cabelo começava a cair de novo à frente dos seus olhos.

"A gente precisa conversar sobre o medo, e ver que isso não tem motivo. Às vezes eu mesmo sinto medo, mas é bobagem! Feito o bicho-papão. E aí, depois de resolver essa história do medo, a gente pode começar de novo e tomar cuidado com as coisas importantes, feito a fogueira." Uma imagem de três meninos caminhando pela praia ensolarada passou-lhe pela cabeça. "E ser felizes."

Com toda a cerimônia, Ralph pousou a concha no tronco ao seu lado, como sinal de que tinha acabado de falar. A pouca luz do sol que chegava a eles estava na horizontal.

Jack se levantou e pegou a concha.

"Quer dizer que essa reunião é pra entender o que é o quê. Eu sei o que é o quê. Os pequenos é que começaram tudo com essa conversa de medo. Monstros! De onde? Claro que às vezes a gente fica com medo, mas tem de aguentar firme. E Ralph está dizendo que vocês gritam no meio da noite. Só podem ser pesadelos. De qualquer maneira, vocês não caçam, não constroem nem ajudam em nada — são só um monte de mulherzinhas choronas. É isso que eu acho. Essa coisa do medo — vocês vão ter de aprender a viver com ele, como o resto de nós."

Ralph olhou para Jack de boca aberta, mas Jack não lhe deu atenção.

"O caso é que — o medo não machuca ninguém, como os pesadelos também não. Não existe monstro nenhum nesta ilha." E correu os olhos pelos pequenos, que trocavam sussurros. "E era bem feito se alguma coisa pegasse mesmo vocês, seus chorões imprestáveis! Mas não existe animal *nenhum*—"

Ralph interrompeu Jack, com ar desafiador.

"Que história é essa? Quem foi que falou de animal aqui?"

"Você, no outro dia. Você contou que eles têm pesadelos e acordam chorando. Agora eles andam falando — não só os pequenos, mas os meus caçadores também, às vezes — falando de uma coisa, uma coisa sinistra, um monstro, algum tipo de animal. E eu já escutei. Achavam que eu não ia ouvir? Mas prestem bem atenção. Não existe animal grande em ilha pequena. Só porco. Você só pode ter um animal grande, como um leão ou um tigre, se a terra for grande, como a África ou a Índia—"

"Ou o Jardim Zoológico—"

"A concha está comigo. Não estou falando do medo. Estou falando do monstro. Se vocês estão gostando de ter medo, problema de vocês. Mas o tal monstro—"

Jack fez uma pausa, com a concha aninhada nos braços, e se virou para os seus caçadores, com seus imundos barretes negros.

"Afinal, eu sou caçador ou não?"

Eles simplesmente assentiram com a cabeça. Definitivamente, ele era um caçador. Disso ninguém duvidava.

"E então — já andei por essa ilha toda. Sozinho. Se algum monstro vivesse por aqui eu já teria visto. Vocês podem sentir medo porque é assim que vocês são — mas não existe monstro nenhum na floresta."

Jack devolveu a concha e tornou a sentar-se, aplaudido com alívio pelos meninos

reunidos. E então Porquinho estendeu a mão.

"Não estou de acordo com tudo o que Jack disse, mas com uma boa parte. Claro que não existe monstro nenhum na floresta. Como é que podia existir? O que esse monstro ia comer?"

"Porco."

"Porco a gente come."

"Porquinho!"

"A concha está comigo!", disse Porquinho em tom indignado. "Ralph — eles deviam calar a boca, não é? Quietos aí, pequenos! O que eu quero dizer é que eu não concordo com esse medo de vocês. Claro que não tem nada de ruim na floresta. Eu mesmo já andei por lá! Daqui a pouco, vocês começam a falar de fantasmas e essas coisas. A gente sempre sabe o que está acontecendo, e se alguma coisa está errada vai ter alguém pra dar um jeito."

Tirou seus óculos e piscou os olhos para todos. O sol havia desaparecido, como se alguém tivesse apagado a luz.

E Porquinho continuou a explicar.

"Quando você tem uma dor de barriga, seja ela grande ou pequena—"

"A sua é bem grande."

"Quando vocês pararem de rir, pode ser que a gente continue a reunião. E se esses pequenos voltarem a subir no tronco bambo, vão cair de novo. Então era melhor sentarem mesmo no chão pra escutar. Não. Tem médico pra tudo, até pra parte de dentro da cabeça da gente. Vocês estão pensando que a gente precisa viver o tempo todo com medo de coisa nenhuma? A vida", disse Porquinho em tom expansivo, "é científica, isso eu garanto. Daqui a um ou dois anos, depois que a guerra acabar, vão dar um jeito de viajar de ida e volta pra Marte. E eu sei que não existe monstro nenhum — nem monstro nem fera, com garras e dentes enormes e essas coisas — mas também sei que não existe medo."

Porquinho fez uma pausa.

"Só—"

Ralph se remexeu, inquieto.

"Só o quê?"

"Só o medo das outras pessoas."

Um som, metade riso e metade vaia, ergueu-se dos meninos sentados. Porquinho baixou a cabeça e foi em frente.

"Então vamos ver o que diz o pequeno que andou falando de um monstro, e talvez a gente acabe provando que é tudo bobagem."

Os pequenos começaram a se entreolhar, e então um deles deu um passo à frente.

"Como é que você se chama?"

"Phil."

Para um menino pequeno, ele se mostrava bastante seguro de si, estendendo as mãos para aninhar a concha nos braços como tinha visto Ralph fazer, correndo os olhos à sua volta para atrair a atenção de todos antes de começar a falar.

"Ontem à noite eu tive um sonho horrível, em que eu lutava com umas coisas. Eu tinha saído sozinho da cabana, e estava lutando com umas coisas, essas coisas retorcidas penduradas nas árvores."

Ele fez uma pausa, e todos os pequenos riram, numa solidariedade apavorada.

"Então eu fiquei com medo e acordei. Daí saí sozinho da cabana e vi que as coisas retorcidas não estavam mais lá."

O horror daquela história, tão possível e claramente aterrorizante, deixou todos em silêncio. E a vozinha do menino continuava a soar por trás da concha branca.

"E aí eu fiquei assustado e comecei a chamar o Ralph, e então vi alguma coisa andando no meio das árvores, uma coisa grande e horrorosa."

Fez uma pausa, ainda amedrontado pela lembrança mas orgulhoso do impacto que estava produzindo.

"Foi um pesadelo", disse Ralph. "Ele teve um ataque de sonambulismo."

As crianças reunidas concordaram, aos murmúrios.

O pequeno abanou a cabeça, obstinado.

"Eu estava dormindo e as coisas retorcidas estavam lutando, aí quando elas sumiram eu estava acordado, e vi uma coisa grande e horrível andando no meio das árvores."

Ralph estendeu as mãos pedindo a concha, e o pequeno se sentou.

"Você estava dormindo. Não tinha ninguém na floresta. Como é que alguém podia estar andando pela floresta no meio da noite? Alguém tinha saído e estava andando por lá?"

Uma longa pausa, enquanto as crianças reunidas trocavam sorrisos à mera ideia de alguém sair no escuro. Então Simon se levantou, e Ralph olhou para ele, espantado.

"Você! Mas o que você foi fazer lá no escuro?"

Simon agarrou a concha com um gesto convulso.

"Eu queria — ir prum lugar — um lugar que eu conheci."

"Que lugar?"

"Um lugar que eu conheci. Na floresta."

Simon hesitou.

Jack resolveu a questão para eles com o desprezo na voz que podia produzir uma impressão tão engraçada e definitiva.

"Ele estava apertado."

Com uma sensação de vergonha por conta de Simon, Ralph retomou a concha, fitando Simon com ar severo.

"Bem, não vai fazer isso de novo. Entendeu? Não no meio da noite. Já andam falando esse monte de besteiras sobre feras e monstros, e só falta os pequenos verem você zanzando pela mata feito um—"

As risadas que se ouviram tinham uma nota de medo e condenação. Simon abriu a boca para falar, mas recuou quando viu que a concha estava com Ralph.

Quando os meninos se calaram, Ralph virou-se para Porquinho.

"E então, Porquinho?"

"Teve mais um. Ele."

Os pequenos empurraram Percival para a frente, e depois o deixaram sozinho. A grama na área central cobria as suas pernas até os joelhos, e ele olhava para os seus pés ocultos, tentando fazer de conta que estava dentro de uma barraca. Ralph se lembrava do outro garotinho que tinha ficado de pé naquele mesmo lugar e recuou diante dessa memória. Tinha enfiado aquela imagem bem fundo e fora de alcance, onde só uma repetição tão clara como aquela podia trazê-la à tona. Nunca mais tinham contado os pequenos, em parte porque não era possível ter certeza de que todos eles tinham sido incluídos na lista e em parte porque Ralph sabia a resposta, pelo menos para uma das perguntas que Porquinho tinha feito no alto da montanha. Agora havia muitos garotinhos, louros, morenos, sardentos, e todos sujos, mas o rosto de nenhum deles tinha uma mancha grande. Nunca mais ninguém tinha visto aquela marca de nascença arroxeada. Mas da outra vez Porquinho tinha insistido e reclamado. Admitindo tacitamente que se lembrava do que não podia ser dito, Ralph assentiu com a cabeça para Porquinho.

"Pode perguntar pra ele."

Porquinho se ajoelhou, com a concha na mão.

"Então vamos lá. Como é que você se chama?"

O garotinho se refugiou de volta na sua barraca. Porquinho, sem saber o que fazer, virou-se para Ralph, que perguntou com voz forte.

"Como é o seu nome?"

Atormentado pelo silêncio e a recusa, o grupo de meninos começou a repetir, como um refrão.

"O nome! O nome!"

"Silêncio!"

Ralph olhou para o menino à luz quase nenhuma do anoitecer.

"Diz pra gente. Como é que você se chama?"

"Percival Wemys Madison, The Vicarage, Harcourt Saint Anthony, Hants, telefone, telefone, tele—"

Como se aquela informação estivesse cravada no fundo da fonte de onde as dores são vertidas, o pequeno começou a chorar. Franziu o rosto, as lágrimas lhe saltavam dos olhos, sua boca se abriu até se transformar num buraco escuro e quadrado. Num primeiro momento ele se converteu numa efígie silenciosa da dor, mas logo o lamento brotou de dentro dele, alto e prolongado como um toque de concha.

"Ei, silêncio! Já chega!"

Mas Percival Wemys Madison não parava. Tinha alcançado um veio muito além do alcance da autoridade ou mesmo da intimidação física. O choro prosseguiu, arquejo após arquejo, e parecia sustentá-lo em pé, como se o mantivesse pregado ao chão.

"Cala a boca! Para com isso!"

Porque agora os pequenos não estavam mais quietos. Cada um tinha se lembrado das suas dores pessoais; e talvez tenham sentido que compartilhavam uma dor universal. Começaram a chorar por solidariedade, dois deles quase tão alto quanto Percival.

Mas Maurice salvou os meninos. E gritou.

"Olha aqui!"

Fingiu que caía no chão. Esfregou o traseiro e sentou-se no tronco desequilibrado, caindo de novo na relva. Nem era bom palhaço; mas Percival e os outros olharam para ele, fungaram e começaram a rir. Em seguida, estavam todos rindo de maneira tão absurda que os grandes também aderiram.

Jack foi o primeiro a se manifestar. Não tinha pegado a concha, e por isso desrespeitava as regras, mas ninguém se incomodou.

"E o tal monstro?"

Alguma coisa estranha estava acontecendo com Percival. Ele bocejava e oscilava, e Jack o segurou, sacudindo com força.

"Onde ele vive, o monstro?"

Percival amoleceu ao ser agarrado por Jack.

"Precisa ser um monstro muito esperto", disse Porquinho em tom de zombaria, "pra conseguir se esconder nesta ilha".

"Jack já correu a ilha toda—"

"Onde é que um monstro podia viver?"

"Monstro uma ova!"

Percival murmurou alguma coisa e os meninos reunidos tornaram a cair na risada. Ralph se inclinou para a frente.

"O que ele disse?"

Jack ouviu a resposta de Percival e depois largou o garoto. Percival, solto, rodeado pela

presença reconfortante de seres humanos, caiu na relva alta e adormeceu.

Jack limpou a garganta, e então relatou, em tom casual.

"Ele disse que o monstro vem do mar."

As últimas risadas morreram no ar. Ralph virou-se sem querer, uma silhueta negra e encurvada recortada contra a laguna. Os outros presentes olharam na mesma direção que ele, examinando as vastas extensões de água, o alto-mar mais além, o índigo desconhecido de tantas possibilidades; escutando em silêncio os suspiros e murmúrios dos recifes.

Maurice falou — tão alto que todos se assustaram.

"Meu pai me disse que as pessoas ainda não conhecem todos os bichos que vivem no mar."

E a discussão recomeçou. Ralph estendeu a concha reluzente e Maurice, obediente, aceitou-a. Os meninos reunidos se aquietaram.

"Acho que Jack tem razão quando diz que a gente pode estar com medo porque as pessoas sempre dão um jeito de sentir medo. Mas quando diz que só existem porcos nesta ilha imagino que ele tenha razão, mas ele não tem como saber, não de verdade, quer dizer, não fora de qualquer dúvida" — Maurice respirou fundo. — "Meu pai contou que existem bichos, como chama, aqueles que produzem tinta — lulas — com mais de dez metros de comprimento, que conseguem até devorar uma baleia inteira." Fez uma pausa, e riu alegremente. "Eu não acredito no monstro, claro. Como diz o Porquinho, a vida é científica, mas a gente nunca sabe, não é? Não com toda a certeza—"

Alguém gritou.

"Nenhuma lula sai da água!"

"Sai, sim!"

"Não sai!"

Em um instante a plataforma estava tomada por sombras que discutiam e gesticulavam. Para Ralph, sentado, aquilo parecia o fim da sanidade. O medo, monstros, o acordo a que não tinham chegado sobre a importância suprema da fogueira: e quando alguém tentava falar claro a conversa tomava outro rumo, trazendo à tona novos temas desagradáveis.

Ralph viu uma mancha branca no lusco-fusco perto de si, tirou-a das mãos de Maurice e soprou nela com toda a força. Os meninos reunidos, espantados, se calaram. Simon estava perto dele, estendendo as mãos para a concha. Simon sentia uma necessidade de correr o risco de falar; mas falar para o coletivo reunido era terrível para ele.

"Talvez", disse ele, hesitante, "talvez exista um monstro".

Os meninos todos soltaram um grito selvagem, e Ralph se pôs de pé de um salto, admirado.

"Até você, Simon? Você acredita mesmo nisso?"

"Não sei", respondeu Simon. Seu coração batia forte e quase o sufocava. "Mas..."

A tempestade desabou.

"Senta aí!"

"Cala a boca!"

"Pega a concha!"

"Vai se catar!"

"Cala a boca!"

Ralph gritou.

"A gente tem de escutar! Ele está com a concha!"

"Eu queria dizer que... pode ser só a gente."

"Besteira!"

Dito por Porquinho, que o espanto tinha feito perder o decoro. Simon continuou.

"A gente podia estar meio que..."

Simon perdeu a articulação, em seu esforço para exprimir a doença essencial do gênero humano. Mas teve uma inspiração.

"Qual é a coisa mais horrível que existe?"

Em resposta, Jack deixou cair, em meio ao silêncio, uma única palavra expressiva e grosseira. O alívio de todos lembrou um orgasmo. Os pequenos que tinham voltado a sentar no tronco bambo caíram novamente e nem se incomodaram. Os caçadores riam alto, encantados.

O esforço de Simon desfez-se em ruínas à sua volta; foi cruelmente castigado pelas risadas e, indefeso, tornou a sentar-se, encolhido.

Finalmente os meninos se calaram. Alguém falou fora da vez.

"Acho que ele quer dizer que é algum tipo de fantasma."

Ralph levantou a concha e tentou enxergar no escuro. O que se via com mais nitidez era a faixa clara da praia. Os pequenos tinham chegado mais perto? Isso mesmo — sem a menor dúvida, eles tinham se juntado, formando um aglomerado denso de corpos no relvado central. Uma rajada de vento fez levantar-se o canto dos coqueiros, e o barulho soou muito alto, agora que a escuridão e o silêncio o tornavam tão audível. Dois troncos cinzentos esfregaram-se um no outro com um rangido malévolo que nunca tinha sido ouvido com dia claro.

Porquinho tirou a concha das mãos de Ralph. Falava com voz indignada.

"Eu não acredito em fantasma nenhum — nunca acreditei!"

Jack também estava de pé, inexplicavelmente enfurecido.

"E quem perguntou o que você acha, gorducho?"

"A concha está comigo!"

Ouviu-se o som de uma curta disputa física, e a concha trocou de mãos.

"Devolve a concha!"

Ralph se interpôs entre eles e levou uma pancada no peito. Arrancou a concha das mãos de alguém e tornou a sentar-se, sem fôlego.

"Tem gente demais falando de fantasmas. A gente devia ter deixado pra conversar com dia claro."

Uma voz sussurrada e anônima interrompeu.

"Talvez o monstro seja isso — um fantasma."

Os meninos foram sacudidos como que por uma ventania.

"Tem gente demais falando fora da vez", disse Ralph, "e não dá pra fazer reunião se ninguém respeita as regras".

Parou de falar de novo. Os planos cuidadosos que tinha feito para aquele encontro tinham ido por água abaixo.

"O que vocês querem que eu diga? Foi um erro eu ter começado essa reunião tão tarde. Vamos ter de votar sobre isso; estou falando dessa história de fantasmas. E depois a gente volta pro dormitório, porque está todo mundo muito cansado. Não — foi Jack quem pediu? — só mais um minuto. Vou dizer desde já que não acredito em fantasma. Ou acho que não. Mas não gosto de ficar pensando nisso. Quer dizer, não agora, não no escuro. Mas todo mundo vai decidir o que é o quê."

Ergueu a concha por um tempo.

"Muito bem. Acho que a gente precisa decidir se fantasma existe ou não —"

Pensou por um momento na formulação da pergunta.

"Quem acha que pode existir fantasma?"

Por muito tempo o silêncio perdurou, sem qualquer movimento aparente. Em seguida,

Ralph perscrutou a penumbra e conseguiu contar as mãos levantadas. E disse, em tom seco:

"Entendi."

O mundo, aquele mundo compreensível e obediente à lei, desmoronava. Primeiro era uma coisa, depois outra; e agora — o navio tinha passado.

A concha foi arrancada das suas mãos e a voz de Porquinho soou muito aguda.

"Eu não votei em fantasma nenhum!"

Girou, encarando todos os meninos reunidos.

"E é bom vocês todos não se esquecerem disso!"

Ouviram seu pé batendo no chão.

"O quê que a gente é? Pessoas? Bichos? Ou selvagens? O que um adulto ia pensar? A gente andando por aí — caçando porco — deixando a fogueira apagar — e agora mais essa!"

Uma sombra ergueu-se tempestuosa à frente dele.

"Cala a boca, lesma gorda!"

Houve uma luta curta e a concha reluzente apareceu subindo e descendo no ar. Ralph levantou-se de um salto.

"Jack! Jack! A concha não está contigo! Deixa ele falar."

O rosto de Jack emergiu bem perto dele.

"Você também, cala a boca! Quem você acha que é? Fica aí sentado, dizendo pras pessoas fazer isso ou aquilo. Não sabe caçar, não sabe cantar—"

"Eu sou o chefe. Fui escolhido."

"E qual é a diferença que isso faz? Fica aí dando ordens sem sentido—"

"A concha está com o Porquinho."

"Pois é — e continua a proteger o Porquinho, como sempre—"

"Jack!"

A voz de Jack produziu um arremedo amargo da sua.

"Jack! Jack!"

"As regras!", gritou Ralph. "Você está desobedecendo as regras!"

"Estou pouco ligando!"

Ralph fez o possível para manter a calma.

"Mas sem regras a gente não tem nada!"

Só que Jack já gritava mais com ele.

"Que se danem as regras! A gente é forte — e caça! Se existir algum monstro, a gente caça também! A gente cerca, e bate, e bate, e bate—!"

Soltou um grito selvagem e pulou para a areia clara. Na mesma hora a plataforma foi tomada pelo som e a agitação, correrias, gritos e risos. A reunião se desfez e se transformou numa dispersão aleatória e verbosa entre os coqueiros e o mar e ao longo de toda a praia, além do alcance da visão no escuro. Ralph sentiu que seu rosto encostava na concha, e a tomou de Porquinho.

"O que um adulto ia dizer nessa hora?", tornou a gritar Porquinho. "Olha só pra eles!"

Os sons de uma caçada simulada, de risos histéricos e de um terror verdadeiro se erguiam da praia.

"Toque a concha, Ralph."

Porquinho estava tão próximo que Ralph percebia a cintilação da única lente dos seus óculos.

"E a fogueira. Será que ninguém entende?"

"Você precisa gritar com eles. E obrigar todo mundo a fazer o que você manda."

Ralph respondeu com a voz cautelosa de quem ensaia um teorema.

"Se eu tocar a concha e ninguém voltar, está tudo acabado. Ninguém mais vai manter o

fogo aceso. Vamos viver feito bichos. E nunca mais vão vir resgatar a gente."

"Se você não tocar a concha, em pouco tempo a gente vai estar vivendo feito bicho, de qualquer maneira. Não consigo enxergar o que eles andam fazendo, mas estou ouvindo."

As figuras dispersas tinham se reunido na areia, formando uma densa massa negra que girava. Repetiam alguma coisa, e os pequenos que não aguentavam mais se afastavam trôpegos, aos prantos. Ralph levou a concha aos lábios, mas não soprou.

"O problema é o seguinte, Porquinho. Fantasma existe? Ou monstro?"

"Claro que não."

"Por que não?"

"Porque aí as coisas não iam fazer sentido. As casas, as ruas, e — a TV — nada ia funcionar."

Os meninos que dançavam e repetiam seu refrão tinham se afastado, e agora o som que produziam era apenas um ritmo sem palavras.

"Mas e se elas não fizerem sentido? Não aqui, na ilha? Se tiver alguma coisa vendo tudo o que a gente faz, e só esperando?"

Ralph estremeceu com violência e se aproximou mais de Porquinho, exagerando tanto que esbarrou no outro.

"Para de falar assim! A gente já tem problema de sobra, Ralph, e não dá pra aguentar mais nenhum. Se fantasma existir—"

"Eu devia desistir de ser chefe. Escuta só os outros."

"Ah, meu Deus! Nada disso!"

Porquinho agarrou o braço de Ralph.

"Se o chefe fosse o Jack, a gente ia passar o tempo todo caçando, e ninguém mais ia cuidar da fogueira. A gente ia ficar aqui até morrer."

Sua voz ficou mais aguda, e se transformou num guincho.

"Quem é que está aí sentado?"

"Sou eu, Simon."

"Olhe só pra nós três, todos imprestáveis", disse Ralph. "Três patetas. Vou desistir."

"Se você desistir", disse Porquinho, num sussurro assustado, "o que vai acontecer comigo?".

"Nada."

"Ele me detesta. Não sei por quê. Se ele puder fazer o que quiser — você é bacana, e ele te respeita. Além disso, você bateu nele."

"E vocês dois estavam tendo uma bela briga agora há pouco."

"A concha estava comigo", disse Porquinho em tom direto. "Eu tinha o direito de falar."

Simon se mexeu no escuro.

"Continua a ser o chefe."

"Cala essa boca, Simon! Por que você não podia dizer que não existe monstro nenhum?"

"Eu tenho medo dele", disse Porquinho, "e é por isso que eu sei quem ele é. Quando você sente medo de alguém, odeia a pessoa mas não consegue parar de pensar nela. Você se engana, diz que no fundo ele é bom, mas então, da próxima vez que encontra a pessoa, parece que tem uma crise de asma, e não consegue respirar. E vou dizer mais uma coisa. Ele detesta você também, Ralph—"

"Eu? Por que eu?"

"Não sei. Você reclamou com ele por causa da fogueira. E você é o chefe, ao invés dele."

"Mas ele, ele é Jack Merridew!"

"Passei tanto tempo na cama que andei pensando. E eu sei como as pessoas são. Sei como

eu sou e como ele é. Ele não tem como te fazer mal; mas se você sair da frente, ele vai atacar a pessoa seguinte. Que sou eu."

"O Porquinho tem razão, Ralph. É entre você e Jack. E você precisa continuar a ser o chefe."

"Estamos todos meio perdidos, e as coisas vão mal. Onde a gente vivia, tinha sempre algum adulto. Por favor, moço; por favor, moça; e alguém tomava uma providência. Bem que eu queria..."

"Eu queria que a minha tia estivesse aqui."

"E eu queria que o meu pai... Mas não adianta!"

"A fogueira precisa continuar acesa."

A dança tinha acabado, e os caçadores estavam voltando para o dormitório.

"Tem coisas que os adultos sabem", disse Porquinho. "Eles não sentem medo do escuro. Eles se encontram, tomam chá e conversam. E aí os problemas se acabavam—"

"Eles nunca iam queimar a ilha toda. Nem perder—"

"Iam construir um barco—"

Os três meninos continuaram de pé no escuro, se esforçando em vão para definir toda a grandeza da vida de adulto.

"Nunca iam ficar brigando—"

"Nem quebrar os meus óculos—"

"Nem ficar falando de monstro—"

"Eles bem que podiam mandar uma mensagem", exclamou Ralph em tom de desespero. "Bem podiam mandar alguma coisa adulta pra gente... um sinal, ou coisa assim."

Um grito agudo que se ergueu na escuridão os deixou gelados e os fez estender as mãos à procura uns dos outros. Então o grito ficou mais alto, um lamento distante e fantasmagórico, e se transformou num balbucio desarticulado. Percival Wemys Madison, de Vicarage, Harcourt St. Anthony, estendido na relva alta, atravessava circunstâncias em que repetir a fórmula mágica do seu endereço não tinha mais o poder de ajudá-lo.

Capítulo seis
O monstro do ar

Não havia mais luz alguma além do brilho das estrelas. Quando entenderam o que havia produzido aquele som fantasmagórico, e depois que Percival tornou a se calar, Ralph e Simon o recolheram desajeitados e o carregaram para os dormitórios. Porquinho os seguia de perto, apesar de toda a sua aparente coragem, e os três meninos maiores seguiram juntos para o abrigo mais próximo. Deitaram-se inquietos e com muito ruído em meio às folhas secas, contemplando a trilha de estrelas que tomava a abertura do abrigo que dava para a laguna. De vez em quando, um pequeno gritava nos outros abrigos e, numa das vezes, um menino maior disse alguma coisa no escuro. E então eles também adormeceram.

Uma fatia de lua prateada se ergueu acima do horizonte, quase sem tamanho suficiente para produzir um rastro luminoso, mesmo quase encostada na água; mas havia outras luzes no céu, deslocando-se depressa, piscando ou se apagando, embora o som atenuado de nenhuma explosão chegasse até lá da batalha que se travava a quinze mil metros de altitude. Mas um sinal veio do mundo dos adultos, embora àquela altura nenhum dos meninos estivesse acordado para acompanhar sua chegada. Houve um clarão repentino e um rastro em parafuso riscando o céu; depois novamente só a escuridão e as estrelas. Um ponto claro apareceu acima da ilha, uma figura que despencava depressa debaixo de um paraquedas, uma figura que ali pendia com os membros inertes. Os ventos variáveis de diversas altitudes impeliam essa figura sempre que podiam. E então, a uns cinco mil metros de altura, os ventos cessaram e a fizeram descer descrevendo uma curva no céu, empurrando-a numa diagonal por cima do recife e da laguna na direção da montanha. A figura desceu e desabou em meio às flores azuis da encosta, mas agora havia um vento suave também à flor da terra, e o paraquedas continuou a avançar, esbarrando num ou noutro obstáculo, sempre puxado pelo vento. E assim aquela figura, arrastando os pés, foi deslizando montanha acima. Metro a metro, sopro a sopro, o vento a arrastava entre as flores azuis, passando por cima das pedras soltas e das rochas avermelhadas, até deixá-la estendida em meio às pedras despedaçadas do topo da montanha. Ali o vento se mostrou mais caprichoso e permitiu que os cordões do paraquedas se emaranhassem, prendendo-se às pedras; e então a figura parou sentada, com a cabeça de capacete entre os joelhos, sustentada por complicadas amarras. Toda vez que o vento soprava, os cabos se esticavam e por algum acidente dessa tração erguiam a cabeça e o peito da figura, dando a impressão de que ela contemplava o panorama do alto da montanha. Em seguida, quando o vento amainava, os cabos se afrouxavam e a figura tornava a desabar para a frente, mergulhando a cabeça entre os joelhos. Assim, à medida que as estrelas se deslocavam pelo céu, a figura seguia sentada no topo da montanha, erguendo a cabeça, depois desabando e tornando a erguer a cabeça.

Na penumbra do início da manhã, ouviram-se ruídos junto a uma pedra um pouco mais abaixo, no flanco da montanha. Dois meninos rolaram para fora de uma pilha de galhos e folhas mortas, duas sombras indistintas conversando sonolentas. Eram os gêmeos, encarregados de tomar conta do fogo. Teoricamente, um devia estar dormindo e o outro de sentinela. Mas os dois jamais conseguiam fazer as coisas da maneira certa quando tinham de agir de forma independente e, como não havia meio de passar a noite toda acordados, ambos tinham ido dormir. Agora se aproximavam da mancha escura que tinha sido a fogueira de sinalização, bocejando, esfregando os

olhos e arrastando os pés. Quando chegaram ao lado dela, pararam de bocejar, e um deles voltou correndo em busca de ramos e folhas secas.

O outro se ajoelhou.

"Acho que está apagada."

Remexeu as cinzas com os gravetos que lhe eram enfiados nas mãos.

"Não."

Estendeu-se de barriga no chão, aproximou os lábios da fogueira e soprou de mansinho. Seu rosto apareceu, iluminado de vermelho. Parou de soprar por algum tempo.

"Sam — traz—"

"—mais lenha."

Eric se debruçou para a frente e voltou a soprar de leve até a mancha avermelhada adquirir mais brilho. Sam ajustou um pedaço de lenha na área mais quente, e em seguida um galho maior. O brilho aumentou e o galho pegou fogo. Sam empilhou mais galhos.

"Não queime tudo", disse Eric. "Você está pondo lenha demais."

"A gente precisa se esquentar."

"E aí vamos ter de ir buscar mais lenha."

"Estou com frio."

"Eu também."

"Além disso, está—"

"—escuro. Então tudo bem."

Eric se acocorou e ficou observando enquanto Sam armava a fogueira. O menino construiu uma espécie de tenda de galhos secos, e o fogo reacendeu em segurança.

"Ufa, passou perto."

"Ele ia ficar—"

"Furioso."

"Pois é."

Por alguns momentos, os gêmeos ficaram olhando para o fogo em silêncio. E então Eric deu um risinho.

"Você viu como ele ficou furioso?"

"Com a história—"

"Da fogueira, e do porco."

"Ainda bem que ele resolveu brigar com Jack, e não com a gente."

"Pois é. Lembra dele no tempo da escola?"

"Caramba — você-está-me-deixando-louco!"

Os dois gêmeos emitiram um riso idêntico, depois se lembraram da escuridão e de outras coisas, e correram os olhos inquietos à sua volta. As chamas, erguendo-se em torno da tendinha de galhos armada por Sam, atraíram seus olhos de volta. Eric ficou observando os insetos que viviam na madeira, tentando freneticamente escapar do fogo, e pensou no incêndio — um pouco mais abaixo, na encosta mais íngreme, onde agora a escuridão era completa. Não gostava de se lembrar daquilo, e desviou os olhos para o topo da montanha.

O calor começava a se espalhar, e alcançou os dois com seu conforto. Sam se divertia ajustando mais galhos na fogueira com o maior equilíbrio possível. Eric avançava as mãos abertas, procurando a distância a partir da qual o calor ficaria difícil de suportar. Olhando por acaso para além da fogueira, começou a distinguir as rochas espalhadas que emergiam da sombra maciça para os contornos da luz do dia. Ali ficava a pedra maior, e depois os três rochedos, depois as pedras espalhadas, e mais adiante ficava a brecha — bem ali—

"Sam."

"O quê?"

"Nada."

As chamas engoliam os galhos, a casca se retorcia e caía no fogo, a madeira dava estouros. A tendinha de galhos desabou e liberou um vasto círculo de luz que ia até o cume da montanha.

"Sam—"

"O quê?"

"Sam! Sam!"

Sam ergueu os olhos irritados para Eric. A intensidade do olhar de Eric tornava terrível a direção em que ele olhava, pois Sam estava de costas para ela. Sam deu a volta na fogueira, agachou-se ao lado de Eric e olhou para cima. Os dois ficaram imóveis, agarrando os braços um do outro, quatro olhos atônitos sem piscar e duas bocas muito abertas.

Bem abaixo de onde se encontravam, as árvores da floresta murmuravam, depois emitiram um ronco. O cabelo se agitou em suas testas e as chamas da fogueira se agitaram para um dos lados. A quinze metros deles, o vento abriu o tecido e o som seco e forte se ouviu com clareza.

Nenhum dos dois gritou, mas apertaram o braço do outro com mais força e suas bocas se estreitaram. Por uns dez segundos talvez continuaram ali acocorados enquanto o fogo lançava fumaça, fagulhas e ondas de luz inconstante na direção do topo da montanha.

Então, como se os dois compartilhassem uma única mente aterrorizada, afastaram-se daquelas pedras e fugiram correndo.

Ralph estava sonhando. Tinha adormecido depois do que lhe pareceram horas se revirando ruidosamente no meio das folhas secas. Até os sons dos pesadelos dos outros abrigos não chegavam mais a ele, pois estava de volta a seu lugar de origem, dando torrões de açúcar aos pôneis por cima do muro do jardim. Então alguém começou a sacudir seu braço, dizendo que era hora do chá.

"Ralph! Acorda!"

As folhas rugiam como o mar.

"Ralph, acorda!"

"O que foi?"

"A gente viu—"

"—o monstro—"

"—claramente!"

"Vocês são quem? Os gêmeos?"

"A gente viu o monstro—"

"Cala a boca. Porquinho!"

As folhas ainda rugiam. Porquinho esbarrou nele e um dos gêmeos agarrou o menino que se afastava na direção do losango de estrelas cada vez mais débeis.

"Vocês não podem sair — é horrível!"

"Porquinho — onde estão as lanças?"

"Eu ouvi—"

"Então cala a boca. Fica quieto."

E ficaram ali deitados ouvindo, primeiro tomados por alguma dúvida mas depois pelo terror, enquanto os gêmeos sussurravam sua descrição em meio a lacunas de extremo silêncio. Em pouco tempo a escuridão se viu povoada de garras, tomada pelo horror desconhecido e o perigo. Uma aurora interminável apagou as estrelas, e finalmente a luz, triste e pálida, infiltrou-se no dormitório. Começaram a se mexer, embora o mundo lá fora ainda lhes parecesse impossivelmente ameaçador. O labirinto das trevas se organizou, separando os lugares próximos dos distantes, e no

ponto mais alto do céu as nuvenzinhas se iluminavam de cores quentes. Uma única ave marinha bateu asas e subiu ao céu com um grito rouco que logo foi repetido, e alguma criatura grasnou na floresta. As tiras de nuvens próximas ao horizonte começaram a fulgurar em tons de cor-de-rosa, e os tufos plumosos do alto dos coqueiros foram ficando verdes.

Ralph se ajoelhou na porta do abrigo e olhou cuidadosamente à sua volta.

"Sam e Eric. Chamem todo mundo pruma reunião. Sem fazer barulho. Agora."

Os gêmeos, trêmulos e ainda agarrados um ao outro, arriscaram-se a atravessar os poucos metros até o abrigo seguinte, espalhando a terrível novidade. Ralph se levantou e saiu andando na direção da plataforma, preocupado em manter alguma dignidade embora sentisse calafrios nas costas. Porquinho e Simon o acompanhavam, e em seguida os outros meninos foram se aproximando em silêncio.

Ralph pegou a concha em seu lugar no banco polido e a levou aos lábios, mas em seguida hesitou e decidiu não tirar seu som. Em vez disso, levantou a concha, que mostrou a todos, e eles entenderam.

Os raios do sol que se espalhavam de baixo para cima, vindos de além do horizonte, baixaram finalmente até o nível dos olhos. Ralph olhou por algum tempo para a faixa cada vez maior de luz dourada que iluminava a todos vindo da direita e parecia tornar a reunião possível. O círculo de meninos à sua frente estava eriçado de lanças de caça.

Ralph entregou a concha a Eric, o mais próximo dos gêmeos.

"Nós dois, a gente viu o monstro com os próprios olhos. Não — ninguém estava dormindo—"

Sam contou o resto da história. Por costume, a essa altura, a concha servia de uma só vez para os dois, cuja unidade substancial era reconhecida por todos.

"Era peludo. E alguma coisa se mexia atrás da cabeça dele — asas. E o monstro se mexeu também—"

"Foi horrível. Ele meio que levantou o corpo—"

"O fogo estava alto—"

"A gente tinha acabado de aumentar—"

"—botando mais lenha—"

"E aí os olhos—"

"Os dentes—"

"As garras—"

"Saímos correndo a toda—"

"Esbarrando em tudo—"

"E o monstro logo atrás—"

"Eu vi ele correndo no meio das árvores—"

"Quase me pegou—"

Ralph apontou assustado para o rosto de Eric, lanhado pelos espinhos e por pontas de galhos.

"Como foi que isso aconteceu?"

Eric apalpou o rosto.

"Está ardendo. Está saindo sangue?"

O círculo de meninos recuou de horror. Johnny, ainda bocejando, irrompeu em lágrimas ruidosas e foi esbofeteado por Bill até conseguir sufocá-las. A manhã luminosa estava carregada de ameaças, e o círculo começou a mudar. Fitava o lado de fora em vez de olhar para dentro, e as lanças de madeira afiada lhe serviam de cerca. Jack chamou-os de volta para o centro.

"Vai ser uma caçada de verdade! Quem vem?"

Ralph respondeu com um gesto impaciente.

"Essas lanças são de madeira. Não diga bobagens."

Jack o encarou com ar de desprezo.

"Com medo?"

"Claro que estou com medo! Quem não ia ficar?"

Virou-se para os gêmeos, suplicante mas sem muita esperança.

"Vocês não estão querendo enganar a gente?"

A resposta foi enfática demais para admitir qualquer dúvida.

Porquinho pegou a concha.

"Será que a gente não podia — assim — ficar aqui mesmo? Talvez o monstro nem chegue cá por perto."

Se não fosse a sensação de que estavam sendo observados por alguma coisa, Ralph teria respondido aos gritos.

"Ficar aqui? Isolados nesse trechinho da ilha, sempre de sentinela? E como a gente ia arranjar comida? E como ia cuidar da fogueira?"

"A gente devia ir logo", disse Jack, inquieto. "Estamos perdendo tempo."

"Não, nada disso. E os pequenos, como ficam?"

"Os pequenos que se danem!"

"Alguém precisa tomar conta deles."

"Até agora ninguém tomou."

"Porque não precisava! Mas agora precisa. O Porquinho fica cuidando deles."

"Está certo. Deixar o Porquinho sempre protegido do perigo."

"Mas pensa bem. O que ele pode fazer, com um olho só?"

O resto dos meninos olhava de Jack para Ralph, curiosos.

"E mais uma coisa. Não pode ser uma caçada normal, porque o monstro não deixa rastro. Se deixasse, vocês já tinham visto. Até onde a gente sabe, o monstro pode pular de cipó em cipó feito aquele cara da floresta."

Todos concordaram.

"Então a gente precisa pensar."

Porquinho tirou seus óculos estragados e limpou a lente que restava.

"E a gente, Ralph?"

"A concha não está com você. Toma aqui."

"Está certo — e nós? E se o monstro chegar depois de vocês irem embora? Eu não enxergo direito, e se ficar com medo—"

Jack o interrompeu, com desprezo.

"Você está sempre com medo."

"A concha está comigo—"

"A concha! A concha!", gritou Jack, "a gente não precisa mais da concha. A gente sabe quem tem de dizer as coisas. O que adiantou o Simon falar, ou Bill, ou Walter? Já está na hora de algumas pessoas saberem que deviam ficar de boca calada e deixar as decisões pro resto de nós—"

Ralph não podia mais ignorar as palavras de Jack. O sangue subiu quente às suas faces.

"A concha não está com você", disse ele. "Senta aí."

O rosto de Jack ficou tão pálido que as sardas se destacaram como salpicos de um castanho-claro. Ele passou a língua pelos lábios e continuou de pé.

"Isso é assunto para os caçadores."

O resto dos meninos observava com toda a atenção. Porquinho, sentindo-se desconfortavelmente envolvido, deixou a concha escorregar para os joelhos de Ralph e se sentou.

O silêncio ficou opressivo, e Porquinho conteve a respiração.

"É mais que assunto para os caçadores", disse Ralph finalmente, "porque vocês não têm como seguir o rastro do monstro. E vocês não querem ser resgatados?".

Virou-se para os meninos reunidos.

"Vocês todos não querem ser resgatados?"

Voltou a olhar para Jack.

"Eu já disse antes, o mais importante é a fogueira. A essa altura, deve estar apagada—"

A velha exasperação veio em seu socorro e lhe deu a energia para atacar.

"Será que ninguém mais aqui tem juízo? A gente precisa reacender a fogueira. Isso não passou pela sua cabeça, não é, Jack? Ou será que vocês não querem mesmo ser salvos?"

Sim, todos queriam ser salvos, sem a menor dúvida; e com uma violenta guinada em favor de Ralph a crise foi superada. Porquinho soltou a respiração com um arquejo, tentou respirar de novo e não conseguiu. Encostou-se num tronco, de boca aberta, um tom azulado aparecendo em volta dos seus lábios. Ninguém lhe deu atenção.

"Agora pensa um pouco, Jack. Existe algum ponto da ilha aonde você nunca foi?"

De má vontade, Jack respondeu.

"Só tem — mas é claro! Vocês se lembram? A outra ponta da ilha, onde ficam as pedras empilhadas. Eu já estive ali perto. As pedras formam uma espécie de ponte. Só tem um jeito de subir."

"E pode ser lá que essa coisa vive."

Todos começaram a falar ao mesmo tempo.

"Quietos! Está bem. É lá que a gente vai procurar. Se o monstro não estiver lá, vamos subir o morro e olhar de cima; e acender a fogueira."

"Vamos lá."

"Primeiro a gente come. Depois vai." Ralph fez uma pausa. "E é melhor levar as lanças."

Depois que comeram, Ralph e os grandes partiram pela praia. Deixaram Porquinho encostado na plataforma. O dia prometia, como os outros, sol intenso sob uma cúpula toda azul. A praia se estendia diante deles descrevendo uma curva suave até que a perspectiva a fazia fundir-se com a floresta; pois o dia ainda não tinha avançado o suficiente para se tornar menos nítido por força dos véus fugazes das miragens. Por sugestão de Ralph, escolheram um caminho cauteloso ao longo da plataforma de coqueiros, em vez de seguirem pela areia quente mais perto da água. Jack ia à frente, avançando com uma cautela exagerada embora qualquer inimigo pudesse ser visto a vinte metros de distância. Ralph caminhava na retaguarda, grato por poder evitar mais uma responsabilidade dessa vez.

Simon, caminhando em frente a Ralph, sentiu uma fisgada de incredulidade — um monstro com garras que arranhavam, instalado no alto da montanha, que não deixava rastros mas ainda assim tinha a velocidade necessária para alcançar Samineric. Sempre que pensava no monstro, o que se erguia diante de sua visão interior era a imagem de um ser humano ao mesmo tempo heroico e doente.

Suspirou. Ao que tudo indicava, as outras pessoas eram capazes de se dirigir a um grupo grande sem aquela sensação terrível da pressão da personalidade; sabiam dizer o que queriam, como se falassem com uma pessoa só. Deu um passo para o lado e olhou para trás. Ralph vinha logo atrás dele, com a lança apoiada no ombro. Inseguro, Simon afrouxou seu passo até se ver ao lado de Ralph, olhando para ele através dos cabelos negros grossos que agora lhe caíam por cima dos olhos. Ralph olhou de lado, deu um sorriso forçado, como se tivesse esquecido o papel de idiota que Simon tinha feito, depois voltou a olhar para o nada. Por um ou dois instantes Simon ficou feliz de ter sido aceito, depois parou de pensar em si mesmo. Quando esbarrou numa árvore,

Ralph lançou-lhe um olhar de esguelha e Robert deu um riso abafado. Simon rodopiou e um ponto branco na sua testa foi ficando vermelho e depois começou a pingar sangue. Ralph parou de dar atenção a Simon e retornou a seu inferno particular. Iriam chegar ao castelo dali a pouco, e o chefe precisaria tomar a frente.

Jack apareceu correndo.

"Já estamos quase lá."

"Está certo. Vamos chegar o mais perto possível."

Seguiu Jack na direção do castelo, onde o terreno começava a subir um pouco. À esquerda deles, erguia-se um emaranhado impenetrável de árvores e cipós.

"Por que não daria pra alguma coisa viver aí?"

"Dá pra ver por quê. Nada ia conseguir entrar ou sair daí."

"E o castelo?"

"Olha ali."

Ralph afastou a cortina de vegetação e olhou. Havia apenas mais uns poucos metros de solo pedregoso, antes de os dois lados da ilha quase se juntarem; qualquer um esperaria uma ponta avançando pelo mar. Em vez disso, uma plataforma estreita de pedra, com poucos metros de largura por uns quinze de comprimento, dava prosseguimento à ilha e se projetava mar adentro. E lá se erguia mais um desses penhascos quadrados de pedra rosada em que toda a ilha se apoiava. O lado de cá do castelo, com talvez uns trinta metros de altura, era o bastião rosado que tinham visto do alto da montanha. A rocha do penhasco estava rachada, e em cima dele se espalhavam pedras que pareciam soltas e desequilibradas.

Atrás de Ralph, a relva alta foi se enchendo de caçadores em silêncio. Ralph olhou para Jack.

"Você é caçador."

Jack corou.

"Eu sei. Está bem."

Alguma coisa no fundo de Ralph falou por ele.

"Eu sou o chefe. Eu vou. Nem adianta discutir."

Virou-se para os outros.

"Vocês ficam escondidos aqui. E esperam eu voltar."

Descobriu que sua voz tendia a desaparecer ou sair alta demais. Olhou para Jack.

"Você — acha?"

Jack respondeu num murmúrio.

"Já andei pela ilha toda. Só pode estar aqui."

"Entendi."

Simon murmurou em tom confuso: "Eu não acredito no monstro."

Ralph respondeu com cortesia, como se discutisse as condições do tempo.

"Não, imagino que não."

Sua boca estava franzida e branca. Puxou o cabelo para trás muito devagar.

"Bom. Até logo."

Forçou seus pés a entrarem em movimento até eles o levarem à passagem de terra que os separava do rochedo.

Por todos os lados, viu-se cercado de abismos de ar vazio. Não havia onde pudesse se esconder, mesmo que não precisasse seguir em frente. Parou na estreita faixa de terra e olhou para baixo. Dali a algum tempo, em matéria de séculos, o mar haveria de transformar o castelo numa outra ilha. À sua direita ficava a laguna, agitada pelo mar aberto; e à esquerda—

Ralph estremeceu. A laguna protegia os meninos do Pacífico: e por algum motivo só Jack

tinha chegado até as águas do outro lado. Agora ele via o movimento do mar como um marinheiro de primeira viagem, e as ondas lhe pareciam a respiração de alguma criatura monumental. As águas escoavam lentamente entre as pedras, revelando superfícies rosadas de granito, estranhas formações de coral, pólipos e algas. As águas iam baixando e baixando, com um sussurro que lembrava o do vento entre as copas da floresta. Adiante se via uma pedra chata que parecia uma mesa, e as águas que eram sugadas e se despejavam por seus quatro lados cobertos de algas davam-lhes a aparência de desfiladeiros. Então o leviatã adormecido soltava sua respiração — as águas subiam, as algas se espalhavam, e o mar, com um rugido, cobria espumando a mesa de pedra. Não se tinha a sensação da passagem das ondas; só daquela alternância, a cada minuto, de vazante, cheia e vazante.

Ralph tomou a direção do penhasco avermelhado. Os meninos estavam à sua espera em meio à relva alta, para ver o que faria. Ele notou que o suor tinha esfriado na palma das suas mãos; percebeu com surpresa que na verdade não acreditava que fosse encontrar monstro nenhum, e que não sabia o que iria fazer se o encontro acontecesse.

Viu que seria capaz de escalar o penhasco, mas que nem precisava. As escarpas retas do rochedo deixavam uma espécie de base à sua volta, e à direita, do lado da laguna, era possível avançar pouco a pouco por essa borda de pedra e, andando por ela, dar a volta no penhasco. Foi fácil, e logo vislumbrou o panorama do outro lado do rochedo.

E viu apenas o que já esperava: pedras rosadas soltas e apoiadas umas nas outras, em que o guano se acumulava como cobertura de bolo; e uma subida íngreme até as pedras que coroavam aquele bastião.

Um som atrás dele o fez virar-se. Jack avançava pela borda de pedra.

"Não ia deixar você vir sozinho."

Ralph não disse nada. Seguiu em frente subindo pelas pedras, examinou uma espécie de meia-caverna que não continha nada mais terrível que um aglomerado de ovos apodrecidos e finalmente sentou-se, olhando à sua volta e golpeando a pedra com a base da sua lança.

Jack estava animado.

"Que lugar para um forte!"

Uma coluna de espuma os atingiu.

"Falta água doce."

"E então o que é aquilo?"

Havia realmente uma comprida mancha verde num certo ponto da pedra. Subiram até lá e provaram o filete de água.

"Dava para manter uma casca de coco aqui, enchendo de água o tempo todo."

"Por mim nem precisava. Achei esse lugar horrível."

Lado a lado, escalaram os últimos metros até o alto da pilha de pedras, o ponto onde ela se estreitava e era coroada pela última pedra solta. Jack empurrou a rocha mais próxima com a mão, e ela rangeu um pouco.

"Você se lembra—?"

A consciência dos maus momentos desde aquele dia ocorreu aos dois. Jack falou depressa.

"Basta enfiar um tronco de coqueiro por baixo dela, e se um inimigo chegar perto — olhe só!"

Trinta metros abaixo deles ficava a estreita passagem de terra, depois o solo pedregoso, depois a relva salpicada de cabeças, e atrás delas a floresta.

"Um empurrão", gritou Jack, exultante, "e — uáááá—!"

Fez um movimento em arco com a mão. Ralph olhou para a montanha.

"O que foi?"

Ralph se virou.

"Por quê?"

"Você estava com um jeito — que eu não sei."

"Não dá para ver o sinal. Nada."

"Você só pensa nesse tal sinal."

A linha tensa e azul do horizonte os cercava por todos os lados, interrompida apenas pelo topo da montanha.

"É tudo que a gente tem."

Apoiou a lança na pedra instável e empurrou os cabelos para trás com as duas mãos.

"Precisamos voltar e subir a montanha. Foi onde eles viram o monstro."

"O monstro não vai estar lá."

"E o que mais a gente pode fazer?"

Os outros, à espera dos dois em meio à relva, viram Jack e Ralph surgir ilesos e saíram ao sol. Esqueceram o monstro, no ímpeto exploratório. Atravessaram em bando a passagem de terra e dali a pouco estavam todos escalando e gritando uns com os outros. Ralph estava parado de pé, uma das mãos apoiada num bloco enorme de pedra vermelha, do tamanho de uma pedra de moinho, que se quebrara e agora se mantinha em pé mas mal equilibrado. Com ar sombrio, observava a montanha. Cerrou o punho e martelou com ele a parede de pedra à sua direita. Seus lábios estavam apertados, e seus olhos brilhavam intensos por baixo da franja.

"Fumaça."

Lambeu o punho ralado.

"Jack! Vamos."

Mas Jack não estava mais lá. Um aglomerado de meninos, fazendo um barulho alto que ele sequer tinha escutado, fazia força, empurrando uma pedra. Quando Ralph se virou, a base da pedra cedeu e o resto desabou caindo no mar, produzindo um esguicho alto de espuma que chegou à metade da altura do penhasco.

"Para! Para!"

Sua voz provocou o silêncio.

"Fumaça."

Uma coisa estranha aconteceu na sua cabeça. Alguma coisa se agitava diante do seu espírito, como uma asa de morcego, lançando sombra sobre as suas ideias.

"Fumaça."

Na mesma hora os pensamentos voltaram, acompanhados da raiva.

"A gente precisa de fumaça. E vocês aí perdendo tempo. Empurrando pedras."

Roger gritou.

"Mas a gente tem tempo de sobra!"

Ralph abanou a cabeça.

"Vamos pra montanha."

Um clamor de protesto. Alguns dos meninos queriam descer de volta para a praia. Outros queriam empurrar outras pedras no mar. O sol brilhava forte, e o perigo tinha se dissipado com a escuridão.

"Jack. O monstro pode estar do outro lado. Você pode ir na frente de novo. Já esteve lá."

"Mas a gente podia ir pela beira. Tem frutas por lá."

Bill se aproximou de Ralph.

"Por que a gente não pode ficar mais um pouco aqui?"

"Isso mesmo."

"A gente podia fazer um forte—"

"Aqui não tem nada para comer", disse Ralph, "nem abrigo. E pouca água doce".

"Mas esse lugar dava um forte incrível."

"A gente podia empurrar mais pedras—"

"Pra cair na ponte—"

"Estou dizendo que a gente vai continuar!", gritou Ralph, furioso. "A gente precisa ter certeza. E a gente vai agora."

"Eu queria ficar aqui—"

"Descer de volta pra cabana—"

"Estou cansado—"

"Não!"

O soco de Ralph arrancou a pele dos nós dos seus dedos. E ele nem sentiu a dor.

"Eu sou o chefe. A gente precisa ter certeza. Vocês estão vendo a montanha? Não tem sinal de fumaça aparecendo lá em cima. Um navio podia passar. Estão todos malucos?"

Revoltados, os meninos se calaram ou se limitaram a resmungar.

Jack partiu à frente, descendo as pedras e atravessando a ponte de terra.

Capítulo sete
Sombras e árvores altas

A trilha dos porcos corria perto das pedras amontoadas à beira da água do outro lado da ilha, e Ralph estava satisfeito de seguir Jack. Se fosse possível fechar os ouvidos à lenta sucção do mar e à fervura de cada ressurgimento, se fosse possível esquecer como eram pardacentas e inóspitas as áreas cobertas de samambaias dos dois lados da trilha, seria até possível tirar o monstro da cabeça e sonhar um pouco. O sol tinha passado da vertical, e o calor da tarde se fechava em torno da ilha. Ralph passou um recado à frente para Jack e, quando se depararam novamente com árvores frutíferas, o grupo todo parou para comer.

Sentando-se, Ralph tomou consciência do calor pela primeira vez naquele dia. Descolou com desgosto a camisa cinzenta do corpo, e se perguntou se conseguiria empreender a aventura de tentar lavá-la. Sentado sob um calor que lhe parecia incomum, até mesmo para a ilha, Ralph dedicou-se a planejar cuidados pessoais. Gostaria de ter uma tesoura e cortar o cabelo — empurrou o emaranhado para trás —, cortar aquele cabelo imundo e deixá-lo com mais ou menos um centímetro só de comprimento. Adoraria tomar um banho, de banheira, com sabão. Passou a língua explorando os dentes, e concluiu que uma escova de dentes também cairia muito bem. E ainda havia as unhas—

Ralph virou as mãos e examinou as unhas. Estavam roídas até o sabugo, embora ele não tivesse a menor lembrança de retomar o hábito, e nem de qualquer momento em que houvesse se entregado a ele.

"Daqui a pouco vou estar chupando o dedo—"

Olhou em volta, furtivamente. Mas ninguém deu sinal de ter ouvido. Os caçadores estavam sentados ao redor, enchendo a barriga com a refeição fácil, tentando convencer-se de que conseguiam extrair energia suficiente das bananas e daquela outra fruta gelatinosa cinza-esverdeada. Lembrando que no passado costumava ser um menino limpo, Ralph passou em revista os outros garotos. Estavam todos sujos, mas não com a sujidade espetacular de meninos que tivessem caído na lama ou ficado encharcados num dia de chuva forte. Nenhum deles era candidato óbvio a uma ducha, mas ainda assim — o cabelo, comprido demais, emaranhado em alguns pontos, com uma folha seca ou um ramo preso aqui e ali; os rostos mais ou menos limpos, graças ao processo de comer e suar, mas marcados nos cantos menos acessíveis por uma espécie de sombra; roupas gastas, endurecidas como as dele pelo suor, usadas não por decoro ou conforto, mas por puro costume; a pele do corpo coberta por um cascão salgado—

Descobriu, com um pequeno sobressalto do coração, que eram essas condições que hoje considerava normais, e não se incomodava mais com elas. Suspirou e jogou fora o talo de onde tinha destacado uma fruta. Os caçadores já se afastavam para se aliviar na mata ou perto das pedras. Virou-se e olhou para o mar.

Ali, do outro lado da ilha, o panorama era totalmente diverso. Os prodígios tênues das miragens não resistiam à água fria do oceano, e o horizonte se recortava num azul duro. Ralph saiu caminhando até as pedras. Mais abaixo, quase no mesmo nível do mar, era possível acompanhar com os olhos a passagem incessante das ondas bojudas do mar profundo. Tinham quilômetros de largura, muito diferentes das ondas que se quebravam contra algum obstáculo ou das cristas que se elevavam em águas rasas. Percorriam a ilha de ponta a ponta aparentando indiferença, como que

empenhadas em alguma outra atividade; eram menos um avanço do que um solene movimento de sobe-e-desce de todo o oceano. Primeiro o mar era sugado para baixo, com a água que se retirava caindo em cascatas e cachoeiras, refugiando-se debaixo das pedras e deixando as algas emplastradas como cabeleiras reluzentes; em seguida, depois de uma pausa, o mar acumulava forças e subia com um rugido, cobrindo irresistível a costa rochosa e as pontas de pedra, escalando os pequenos desfiladeiros, lançando finalmente um braço de mar por uma garganta adentro até parar a menos de um metro de Ralph, apenas aflorado por dedos de espuma.

Onda após onda, Ralph acompanhou o fluxo e o refluxo das águas, até alguma coisa no caráter remoto do mar entorpecer seu cérebro. Então, aos poucos, a extensão quase infinita daquele território acabou por atrair seu pensamento. Ali estava o divisor, a barreira. Do outro lado da ilha, envolto ao meio-dia em miragens, defendido pelo escudo da laguna tranquila, era possível sonhar com um resgate; mas ali, diante da brutalidade obtusa do oceano, dos quilômetros de separação, qualquer um se sentia oprimido, desamparado, condenado, qualquer um se sentia—

Simon estava falando quase no seu ouvido. Ralph descobriu que tinha se agarrado à pedra com as duas mãos doloridas, que tinha o corpo arqueado, os músculos da nuca retesados, a boca tensa e aberta.

"Você vai voltar pro lugar de onde veio."

Simon assentia com a cabeça enquanto falava. Estava apoiado num dos joelhos, olhando de uma pedra a que se segurava com as duas mãos; sua outra perna chegava até a altura da cabeça de Ralph.

Ralph ficou intrigado e examinou o rosto de Simon, em busca de uma explicação.

"Quer dizer, é tão grande—"

Simon assentiu com a cabeça.

"Assim mesmo. Mas você vai voltar, sim. Pelo menos eu acho que vai."

Parte da tensão tinha abandonado o corpo de Ralph. Ele olhou para o mar e depois dirigiu um sorriso amargo a Simon.

"Tem um navio aí no seu bolso?"

Simon sorriu e abanou a cabeça.

"Então como é que você sabe?"

E quando Simon continuou sem dizer nada, Ralph declarou secamente, "Você é doido".

Simon abanou a cabeça violentamente até seus cabelos grossos e negros voarem de um lado para o outro por sobre o seu rosto.

"Nada disso. Eu só *acho que você vai voltar, sim*."

Por um tempo, nada mais foi dito. E então, de repente, trocaram um sorriso.

Roger chamou de um recanto coberto de samambaias.

"Venham ver!"

O solo estava pisado perto da trilha dos porcos, e havia excrementos fumegantes. Jack debruçou-se sobre eles como se adorasse aquilo.

"Ralph — a gente precisa de carne, mesmo caçando a outra coisa."

"Se for na direção certa, vamos caçar."

Tornaram a partir, os caçadores um pouco aglomerados por medo do monstro referido, enquanto Jack seguia à frente como batedor. Avançavam mais devagar do que Ralph desejaria; ainda assim, até certo ponto achava bom andar mais lentamente, com a lança na mão. Jack se deparou com alguma outra emergência da sua especialidade, e a fila parou. Ralph se encostou numa árvore e na mesma hora se entregou a devaneios. Era Jack que estava encarregado da caçada, e depois ainda teriam tempo de chegar ao alto da montanha—

Uma vez, mudando-se com seu pai de Chatham a Devonport, tinha morado num chalé à beira do pântano. Na sucessão de casas que Ralph conheceu, esta se destacava com uma clareza especial, porque depois dela tinha sido mandado para o colégio interno. Mamãe ainda estava com eles, e Papai voltava para casa todo dia. Pôneis selvagens apareciam na cerca de pedra no fundo do jardim, e nevava. Logo atrás do chalé ficava uma espécie de depósito, e a pessoa podia ficar deitada ali, vendo os flocos carregados pelo vento. Dava para distinguir o ponto úmido onde cada floco de neve morria; em seguida você podia marcar o primeiro floco que caía sem derreter, e o chão ia ficando todo branco enquanto você olhava. Depois, podia entrar quando começava a sentir frio e ficar olhando pela janela, para além da chaleira de cobre polido e do prato com os homenzinhos azuis—

Quando você ia para a cama, ganhava uma tigela de flocos de milho com açúcar e creme. E os livros ficavam na prateleira ao lado da cama, e dois ou três sempre ficavam deitados por cima, porque ele não se dava ao trabalho de arrumá-los de volta. Traziam as páginas dobradas e muitos rabiscos. Lá estava o livro colorido e reluzente sobre Topsy e Mopsy, que ele nunca tinha lido porque falava de duas meninas; e mais o livro sobre o Mágico que a pessoa lia com uma espécie de terror contido, pulando o desenho terrível da aranha na página vinte e sete; tinha um livro sobre as pessoas que desenterravam coisas, no Egito; tinha o *Livro dos trens para meninos*, o *Livro dos navios para meninos*. Ele os via nitidamente à sua frente; poderia estender o braço e pegar cada um, sentir seu peso e a facilidade lenta com que o *Livro gigante para meninos* deslizava até ele e se abria na sua mão... Tudo estava bem; tudo era alegre e amistoso.

A mata crepitou à frente deles. Os meninos pularam enlouquecidos para fora da trilha, enredando-se nos cipós, aos gritos. Ralph viu Jack ser derrubado e cair. E em seguida uma criatura galopava pela trilha na sua direção, com as presas cintilantes e um grunhido assustador. Ralph se descobriu capaz de calcular friamente a distância e fazer pontaria. Com o porco-do-mato a menos de cinco metros, arremessou a lança ridícula de madeira que carregava, viu que ela atingia o enorme focinho do bicho e ficava presa ali por algum tempo. O ronco do porco-do-mato se transformou num guincho, e ele desviou de lado. A trilha se encheu novamente de meninos aos berros, e Jack voltou correndo, enfiando a lança no mato.

"Por aqui—"

"Mas ele vai ver a gente!"

"Por aqui, já disse—"

O porco-do-mato se afastava deles. Encontraram outra trilha paralela à primeira, e Jack saiu correndo por ela. Ralph estava cheio de medo, apreensão e orgulho.

"Eu acertei nele! A lança se enterrou no—"

Em seguida, chegaram inesperadamente a um espaço aberto junto ao mar. Jack avançou um pouco pela pedra nua, com um ar ansioso.

"Ele sumiu."

"Eu acertei nele", tornou a dizer Ralph, "e a lança se enterrou um pouco".

Sentia a necessidade de testemunhas.

"Vocês não viram?"

Maurice assentiu com a cabeça.

"Eu vi. Acertou bem no focinho — Pimba!"

Ralph continuou a falar, muito animado.

"Eu acertei mesmo nele. A lança se enterrou. Ele está ferido!"

Expôs-se, satisfeito, à luz do novo respeito dos demais e sentiu que, no fim das contas,

caçar era bom.

"Acertei bem nele. E acho que era o monstro!"

Jack voltou.

"Não era o monstro. Era um porco-do-mato."

"E eu acertei ele."

"E por que não agarrou o bicho? Eu tentei—"

A voz de Ralph aumentou.

"Mas um porco-do-mato!"

Jack corou de repente.

"Você disse que ele ia ver a gente. Por que você jogou a lança? Por que não esperou?"

Estendeu o braço.

"Olha só."

Virou o antebraço para que todos pudessem ver. Do lado de fora havia um corte; não era grande, mas sangrava.

"Foi ele, com aquele dentão. Não consegui baixar a lança na hora certa."

A atenção se concentrou em Jack.

"Você está machucado", disse Simon, "e devia chupar a ferida. Como Berengária de Navarra".

Jack chupou a ferida.

"Eu acertei o porco", disse Ralph em tom indignado. "Acertei nele com a minha lança. Eu feri o bicho."

Tentava atrair a atenção geral.

"Ele vinha pelo caminho. Joguei a lança nele, assim—"

Robert rosnou para ele. Ralph entrou na brincadeira e todos riram. Logo estavam todos desferindo estocadas de lança na direção de Robert, que fingia tentar fugir.

Jack gritou.

"Forma uma roda!"

A roda começou a girar. Robert começou a guinchar de terror fingido, depois de dor verdadeira.

"Ai! Para com isso! Está me machucando!"

O cabo de uma lança o atingiu nas costas, e ele caiu no meio dos demais.

"Segura bem!"

Agarraram seus braços e pernas. Ralph, arrebatado por uma excitação densa e súbita, agarrou a lança de Eric e ameaçava ferir Robert com ela.

"Mata! Mata!"

Na mesma hora, Robert começou a gritar e se debater com uma força frenética. Jack o segurava pelos cabelos, com a faca na mão. Atrás dele estava Roger, que se esforçava por se aproximar mais. Os gritos foram aumentando de volume, ritualmente, como o último momento de uma dança ou uma caçada.

"*Mata o porco! Corta a goela! Mata o porco! Cai de pau!*"

Ralph também se esforçava para chegar mais perto, atingir algum ponto daquela carne bronzeada e vulnerável. O desejo de esmagar e ferir era irresistível.

O braço de Jack desceu; o círculo arquejante dos meninos gritou de entusiasmo e produziu o som de um porco agonizante. Em seguida se calaram, ofegantes, ouvindo os gemidos assustados de Robert. Ele limpou o rosto com um braço sujo, e fez um esforço para recuperar sua boa posição.

"Ai, minha bunda!"

Esfregou tristemente o traseiro. Jack rolou de lado.

"Foi uma boa brincadeira."

"Só uma brincadeira", disse Ralph, encabulado. "Uma vez eu me machuquei num jogo de rúgbi."

"A gente precisava era de um tambor", disse Maurice, "aí podia fazer as coisas direito".

Ralph olhou para ele.

"Como assim, fazer direito?"

"Sei lá. Mas precisava de uma fogueira, eu acho, e de um tambor, pra marcar o ritmo."

"O que a gente queria era um porco", disse Roger, "feito numa caçada de verdade".

"Ou alguém fingindo que era o porco", disse Jack. "Alguém podia se fantasiar de porco e aí representar — sabe como é, fingir que me derrubava e tudo mais—"

"A gente queria um porco de verdade", disse Robert, ainda esfregando o traseiro, "porque aí podia matar".

"Ou podia usar um dos pequenos", disse Jack, e todos riram.

Ralph endireitou o corpo, ainda sentado.

"Bom. Nesse ritmo, a gente não vai encontrar o que está procurando."

Um a um os meninos foram se levantando, ajeitando seus farrapos.

Ralph olhou para Jack.

"Agora a gente sobe a montanha."

"Não era melhor voltar pra encontrar o Porquinho", disse Maurice, "antes de escurecer?"

Os gêmeos assentiram com a cabeça, como se fossem um único menino.

"Isso mesmo. A gente sobe a montanha amanhã de manhã."

Ralph olhou para o mar.

"A gente precisa acender a fogueira de novo."

"Mas você não trouxe os óculos do Porquinho", disse Jack. "Como é que vai fazer?"

"Então a gente vai só ver se está tudo bem por lá."

Maurice falou, hesitante, não querendo parecer covarde.

"E se o monstro estiver lá em cima?"

Jack brandiu a lança.

"A gente mata."

O sol parecia um pouco menos quente. Jack fez um movimento de ataque com a lança.

"O que a gente está esperando?"

"Acho que se for pela beira da água", disse Ralph, "a gente sai logo abaixo da parte queimada, e de lá chega ao alto da montanha".

Mais uma vez, Jack tomou a frente, ladeando o mar cegante em sua alternância de sucção e crescimento.

E mais uma vez Ralph começou a sonhar, deixando as dificuldades do caminho por conta de seus pés experimentados. Ali, porém, eles pareciam menos tarimbados do que antes. Na maior parte do caminho, os meninos eram forçados a caminhar bem junto às pedras nuas à beira do mar, avançando devagar entre elas e a abundância sombria da floresta. Havia pequenos penhascos a escalar, outros que podiam ser usados como trilhas, longas passagens onde precisavam usar tanto os pés quanto as mãos. Aqui e ali tinham de passar por pedras molhadas pelas ondas, pulando por cima das pequenas poças que a maré tinha deixado. Chegaram a uma larga rachadura que, como um fosso, atravessava a estreita faixa junto ao mar. Parecia não ter fundo, e contemplaram admirados aquela fenda escura onde a água gorgolejava. E então a onda voltou, a fenda ferveu à

frente deles e um jato de espuma atingiu até os meninos que olhavam mais de longe, que ficaram molhados e reagiram aos gritos. Tentaram a floresta, mas a mata ali era densa e cerrada, os cipós trançados como os de um ninho. No final decidiram saltar a fenda, cada um esperando a água descer para dar seu pulo; mas ainda assim alguns tomaram um segundo banho. Depois disso ficou aparentemente impossível seguir pelas pedras, e resolveram descansar sentados, secando seus andrajos e contemplando os contornos destacados contra o céu das ondas que percorriam lentamente o comprimento da ilha. Encontraram frutas no santuário de uns passarinhos muito coloridos que pairavam no ar como insetos. E então Ralph disse que estavam indo devagar demais. Ele próprio subiu numa árvore, afastou parte de suas folhas e avistou o topo quadrado da montanha ainda bem ao longe. Tentaram avançar mais depressa pelas pedras e Robert sofreu um corte bem fundo no joelho. Depois disso, tiveram de reconhecer que por aquele caminho só podiam andar em segurança se fossem bem mais devagar. Seguiram em frente como quem escala uma montanha especialmente perigosa, até que as pedras se transformaram num penhasco irredutível, coberto por um trecho de floresta impenetrável e caindo verticalmente no mar.

Ralph olhou para o sol, com ar concentrado.

"Fim da tarde. No mínimo, já passou a hora do chá."

"Eu não me lembrava desse precipício", disse Jack, abatido. "Aqui deve ser o trecho da costa que eu não conhecia."

Ralph concordou.

"Deixa eu pensar."

A essa altura, Ralph não se encabulava mais de pensar em público, e tratava cada decisão cotidiana como um movimento de xadrez. O único problema é que jamais daria um bom enxadrista. Pensou nos pequenos, e em Porquinho. Imaginou nitidamente Porquinho solitário, encolhido num abrigo silencioso, exceto pelos sons dos pesadelos.

"Não podemos deixar os pequenos sozinhos com o Porquinho. Não a noite toda."

Os outros meninos continuaram calados, mas ficaram por perto, observando Ralph.

"Se a gente fosse voltar daqui, ia levar horas."

Jack limpou a garganta e falou com uma voz tensa e diferente.

"A gente não pode deixar nada acontecer com o Porquinho, não é mesmo?"

Ralph bateu nos dentes com a ponta suja da lança de Eric.

"Se a gente atravessar—"

Olhou à sua volta.

"Alguém precisa atravessar a ilha e ir dizer ao Porquinho que só vamos voltar depois de escurecer."

Bill, incapaz de acreditar, respondeu.

"Atravessar a floresta sozinho? Agora?"

"Só um pode ir."

Simon se adiantou até o flanco de Ralph.

"Eu vou se você quiser. É sério, não me incomodo."

Antes de Ralph ter tempo de responder, deu um sorriso rápido, fez meia-volta e entrou na floresta.

Ralph olhou para Jack, e, furioso, foi como se o visse pela primeira vez.

"Jack — e aquela vez que você deu toda a volta na ilha, até a Pedra do Castelo?"

Jack se irritou.

"O que é que tem?"

"Aquele dia?"

"Eu encontrei uma trilha dos porcos. Com muitos e muitos quilômetros."

Ralph assentiu com a cabeça, e apontou para a floresta.

"Quer dizer que a trilha deve passar em algum ponto por aqui."

Todos concordaram.

"Então é isso. A gente abre caminho pelo mato até achar uma picada."

Deu um passo à frente e parou.

"Mas esperem um minuto! Aonde leva a trilha dos porcos?"

"Pra montanha", respondeu Jack. "Eu já disse." Fez uma expressão de desdém. "Você não quer ir pra montanha?"

Ralph suspirou, sentindo que o antagonismo crescia, entendendo que era aquele o sentimento de Jack quando ele não estava andando à frente dos outros.

"Pensei que está começando a ficar escuro, e a gente vai tropeçar pra todo lado."

"A gente ia procurar o monstro—"

"Vai ficar escuro demais."

"Por mim eu continuo", replicou Jack em tom hostil. "E subo a montanha quando chegar lá. Você não? Ou prefere voltar pro dormitório e ir conversar com o Porquinho?"

Agora foi a vez de Ralph corar, mas falou sem nenhuma outra intenção, com base na nova compreensão que Porquinho lhe tinha transmitido.

"Por que você me odeia?"

Os meninos se agitaram, tomados pelo desconforto, como se alguma coisa indecente tivesse sido dita. O silêncio se prolongava.

Ralph, ainda acalorado e ofendido, foi o primeiro a se virar.

"Vamos lá."

Saiu andando na frente e considerou-se em pleno direito de desferir fortes pancadas nos cipós emaranhados. Jack fechava a retaguarda, deslocado e imerso em seus pensamentos.

A trilha dos porcos era um túnel escuro, pois o sol se deslocava depressa na direção do limite do mundo e, na floresta, as sombras nunca estavam longe. A trilha era larga e muito pisada, e os meninos seguiam por ela correndo. Logo, o teto de folhagem se abriu e pararam, com a respiração acelerada, olhando para as poucas estrelas que já despontavam em torno do topo da montanha.

"Pronto."

Os meninos se entreolhavam, sem saber o que fazer. Ralph tomou uma decisão.

"Vamos atravessar direto pra plataforma, e subimos a montanha amanhã."

Os meninos concordaram com murmúrios; mas Jack surgiu de pé a seu lado.

"Se você está com medo, é claro—"

Ralph virou-se para ele.

"Quem subiu primeiro na Pedra do Castelo?"

"Eu também subi. E era de dia."

"Está certo. Quem quer subir a montanha agora?"

O silêncio foi a única resposta.

"Samineric? Vocês?"

"A gente devia ir avisar o Porquinho—"

"—isso, avisar o Porquinho que—"

"Mas Simon já foi!"

"A gente precisa ir avisar o Porquinho. Se ele—"

"Robert? Bill?"

Os dois já caminhavam direto para a plataforma. Não, claro, que estivessem com medo. Só cansados.

Ralph virou-se para Jack.

"Está vendo?"

"Eu vou subir a montanha."

As palavras saíram cheias de maldade da boca de Jack, como uma maldição. Ele olhou para Ralph, seu corpo magro retesado, segurando a lança como se o ameaçasse.

"Eu vou subir a montanha pra procurar o monstro — agora."

Então a suprema ofensa, lançada em tom amargo e casual.

"E você?"

Diante disso, os outros meninos esqueceram sua urgência de voltar e se viraram para apreciar aquele novo atrito entre dois espíritos no escuro. A ofensa era boa demais, amarga demais; cortante demais para ser repetida. Tinha atingido Ralph num momento em que seu ânimo estava relaxado, pronto para retornar ao dormitório e às águas paradas e amigas da laguna.

"Por mim tudo bem."

Atônito, ouviu sua voz soar contida e casual, a tal ponto que a amargura do desafio de Jack perdeu o gume.

"Se você não se incomodar, claro."

"Ah, claro que não."

Jack deu um passo.

"Então—"

Lado a lado, observados pelos meninos em silêncio, os dois começaram a subir a montanha.

Ralph se deteve.

"Que bestas. Por que ir só dois? Se a gente encontrar alguma coisa, dois não vão dar conta—"

E ouviram o barulho dos outros meninos que se afastavam. Inesperadamente, uma silhueta se deslocou contra a corrente, subindo na direção deles.

"Roger?"

"Eu."

"Então somos três."

Mais uma vez começaram a subir a encosta da montanha. A escuridão parecia subir à volta deles como a maré cheia. Jack, que não falava, começou a engasgar e tossir; e uma rajada de vento fez os três começarem a tossir. Ralph sentiu-se cegado pelas lágrimas.

"Cinzas. A gente está bem na beira do trecho queimado."

Os passos deles, assim como o sopro ocasional do vento, levantavam plumas de pó. Depois que pararam mais uma vez, Ralph, enquanto tossia, teve tempo de pensar na bobagem que estavam fazendo. Se não existia nenhum monstro — e era quase certo que não existisse monstro algum —, nesse caso, estava tudo muito bem; mas se houvesse alguma coisa esperando por eles no alto da montanha — o que eles três poderiam fazer, limitados pela escuridão e armados apenas com paus pontudos?

"Estamos sendo uns idiotas."

E, da escuridão, veio a resposta.

"Preocupado?"

Irritado, Ralph sacudiu o corpo. Tudo aquilo era culpa de Jack.

"Claro que sim. Mas nem por isso deixa de ser uma idiotice."

"Se você quiser desistir", disse a voz em tom sarcástico, "eu vou em frente sozinho".

Ralph percebeu o tom de zombaria e ficou com ódio de Jack. A ardência das cinzas nos seus olhos, o cansaço, o medo, tudo o deixava furioso.

"Pode continuar, então! A gente fica esperando aqui."

Silêncio.

"Por que não continua? Está com medo?"

Um borrão no escuro, a mancha que era Jack, separou-se deles e começou a se afastar.

"Pode ir. Até logo."

A mancha desapareceu. Outra tomou o lugar dela.

Ralph esbarrou em alguma coisa dura com o joelho e fez balançar um tronco carbonizado e áspero ao toque. Sentiu as cinzas que tinham sido a casca do tronco raspando a parte de trás do seu joelho, e percebeu que Roger tinha sentado. Tateando com as mãos, instalou-se ao lado de Roger, enquanto o tronco continuava a balançar em meio a cinzas invisíveis. Roger, pouco comunicativo por natureza, não dizia nada. Não deu palpite sobre o monstro e nem disse a Ralph por que tinha decidido aderir àquela expedição insensata. Simplesmente sentou e ficou balançando de leve o tronco. Ralph escutou batidas rápidas e irritantes e percebeu que Roger estava batendo em alguma coisa com sua ridícula lança de madeira.

E ficaram ali sentados, Roger balançando o tronco e batucando com a lança, impassível, e Ralph furioso; em torno deles, o céu próximo estava carregado de estrelas, menos onde a montanha abria um buraco de escuridão.

Ouviram um som de pedras soltas bem acima deles, o som de alguém que descia a encosta em meio à pedra ou à cinza. Então Jack os encontrou. Tremia e tentava falar com uma voz rouca que mal conseguiram reconhecer.

"Vi uma coisa no alto."

Ouviram-no esbarrar no tronco, que balançou com violência. Jack ficou calado por mais algum tempo, e depois murmurou.

"Prestem atenção. Pode estar vindo atrás de mim."

Uma chuva de cinzas se ouviu à volta deles. Jack se endireitou no tronco.

"Eu vi uma coisa aumentando de tamanho na montanha."

"Só pode ter imaginado", disse Ralph, abalado, "porque o que haveria de aumentar de tamanho assim? Que tipo de criatura?".

Roger respondeu; e os dois outros tiveram um sobressalto, porque haviam se esquecido dele.

"Um sapo."

Jack riu e estremeceu.

"Imagine se era um sapo! E ouvi um som também. Um estalo. E aí a coisa aumentou de tamanho."

Ralph se surpreendeu, nem tanto com a qualidade da sua voz, que estava firme, mas com o destemor da decisão que tomava.

"Vamos até lá olhar."

Pela primeira vez, desde que tinha conhecido Jack, Ralph sentiu que o outro hesitava.

"Agora—?"

Sua voz respondeu por ele.

"Claro."

Levantou-se do tronco e pôs-se a caminho, atravessando as cinzas e subindo rumo à escuridão, seguido pelos outros dois.

Agora que sua voz física se calou, a voz interior da razão, acompanhada de outras vozes, fazia-se ouvir. Porquinho estava dizendo que ele parecia uma criança. Outra voz lhe dizia para deixar de ser idiota; e a escuridão, além daquela aventura desesperada, conferia à noite uma irrealidade do tipo que a pessoa experimenta numa cadeira de dentista.

Quando chegaram ao último trecho da subida, Jack e Roger se aproximaram, convertidos em figuras reconhecíveis, não mais simples borrões de tinta. Por decisão conjunta, os três pararam e se acocoraram lado a lado. Abaixo deles, no horizonte, via-se uma faixa de céu mais claro onde, dali a instantes, a lua iria surgir. O vento soprou com força na floresta, colando suas roupas esfarrapadas em seus corpos.

Ralph entrou em movimento.

"Agora."

Seguiram em frente muito devagar, com Roger um pouco atrás dos outros dois. Jack e Ralph avançavam ao mesmo tempo, contornando juntos a base do topo da montanha. A extensão cintilante da laguna se abria abaixo deles, e mais além uma longa faixa branca que era o recife. Roger juntou-se a eles.

Jack sussurrou.

"Vamos avançar de quatro. Quem sabe está dormindo."

Roger e Ralph seguiram em frente, dessa vez deixando Jack na retaguarda, apesar de toda a bravata das suas palavras. Chegaram ao topo plano, onde sentiam a dureza da pedra contra as mãos e os joelhos.

Uma criatura que aumentava de tamanho.

Ralph encostou a mão nas cinzas frias e macias da fogueira, e sufocou um grito. Sua mão e seu ombro se contraíram por efeito daquele contato inesperado. Luzes verdes de náusea se manifestaram por um instante e depois se apagaram no escuro. Roger estava logo atrás dele, e a boca de Jack estava junto ao seu ouvido.

"Ali, onde antes tinha uma abertura na pedra. Como se fosse o lombo — está vendo?"

O vento soprou mais cinzas da fogueira morta no rosto de Ralph. Não estava vendo a abertura no meio das pedras nem qualquer outra coisa, porque as luzes verdes apareceram de novo, agora mais fortes, e o topo da montanha se deslocava para um lado.

Mais uma vez, de uma certa distância, ouviu o sussurro de Jack.

"Assustado?"

Nem tanto assustado como paralisado; congelado ali, incapaz de se mover, no alto da montanha que diminuía de tamanho e se deslocava para um lado. Jack escorregou para longe dele, Roger esbarrou em alguma coisa, com a respiração sibilante, e passou à sua frente. Ralph ouviu os dois trocando murmúrios.

"Está vendo alguma coisa?"

"Ali—"

À frente deles, apenas três ou quatro metros mais adiante, havia uma protuberância que parecia uma pedra grande, mas num lugar onde não devia haver pedra nenhuma. Ralph ouviu um som fraco de chocalho vindo de algum lugar — talvez de sua própria boca. Usou de toda sua força de vontade para reagir, fundiu seu medo e seu asco numa sensação de ódio, e se pôs de pé. E avançou dois passos de chumbo.

Atrás deles, a fina fatia de lua se erguera do horizonte. À frente, alguma coisa que lembrava um gorila grande estava sentada, dormindo com a cabeça entre os joelhos. Então o vento soprou mais forte na floresta, houve uma confusão no escuro e a criatura ergueu a cabeça, exibindo para eles um rosto que era uma ruína.

Ralph se descobriu dando passos gigantescos em meio às cinzas, ouviu outras criaturas que gritavam e saltavam, arriscando manobras impossíveis na encosta escura; e a montanha ficou deserta, salvo pelas três varas pontudas abandonadas e por aquela coisa que mexia a cabeça.

Capítulo oito
Uma oferenda para as trevas

Porquinho, infeliz, desviou os olhos da praia alvacenta que amanhecia para a montanha escura.

"Vocês têm certeza? Mas certeza mesmo?"

"Eu já disse mais de dez vezes", respondeu Ralph. "A gente viu."

"E você acha que aqui a gente está em segurança?"

"E como é que eu vou saber?"

Ralph se afastou com um repelão e deu alguns passos pela praia. Jack estava ajoelhado, desenhando uma figura circular na areia com o indicador. A voz de Porquinho chegou a eles abafada.

"Vocês têm certeza mesmo?"

"Sobe até lá pra ver", respondeu Jack em tom de desprezo, "e já vai tarde".

"De jeito nenhum."

"O monstro tinha uns dentes assim", disse Ralph, "e olhos pretos, enormes".

Estremeceu violentamente. Porquinho tirou os óculos e limpou a única lente.

"O que a gente faz?"

Ralph virou-se para a plataforma. A concha reluzia em meio aos coqueiros, mancha branca destacada contra o ponto onde o sol ainda iria raiar. Empurrou os cabelos para trás.

"Não sei."

Lembrou-se da fuga em pânico montanha abaixo.

"Acho que a gente não consegue enfrentar uma criatura daquele tamanho, pra dizer a verdade. A gente fala muito, mas não enfrentava nem um tigre. Só dá pra se esconder. Até o Jack só ia se esconder."

Jack continuava a olhar para a areia.

"E os meus caçadores?"

Simon surgiu das sombras ao lado dos abrigos. Ralph ignorou a pergunta de Jack. E apontou para a sugestão de amarelo que emergia do mar.

"Enquanto dura a claridade a gente tem coragem. Mas e depois? E agora, que aquela coisa se plantou do lado da fogueira, parecendo decidida a não deixar que ninguém venha salvar a gente—"

Torcia as mãos sem perceber. Sua voz ficou mais forte.

"Se a gente não conseguir acender uma fogueira pra avisar os navios... Não tem saída."

Um ponto dourado apareceu acima do mar, e na mesma hora todo o céu se iluminou.

"E os meus caçadores?"

"Meninos carregando espetos de pau."

Jack se levantou. Tinha o rosto vermelho, e se afastou. Porquinho pôs os óculos de uma lente só e olhou para Ralph.

"Agora você estragou tudo de vez. Tinha de falar dos caçadores com essa grosseria."

"Ora, cala a boca!"

O som da concha mal tocada interrompeu a conversa. Como se entoasse uma serenata ao sol nascente, Jack continuou soprando até que todos os abrigos entraram em atividade e os caçadores foram aparecendo na plataforma. Os pequenos choramingavam, o que agora era mais

frequente. Ralph, obediente, se levantou, e eles e Porquinho se dirigiram à plataforma.

"Conversa", disse Ralph em tom amargo. "Mais conversa, mais conversa."

Pegou a concha das mãos de Jack.

"Esta reunião—"

Jack o interrompeu.

"Fui eu que convoquei."

"Mas se não tivesse convocado eu ia convocar. Você só tocou a concha."

"Não é mesmo?"

"Ah, está bem, toma! Pode falar!"

Ralph jogou a concha nos braços de Jack e sentou-se no tronco do coqueiro.

"Eu convoquei essa reunião", disse Jack, "por muitos motivos. Primeiro — agora todo mundo já sabe, a gente viu o monstro. Chegamos lá nos arrastando. Olhamos bem de perto, a poucos metros. O monstro endireitou o corpo e olhou pra nós. Eu não sei o que ele faz. A gente nem sabe o que ele é—"

"O monstro veio do mar—"

"No escuro—"

"As árvores—"

"Cala a boca!", gritou Jack. "Vocês precisam escutar. Seja lá o que for, o monstro está sentado ali em cima—"

"Talvez esteja esperando—"

"Caçando—"

"Isso mesmo, caçando."

"Caçando", disse Jack. Lembrou-se dos tremores que tomaram conta dele na floresta. "Isso mesmo. O monstro caça. Só que — calem a boca! A gente não conseguiu matar ele. E depois, Ralph ainda vem dizer que os meus caçadores não prestam pra nada."

"Eu não disse nada disso!"

"A concha está comigo. Ralph acha que vocês são covardes, que fogem de porcos-do-mato e do monstro. E tem mais."

Ouviu-se uma espécie de suspiro na plataforma, como se todos soubessem quais seriam as próximas palavras. E a voz de Jack continuou, trêmula mas determinada, opondo-se ao silêncio.

"Ele é igual ao Porquinho. Diz as mesmas coisas que o Porquinho. Não é um bom chefe."

Jack agarrou a concha perto do corpo.

"É covarde."

Fez uma pausa curta antes de prosseguir.

"Ainda por cima, quando Roger e eu continuamos subindo — ele ficou pra trás."

"Eu subi também!"

"Só depois."

Os dois meninos se encararam através de cortinas de cabelo.

"Eu subi também", disse Ralph, "e depois fugi de lá. Igual a vocês".

"Pode dizer que eu sou covarde."

Jack se virou para os caçadores.

"Ele não é caçador. Se dependesse dele, a gente nunca ia ter carne. Nunca foi monitor de turma, e a gente não sabe nada sobre ele. Só fica dando ordens, e a gente tem de obedecer a troco de nada. E toda essa conversa—"

"Toda essa conversa!", gritou Ralph. "Mais conversa, mais conversa! Quem é que queria falar mais? Quem convocou essa reunião?"

Jack se virou, com o rosto vermelho, o queixo enterrado no peito. Olhou com ódio para

Ralph por baixo das sobrancelhas.

"Está certo, então", disse com um tom de ameaça e significado profundo. "Está certo."

Segurava a concha contra o peito com uma das mãos, e desferia estocadas no ar com seu indicador.

"Quem acha que o Ralph não pode mais ser o chefe?"

Olhou com expectativa para os meninos reunidos à sua volta, que não reagiram, congelados. Debaixo dos coqueiros, o silêncio era absoluto.

"Levanta a mão", disse Jack em tom firme, "quem quiser que o Ralph deixe de ser o chefe".

O silêncio continuava, sem fôlego, pesado e cheio de vergonha. Aos poucos a vermelhidão ia sumindo do rosto de Jack, antes de voltar num influxo doloroso. Jack passou a língua pelos lábios e inclinou a cabeça, para que seu olhar fosse poupado do constrangimento de cruzar com os olhos de alguém.

"Quanta gente aqui acha—"

A voz de Jack perdeu a força. As mãos que seguravam a concha tremiam. Limpou a garganta, e falou em voz bem alta.

"Então está bem."

Pousou a concha com grande cuidado na relva a seus pés. Lágrimas humilhantes corriam do canto de seus olhos.

"Então não brinco mais. Não com vocês."

A maioria dos meninos estava de olhos baixos, fitando a relva ou os próprios pés. Jack tornou a limpar a garganta.

"Não vou ficar andando atrás do Ralph—"

Ele olhou para os troncos à direita, contando os caçadores que antes formavam um coro.

"Vou embora daqui sozinho. Ele que pegue os porcos dele. Quem quiser caçar comigo pode vir junto."

Deixou o triângulo na direção da areia branca.

"Jack!"

Jack virou-se e olhou para Ralph. Fez uma pausa e depois gritou, em voz aguda e furiosa.

"—Não!"

Pulou da plataforma e saiu correndo pela praia, sem dar atenção às suas lágrimas abundantes; e, até ele mergulhar na floresta, Ralph o acompanhou com os olhos.

Porquinho ficou indignado.

"Eu disse, Ralph, e você ficou ali parado feito—"

Em voz baixa, olhando para Porquinho mas sem vê-lo, Ralph respondeu para si mesmo.

"Ele vai voltar. Assim que o sol sumir ele chega de volta." Olhou para a concha na mão de Porquinho.

"O que foi?"

"Ora bolas!"

Porquinho desistiu da tentativa de reclamar de Ralph. Tornou a limpar a sua lente e voltou para o seu assunto.

"A gente não precisa de Jack Merridew. Tem mais gente, além dele, nessa ilha. Mas agora a gente achou um monstro de verdade, em que eu mal consigo acreditar. Mas agora a gente precisa ficar sempre perto da plataforma; assim, vai precisar menos de Jack e das caçadas dele. E agora a gente pode realmente resolver o que é o quê."

"Não adianta, Porquinho. A gente não tem nada a fazer."

Passaram algum tempo sentados, num silêncio deprimido. Então Simon se levantou e tirou a concha das mãos de Porquinho, tão apalermado que continuou de pé. Ralph ergueu os olhos para Simon.

"Simon? O que foi agora?"

Um esboço de zombaria soou por todo o círculo, e Simon se encolheu em defesa.

"Acho que a gente podia fazer alguma coisa. Alguma coisa que a gente—"

Mais uma vez, a pressão da assembleia calou sua voz. Procurou ajuda e escolheu Porquinho. Virou-se na direção deste, abraçando a concha contra o peito bronzeado.

"Acho que a gente devia subir a montanha."

O círculo de meninos estremeceu de pavor. Simon se virou para Porquinho, que o encarava de volta com uma expressão de incompreensão e zombaria.

"E o que ia adiantar subir até o tal monstro, quando o Ralph e os outros dois não conseguiram fazer nada?"

Simon sussurrou sua resposta.

"É a única coisa que a gente pode fazer."

Terminado seu discurso, deixou que Porquinho tirasse a concha das suas mãos. Então se retirou e sentou-se o mais distante possível dos demais.

Porquinho, agora, falava com mais segurança e o que, não fossem as circunstâncias tão graves, os outros meninos poderiam reconhecer como gosto.

"Eu disse que a gente não precisava de uma certa pessoa. E agora acho que a gente precisa resolver o que pode ser feito. E acho que eu sei o que o Ralph vai dizer. A coisa mais importante da ilha é a fumaça, e a gente só consegue fumaça fazendo uma fogueira."

Ralph fez um movimento inquieto.

"Não adianta mais, Porquinho. A gente não tem mais fogueira. Aquela coisa está sentada lá em cima — e a gente precisa ficar aqui."

Porquinho levantou a concha, como para conferir um poder suplementar ao que disse em seguida.

"A gente não tem mais fogueira na montanha. Mas qual é o problema de fazer outra fogueira aqui? A gente podia armar uma fogueira naquelas pedras. E até mesmo na areia. Ia fazer fumaça do mesmo jeito."

"É verdade!"

"Fumaça!"

"Perto do lugar onde a gente mergulha!"

Os meninos começaram a tagarelar. Só Porquinho para ter a audácia intelectual de sugerir a transferência da fogueira armada no alto da montanha.

"Então a gente faz uma fogueira aqui embaixo", disse Ralph. Olhou à sua volta. "Pode ser aqui mesmo, entre a piscina e a plataforma. Claro que—"

Interrompeu-se, franzindo a testa, refletindo sobre tudo, puxando sem perceber uma ponta de unha com os dentes.

"Claro que a fumaça não vai aparecer tanto, e nem vai ser vista de tão longe. Mas aí a gente não precisa chegar lá perto; perto do—"

Os outros concordaram, entendendo perfeitamente. Ninguém precisava chegar perto.

"Vamos armar a fogueira agora."

As melhores ideias são também as mais simples. Agora que tinham uma coisa a fazer, trabalhavam com entusiasmo. Porquinho estava tão satisfeito, e sentindo-se tão libertado com a partida de Jack, tão orgulhoso daquela contribuição para o bem da sociedade, que foi ajudar a

catar lenha. Os galhos que recolheu estavam perto dali, numa árvore caída na plataforma mas nunca usada nas reuniões; para os outros, porém, a santidade da plataforma protegia até o que não tinha qualquer uso para eles. E então os gêmeos entenderam que teriam um fogo aceso por perto para reconfortá-los à noite, o que fez alguns pequenos começarem a dançar e bater palmas.

A lenha não estava tão seca quanto a madeira usada na montanha. Boa parte estava úmida e apodrecida, e cheia de insetos que saíram correndo; os troncos precisavam ser erguidos do chão com grande cuidado, para não se desfazerem em poeira úmida. E mais: com a ideia de evitarem ter de se aprofundar na floresta, os meninos se concentraram nos paus caídos que encontravam por perto, mesmo que muito emaranhados em cipós. A fímbria da floresta e a área da cicatriz eram bem conhecidas, perto da concha e dos abrigos, e bem tranquila durante o dia. O que podia acontecer ali depois que anoitecesse ninguém queria pensar. Assim, trabalharam com grande energia e numa atmosfera alegre, embora com o tempo uma sugestão de pânico se insinuasse naquela energia, e histeria naquele clima alegre. Construíram uma pirâmide de folhas e gravetos, galhos e toras, na areia nua junto à plataforma. Pela primeira vez desde que tinham chegado à ilha, o próprio Porquinho tirou seus óculos, ajoelhou-se e focalizou o sol na lenha. Dali a pouco viu-se uma pequena nuvem de fumaça e uma chama amarela que brotava.

Os pequenos, que tinham visto fogo poucas vezes desde a primeira catástrofe, ficaram muito animados. Dançavam e cantavam, e a reunião assumiu um ar festivo.

Finalmente, Ralph parou de trabalhar e se levantou, borrando o suor de seu rosto com um antebraço sujo.

"Vai ter de ser uma fogueira pequena. Essa ficou grande demais pra alimentar."

Porquinho sentou-se com cuidado na areia, e começou a limpar sua lente.

"A gente podia fazer uma experiência. A gente podia descobrir como faz pra armar uma fogueira pequena, mas bem quente, e depois botar galhos verdes em cima dela, pra fazer fumaça. Deve ter umas folhas melhores que as outras pra isso."

À medida que a fogueira foi se apagando, o entusiasmo também se atenuou. Os pequenos pararam de cantar e de dançar, e aos poucos foram seguindo para o mar, para as árvores frutíferas ou para os abrigos.

Ralph caiu estendido na areia.

"A gente precisa fazer uma nova lista de quem vai cuidar do fogo."

"Se você conseguir achar alguém."

Olhou em volta. Então, pela primeira vez, viu como os grandes eram poucos, e entendeu por que o trabalho estava tão pesado.

"Cadê o Maurice?"

Porquinho tornou a limpar a lente.

"Sei lá... mas ele não ia entrar na floresta sozinho, não é?"

Ralph levantou-se de um salto, deu uma volta correndo em torno da fogueira e parou ao lado de Porquinho, segurando os cabelos.

"Mas a gente precisa de uma lista! Tem você, eu, Samineric e—"

Não olhou para Porquinho, mas perguntou em tom casual.

"Cadê o Bill e o Roger?"

Porquinho se inclinou para a frente e pôs um pedaço de lenha no fogo.

"Acho que foram embora. Parece que também não querem mais brincar."

Ralph sentou e começou a abrir furos na areia. Ficou surpreso ao ver uma gota de sangue dentro de um deles. Examinou de perto sua unha roída e viu a gota de sangue que se formava no lugar de onde tinha arrancado uma lasca de unha.

Porquinho continuava a falar.

"Eu vi eles indo embora quando a gente estava recolhendo lenha. Foram praquele lado. O mesmo lado aonde ele também foi."

Ralph terminou sua inspeção e olhou para cima. O céu, como que solidário com as grandes mudanças que ocorriam entre os meninos, mostrava-se diferente naquele dia, e tão enevoado que em alguns lugares o ar quente dava a impressão de ser branco. O disco do sol exibia um prateado fosco, como se estivesse mais próximo e não tão quente, mas ainda assim o calor era sufocante.

"Eles sempre criaram caso, não foi?"

A voz vinha de perto do seu ombro, e dava uma impressão de ansiedade.

"A gente se vira sem eles. Agora a gente vai viver melhor, não é?"

Ralph sentou. Os gêmeos foram chegando, arrastando uma tora grande e sorrindo de triunfo. Largaram o tronco no meio das brasas, e fagulhas se desprenderam da fogueira.

"A gente vai se virar muito bem sem eles, não vai?"

Por um longo tempo, enquanto a tora secava, pegava fogo e se aquecia até ficar vermelha, Ralph ficou sentado na areia sem dizer nada. Não viu Porquinho caminhar até onde os gêmeos estavam e cochichar com eles, nem que os três depois entravam na floresta.

"Você continua aqui."

Ele voltou a si com um sobressalto. Porquinho e os outros dois estavam a seu lado. Carregados de frutas.

"Achei que seria uma boa ideia", disse Porquinho, "a gente fazer uma espécie de banquete".

Os três meninos se sentaram. Tinham trazido um grande carregamento de frutas, todas devidamente maduras. Sorriram para Ralph quando ele começou a comer.

"Obrigado", disse ele. E então, com um tom de surpresa agradável — "Obrigado!"

"A gente vai se virar sem eles", disse Porquinho. "Eles, que não têm juízo, é que criam problemas na ilha. A gente vai fazer uma fogueira pequena mas bem quente—"

Ralph se lembrou do que o estava preocupando.

"Onde foi que o Simon se meteu?"

"Não sei."

"Será que ele resolveu subir a montanha?"

Porquinho caiu numa risada ruidosa, e pegou mais uma fruta.

"Até pode ser." Engoliu. "Ele é maluco."

Simon tinha passado pela área das árvores frutíferas, mas os pequenos estavam ocupados demais com a fogueira na praia e não vieram atrás dele. Seguiu adiante pelo meio dos cipós e plantas rasteiras até chegar à esteira de trepadeiras trançada a céu aberto, em que entrou de gatinhas. Para além da cortina de folhas, a luz do sol se espalhava e as borboletas bailavam sua dança interminável. Simon se ajoelhou e a flecha do sol caiu sobre ele. Da outra vez o ar parecia vibrar de calor; mas dessa parecia perigoso. Em pouco tempo, o suor escorria dos seus cabelos longos e crespos. Ele mudou de lugar, inquieto, mas conseguiu evitar o sol. Estava com sede, e logo com muita sede.

Continuou sentado.

Bem longe, na praia, Jack estava de pé diante de um pequeno grupo de meninos. Parecia radiante de felicidade.

"Caçar", disse ele. Avaliou seus companheiros. Todos traziam os restos de barretes pretos; séculos atrás, formavam em duas filas e suas vozes eram o canto dos anjos.

"A gente vai caçar. E eu vou ser o chefe."

Todos assentiram com a cabeça, e a crise se viu encerrada sem dificuldade.

"E ainda tem — o monstro."

Os meninos se agitaram, olhando para a floresta.

"E o que eu digo é o seguinte. A gente não vai se incomodar com o monstro."

Confirmou com um aceno de cabeça.

"A gente nem vai pensar no monstro."

"Isso mesmo!"

"É!"

"Que monstro?"

Se Jack ficou admirado com o fervor dos outros meninos, não deu sinal.

"E mais uma coisa. Aqui a gente não vai ter muitos sonhos. Aqui já é quase a ponta da ilha."

Concordaram ardorosamente, do fundo do tormento de suas vidas pessoais.

"Escutem. Mais tarde a gente pode ir até a pedra do castelo. Mas agora eu vou chamar mais uns grandes pra longe da concha e daquilo tudo. A gente vai matar um porco e dar um banquete." Fez uma pausa e continuou, falando mais devagar. "E essa história do monstro. Toda vez que a gente pegar algum bicho, a gente separa uma parte pra ele. Aí quem sabe ele deixa a gente em paz."

Levantou-se abruptamente.

"Agora vamos caçar na floresta."

Virou-se, saiu em passo acelerado e os outros o seguiram, obedientes.

Espalharam-se, nervosos, pela mata. Sem demora, Jack encontrou a terra escavada e raízes espalhadas que indicavam a presença de porcos, e logo viram que aqueles rastros eram frescos. Jack pediu silêncio para os outros caçadores com um sinal, e avançou sozinho. Estava feliz, e sentia a escuridão úmida da floresta vesti-lo tão bem quanto seu antigo uniforme. Deslizou devagar por um barranco até uma área à beira-mar, salpicada de pedras e árvores esparsas.

Os porcos estavam deitados ali, sacos inchados de gordura, descansando à sombra das árvores. Não havia vento e não desconfiavam de nada; com a prática, Jack tinha aprendido a se deslocar silencioso como uma sombra. Voltou até onde estavam escondidos seus caçadores e lhes deu instruções. Em seguida, todos começaram a avançar muito lentamente, suando no silêncio e no calor. Debaixo das árvores, uma orelha descuidada se agitou. Um tanto afastada do resto, mergulhada na bem-aventurança da maternidade, estendia-se a maior fêmea da manada. Era preta e cor-de-rosa, e o vasto balão de sua barriga aparecia franjado por uma fileira de leitõezinhos que dormiam ou se aninhavam, guinchando baixinho.

A uns quinze metros da manada, Jack parou; seu braço estendido apontou para a porca. Correu os olhos interrogativos à sua volta para assegurar-se de que todos tinham entendido, e os outros meninos assentiram com a cabeça. Todos os braços direitos se deslocaram lentamente para trás.

"Já!"

A manada de porcos se alvoroçou em fuga, e de uma distância de menos de dez metros as lanças de madeira com a ponta endurecida pelo fogo cortaram o ar na direção da presa escolhida. Um dos leitõezinhos, com um berro enlouquecido, correu na direção do mar arrastando atrás de si a lança de Roger. A porca soltou um guincho sufocado e se levantou trôpega, com duas lanças cravadas no flanco. Os meninos gritaram e avançaram correndo, os leitõezinhos se espalharam e a

porca rompeu a linha que avançava para ela, enveredando pela floresta.

"Atrás dela!"

Saíram correndo pela trilha, mas a floresta ali era escura e emaranhada demais. Jack, xingando, mandou que todos parassem, atirando-se no chão entre as árvores. Passou um longo tempo sem dizer nada, mas respirava com ferocidade, despertando a admiração dos outros, que trocavam olhares de orgulho. Em seguida, apontou para o chão com o dedo em riste.

"Ali—"

Antes que os outros tivessem o tempo de examinar a gota de sangue, Jack já tinha avaliado o rastro, verificando com os dedos um galho partido. E partiu, misteriosamente seguro de si, com os caçadores em seu encalço.

Parou pouco antes de uma clareira.

"Ali."

Os meninos cercaram a clareira, mas a porca escapou só com mais uma lança cravada no flanco. Arrastar aquelas longas varas atrapalhava seu progresso, e as pontas afiadas que se cruzavam em sua carne eram um tormento. Esbarrou num tronco de árvore, o que fez uma das lanças penetrar ainda mais fundo; e depois disso qualquer dos caçadores conseguia acompanhá-la com facilidade, pelas gotas de sangue de cor viva. A tarde se arrastava, envolta em nevoeiro e sob o peso de um calor úmido e terrível; a leitoa cambaleava mais à frente, perdendo sangue enlouquecida, e os caçadores a seguiam, ligados a ela pela ânsia, exaltados pela perseguição prolongada e o sangue derramado. Já avistavam a presa, que quase alcançaram, mas o animal usou suas últimas forças num arranco, mantendo-se bem à frente deles. Aproximavam-se de novo quando ela chegou trôpega a uma clareira onde cresciam flores coloridas e borboletas rodopiavam no ar quente e parado.

Ali, enfraquecida pelo calor, a porca desabou e os caçadores se lançaram sobre ela. Aquela erupção terrível de um mundo desconhecido a enlouquecia; ela guinchava, se debatia, e o ar ficou repleto de suor, sons, sangue e terror. Roger corria em volta da presa, que perfurava com a lança toda vez que conseguia ver a sua carne. Jack estava em cima da porca, que apunhalava com a sua faca. Roger encontrou um lugar onde cravar a ponta de sua lança e começou a fazer força até usar todo o seu peso para enterrá-la mais e mais. A lança afundava centímetro a centímetro, e os guinchos aterrorizados da porca se transformaram num grito muito agudo. Aí Jack encontrou o pescoço do animal, e o sangue quente jorrou encharcando as suas mãos. A porca desabou debaixo deles, que se sentiram pesados e triunfantes em cima dela. As borboletas continuavam a rodopiar, absortas, no centro da clareira.

Finalmente, a gana da matança amainou. Os meninos foram recuando, e Jack se levantou, exibindo as mãos.

"Olhem pra isso."

Riu e começou a ameaçar os outros meninos, que riam das suas palmas fumegantes. Então Jack agarrou Maurice e esfregou o sangue em suas faces. Quando Roger começou a tirar sua lança do corpo da porca, os meninos a viram pela primeira vez. E Robert traduziu a impressão geral numa frase que foi recebida às gargalhadas.

"Bem no cu dela!"

"Ouviu só?"

"Ouviu o que ele disse?"

"Bem no cu dela!"

Dessa vez, Robert e Maurice fizeram os dois papéis; e a maneira como Maurice representava os esforços da porca para evitar as investidas da lança era tão engraçada que os meninos choraram de rir.

Depois de algum tempo, até os festejos cessaram. Jack limpou as mãos ensanguentadas na pedra. Depois começou a limpar a porca e abriu sua barriga, puxando para fora os sacos quentes das entranhas coloridas, que empilhava na pedra enquanto os outros assistiam. E falava enquanto trabalhava.

"Vamos levar a carne pra praia. Aí eu volto até a plataforma e convido todo mundo pra comilança. Isso deve dar tempo pra gente."

Roger falou:

"Chefe—?"

"Hein—?"

"Como é que a gente vai acender o fogo?"

Jack se acocorou e franziu a testa para a porca.

"A gente ataca o acampamento deles e pega o fogo. Vocês vão em quatro; o Henry e você, o Bill e o Maurice. A gente se pinta e chega perto sem dar sinal; o Roger pode pegar um galho aceso enquanto eu falo alguma coisa. O resto leva isso pro lugar onde a gente estava. É lá que a gente vai fazer a fogueira. E depois—"

Fez uma pausa e se levantou, olhando para as sombras debaixo das árvores. Sua voz estava mais baixa quando voltou a falar.

"Mas a gente deixa uma parte do porco pro—"

Ajoelhou-se de novo, concentrado no uso da faca. Os garotos se agrupavam à sua volta. E Jack se dirigiu a Roger por cima do ombro.

"Faz duas pontas afiadas numa vara."

Em seguida se levantou, segurando nas mãos a cabeça gotejante da porca.

"Cadê a vara?"

"Aqui."

"Agora enfia uma das pontas na terra. Ah — aqui é pedra. Então prende naquela fenda. Ali."

Jack levantou a cabeça e cravou o pescoço macio na ponta aguçada da vara, que atravessou a boca do animal antes de ficar bem presa. Jack deu um passo para trás e a cabeça continuou na mesma posição, com algum sangue escorrendo pela vara.

Instintivamente os meninos também recuaram; e a floresta recaiu num silêncio profundo. Os meninos escutaram com atenção, mas o som mais alto que ouviram foi o zumbido das moscas que já acorriam para as vísceras espalhadas do animal.

Jack falou num sussurro.

"Agora peguem a porca."

Maurice e Robert trespassaram a carcaça com outra vara, levantando o peso morto, e ficaram parados, à espera de ordens. Em meio ao silêncio, e pisando no sangue seco, os dois tinham um ar subitamente dissimulado.

Jack falou em voz alta.

"A cabeça é pro monstro. É uma oferenda."

O silêncio acolheu a oferenda e os deixou assombrados. E a cabeça ficou ali, com os olhos opacos e um leve sorriso, o sangue enegrecendo entre os dentes. De repente todos saíram correndo o mais depressa que podiam pela floresta, na direção da praia aberta.

Simon ficou onde estava, uma pequena figura bronzeada escondida pelas folhas. Mesmo que fechasse os olhos, continuava a enxergar a cabeça da porca, imagem que persistia em suas retinas. Os olhos entrecerrados e opacos exibiam o cinismo infinito da vida adulta. E garantiam a Simon

que tudo aquilo era mau negócio.

"Eu sei disso."

Simon descobriu que tinha falado em voz alta. Abriu os olhos na mesma hora e lá continuava a cabeça, sorrindo irônica à estranha claridade do dia, ignorando as moscas, as entranhas espalhadas, até a indignidade de estar enfiada num espeto.

Simon desviou os olhos, lambendo os lábios secos.

Uma oferenda para o monstro. Será que o monstro viria buscar? E teve a impressão de que a cabeça concordava com ele. Sai correndo daqui, dizia a cabeça em silêncio, volta logo pra junto dos outros. Na verdade foi só uma brincadeira — por que isso te incomoda? Você se enganou, só isso, mais nada. Um pouco de dor de cabeça, talvez alguma coisa que você comeu. Volta logo, menino, dizia a cabeça em silêncio.

Simon ergueu os olhos, sentindo o peso de seus cabelos molhados, e contemplou o céu. No alto, agora, viam-se muitas nuvens, imensas torres bojudas que corriam por sobre a ilha, cinzentas, cor de creme e de cobre. As nuvens se apoiavam na terra; e era a pressão cada vez maior que o peso delas exercia a origem daquele calor abafado e torturante. Até as borboletas abandonaram a clareira onde aquela coisa obscena continuava a sorrir e a gotejar. Simon baixou a cabeça, tomando o cuidado de manter os olhos fechados, e depois os cobriu com a mão. As árvores não projetavam sombra, por toda parte se espalhava uma quietude perolada, conferindo ao que era real uma aparência ilusória e sem definição. A pilha de vísceras se convertera num enxame negro de moscas que zumbiam como uma serra. E depois de algum tempo as moscas encontraram Simon. Empanturradas, pousavam à beira dos filetes de suor para beber. Faziam cócegas debaixo do nariz do menino, e brincavam de saltar carniça em suas coxas. Eram incontáveis, negras e de um verde iridescente; e diante de Simon, o Senhor das Moscas seguia preso à sua estaca, mostrando os dentes. Finalmente, Simon desistiu e tornou a olhar; viu os dentes brancos e os olhos opacos, o sangue — e seu olhar se deteve naquele reconhecimento arcaico e inevitável. Na têmpora direita de Simon, uma veia começou a latejar contra o seu cérebro.

Ralph e Porquinho estavam deitados na areia, olhando para a fogueira e jogando descuidadamente pedrinhas no coração das chamas sem fumaça.

"Aquele galho já queimou todo."

"Cadê Samineric?"

"A gente precisa pegar mais lenha. Estão faltando galhos verdes."

Ralph suspirou e se pôs de pé. Não havia sombras debaixo dos coqueiros da plataforma; só aquela luz estranha que parecia vir de todos os lados ao mesmo tempo. Bem alto, em meio às nuvens carregadas, uma trovoada explodiu como um tiro de canhão.

"Vai chover muito."

"E o fogo?"

Ralph saiu correndo para a floresta e voltou com um leque imenso de folhas verdes, que jogou em cima do fogo. O galho estalou, as folhas se retorceram e a fumaça amarela cresceu.

Porquinho desenhava em vão uma figura qualquer na areia com os dedos.

"O problema é que é pouca gente pra manter uma fogueira. Samineric só contam como um. Sempre fazem tudo juntos—"

"Claro."

"Mas não está certo, ora. Você não entende? Eles deviam cumprir dois turnos de sentinela."

Ralph pensou e entendeu. Estava envergonhado de perceber quão pouco pensava como

um adulto, e tornou a suspirar. A ilha estava ficando cada vez pior.

Porquinho olhou para o fogo.

"Daqui a pouco a gente vai precisar de outro galho verde."

Ralph rolou na areia.

"Porquinho. O que é que a gente vai fazer?"

"Vamos ter de dar um jeito sem eles."

"Mas — e a fogueira?"

Franziu a testa para o amontoado preto e branco de que se destacavam as pontas dos galhos que não tinham queimado. Tentou reformular.

"Estou com medo."

Viu Porquinho levantar os olhos; e continuou a falar, de maneira confusa.

"Não do monstro. Quer dizer, dele também. Mas ninguém mais entende como a fogueira é importante. Se você está se afogando e alguém joga uma corda. Se o médico diz que você precisa tomar um remédio pra não morrer — você aceita, não é? Quer dizer—"

"Claro que sim."

"E eles não entendem? Não enxergam? Sem um sinal de fumaça, a gente acaba morrendo aqui. Olhe pra isso!"

Só uma onda de ar quente tremulava acima das cinzas, sem qualquer vestígio de fumaça.

"A gente nem consegue manter uma fogueira acesa. Eles nem ligam. E o pior —" Lançou um olhar intenso para o rosto molhado de Porquinho.

"E o pior é que às vezes eu também não. E se eu acabar igual aos outros — sem ligar mais? O que vai ser de nós?"

Porquinho tirou os óculos, profundamente perturbado.

"Não sei, Ralph. Mas a gente precisa ir em frente, só isso. É o que os adultos iam fazer no nosso lugar."

Ralph, tendo começado a desabafar, continuou.

"Porquinho, qual é o problema?"

Porquinho olhou para ele, espantado.

"Você está falando do—"

"Não, não é isso... Quer dizer... o que é que faz tudo começar a dar errado assim de uma hora pra outra?"

Porquinho limpou sua lente devagar e pensou. Quando entendeu o quanto Ralph tinha progredido em aceitá-lo como era, ficou corado de orgulho.

"Não sei, Ralph. Acho que é ele."

"Jack?"

"Jack." Um tabu começava a cercar também essa palavra.

Ralph assentiu solenemente.

"É", disse ele. "Imagino que sim."

A floresta ao lado deles explodiu em sons. Figuras demoníacas com os rostos pintados de branco, vermelho e verde saíram do mato aos urros, causando a debandada dos pequenos, que fugiam aos gritos. Com o canto do olho, Ralph viu Porquinho sair correndo. Duas figuras correram até a fogueira e ele se preparou para se defender, mas só agarraram dois ramos em chamas e saíram correndo pela praia. As três outras ficaram paradas, olhando para Ralph; e ele viu que o mais alto deles, totalmente nu não fosse pela pintura e por um cinto, era Jack.

Ralph recuperou o fôlego e falou.

"E então?"

Jack o ignorou, ergueu a lança e começou a gritar.

"Escutem aqui, todos vocês. Eu e os meus caçadores estamos morando mais adiante na praia, do lado de uma pedra chata. A gente caça, come bem e se diverte. Quem quiser entrar pra minha tribo é só vir. Talvez eu deixe todo mundo entrar. Talvez não."

Fez uma pausa e olhou em volta. Estava protegido do pudor e da vergonha pela máscara de tinta, e pousou os olhos em cada um deles. Ralph estava acocorado junto aos restos da fogueira como um corredor na linha de largada, seu rosto parcialmente oculto pelos cabelos e a fuligem. Samineric espiavam juntos de trás de um coqueiro na beira da floresta. Um pequeno chorava, com o rosto todo franzido e muito vermelho, ao lado da piscina, e Porquinho estava de pé na plataforma, com a concha branca nas mãos.

"Hoje à noite a gente vai dar um banquete. A gente matou um porco e tem carne. Se vocês quiserem, podem vir comer com a gente."

Nos desfiladeiros de nuvens do céu, um trovão tornou a explodir. Jack e os dois selvagens anônimos que o acompanhavam tiveram um sobressalto, olharam para cima e depois se acalmaram. O pequeno continuava berrando. Jack estava à espera de alguma coisa. E sussurrou para os outros, em tom urgente.

"É agora!"

Os dois selvagens trocaram murmúrios. Jack repetiu, em tom severo.

"Agora!"

Os dois selvagens se entreolharam, ergueram suas lanças e falaram ao mesmo tempo.

"O Chefe falou."

Então os três se viraram e saíram correndo.

Em seguida Ralph se pôs de pé, olhando para o lugar onde os selvagens tinham desaparecido. Samineric se aproximaram, falando num sussurro assustado.

"Achei que fosse—"

"—e eu fiquei—"

"—com medo."

Porquinho estava de pé acima deles, na plataforma, sempre com a concha nas mãos.

"Eram Jack, Maurice e Robert", disse Ralph. "Devem estar brincando disso."

"Achei que eu ia ter um ataque de asma."

"Dane-se a sua asa-má."

"Quando eu vi que era o Jack, achei que ele queria pegar a concha. Nem sei por quê."

O grupo de meninos olhou para a concha branca com um respeito afetuoso. Porquinho a depositou nas mãos de Ralph e os pequenos, ao verem o símbolo conhecido, começaram a voltar.

"Aqui não."

Ralph virou-se para a plataforma, sentindo a necessidade de um ritual. Primeiro subiu ele, com a concha branca nos braços, depois Porquinho, com uma expressão muito séria, depois os gêmeos, depois os pequenos e os outros.

"Senta todo mundo. Eles vieram atacar a gente pra pegar o fogo. É disso que estão brincando. Mas a—"

Ralph ficou espantado com a cortina que desceu em sua mente. Havia alguma coisa que queria dizer, mas a cortina tinha baixado.

"Mas a—"

Todos olhavam para ele com ar sério, ainda não assolados por qualquer dúvida quanto à sua competência. Ralph livrou-se da expressão idiota nos seus olhos e encarou Porquinho.

"Mas a... oh... a fogueira! Claro, a fogueira!"

Começou a rir, depois parou e pôs-se a falar com toda a fluência.

"A fogueira é a coisa mais importante. Sem a fogueira, a gente nunca vai ser salvo. Eu até

achava bom pintar a cara e virar selvagem. Mas a gente precisa manter a fogueira acesa. A fogueira é a coisa mais importante da ilha, porque, porque—"

Fez uma nova pausa; a dúvida e o espanto tomaram conta do silêncio.

Porquinho sussurrou para ele.

"O resgate."

"Isso mesmo. Sem a fumaça ninguém vem resgatar a gente. Então a gente precisa continuar com a fogueira, sempre fazendo muita fumaça."

Quando Ralph parou de falar, ninguém disse nada. Depois dos muitos discursos brilhantes feitos naquele lugar, as palavras de Ralph soavam capengas, mesmo para os pequenos.

Finalmente, Bill estendeu as mãos para a concha.

"Agora que a gente não pode mais ter uma fogueira lá em cima — porque não dá mais pra ter uma fogueira lá em cima —, a gente precisa de mais gente pra manter o fogo aceso. Então a gente vai nessa festa mas diz pra eles que a fogueira é difícil só pra nós. E também que caçar e tudo o mais — ser selvagem, eu quero dizer — deve ser muito divertido."

Samineric pegaram a concha.

"Deve ser divertido, como Bill disse — e já que ele convidou a gente—"

"—para o banquete—"

"—a carne—"

"pele torrada—"

"—Bem que eu queria uma carne—"

Ralph estendeu a mão.

"E por que a gente também não pode conseguir carne?"

Os gêmeos se entreolharam. Bill respondeu.

"Ninguém aqui quer entrar na floresta."

Ralph fez uma careta.

"Ele — vocês sabem — entra."

"Mas ele é caçador. Eles são todos caçadores. É diferente."

Ninguém disse nada por algum tempo, e então Porquinho murmurou para a areia.

"Carne—"

Os pequenos, sentados, pensavam na carne com ar solene e a boca cheia d'água. No céu, o canhão tornou a soar e as folhas secas dos coqueiros se agitaram ruidosas a uma rajada súbita do vento quente.

"Você é um menino muito bobo", disse o Senhor das Moscas. "Só um menino, muito bobo e ignorante."

Simon tentou acionar sua língua inchada, mas não disse coisa alguma.

"Você não concorda?", disse o Senhor das Moscas. "Que é só um menino bobo?"

Simon respondeu com a mesma voz silenciosa.

"Então", disse o Senhor das Moscas, "é melhor voltar correndo pra brincar com os outros. Eles acham que você é meio maluco. Você não quer que o Ralph ache que você é meio maluco, não é? Você gosta muito do Ralph, não é? E do Porquinho, e do Jack?"

A cabeça de Simon se levantou um pouco. Seus olhos não conseguiam se desviar, e o Senhor das Moscas pairava no espaço à sua frente.

"O que você está fazendo aqui sozinho? Não tem medo de mim?"

Simon estremeceu.

"Ninguém pra te ajudar. Só eu. E eu sou o Monstro."

A boca de Simon se moveu, e produziu palavras audíveis.

"Cabeça de porco num espeto."

"Imagina se o Monstro ia ser uma coisa que vocês podiam caçar e matar!", disse a cabeça. Por alguns momentos, a floresta e os outros lugares vagamente percebidos ressoaram com uma paródia de riso. "Você sabe, não é? Que eu sou parte de vocês? Bem perto, bem perto, bem perto! Que é por minha causa que nada adianta? Que as coisas são do jeito que são?"

A risada tornou a ecoar.

"Pronto", disse o Senhor das Moscas. "Agora você volta pra junto dos outros, e a gente esquece tudo isso."

A cabeça de Simon oscilava. Seus olhos estavam semicerrados, como se quisesse imitar aquela coisa obscena espetada na estaca. Percebeu que estava chegando uma das suas crises. O Senhor das Moscas inchava como um balão.

"É ridículo! Você sabe perfeitamente que lá embaixo só vai encontrar a mim — nem adianta tentar fugir!"

O corpo de Simon se arqueou, rígido. O Senhor das Moscas lhe falava com a voz de um professor.

"Isso já foi longe demais. Pobre criança perdida, você acha que sabe mais do que eu?"

Pausa.

"Estou avisando. E vou ficar com raiva. Está entendendo? Ninguém aqui quer você. Está claro? A gente vai se divertir nessa ilha. Então nem pense em tentar nada, meu pobre menino perdido, senão—"

Simon descobriu que estava olhando para uma imensa boca aberta. Lá dentro era tudo escuro, um negror que não parava de se expandir.

"—Senão", disse o Senhor das Moscas, "a gente acaba com você. Entendeu? O Jack, o Roger, o Maurice, o Robert, o Bill, o Porquinho e o Ralph. Acaba com você. Entendeu?"

Simon estava dentro da boca. Então caiu e perdeu os sentidos.

Capítulo nove
Até a morte

Acima da ilha, as nuvens continuavam a se empilhar. Uma corrente constante de ar aquecido ascendia o dia todo da montanha, atingindo três mil metros de altitude; massas agitadas de gás faziam crescer a estática até o ar ficar prestes a explodir. No final da tarde, o sol desaparecera e uma luminosidade metálica havia substituído sua luz clara. Mesmo o ar que chegava impelido do mar estava quente e não refrescava. As cores se esvaíam da água, das árvores e das superfícies rosadas de pedra, encimadas por nuvens brancas e castanhas. Nada prosperava, afora as moscas que enegreciam seu senhor e davam às vísceras espalhadas a aparência de pilhas de carvão reluzente. Mesmo quando um vaso se rompeu no nariz de Simon e o sangue jorrou, elas o deixaram em paz, preferindo os sabores mais extremos do porco.

Com a hemorragia, a crise de Simon evoluiu para a exaustão do sono. Ficou deitado na esteira de cipós e trepadeiras enquanto a noite caía e o canhão continuava a troar. Finalmente, acordou e teve uma visão indistinta da terra escura próxima ao seu rosto. Ainda assim não se mexeu e preferiu continuar ali mesmo, com o rosto apoiado de lado na terra, os olhos desfocados mirando em frente. Então se virou, plantou os pés no chão e segurou-se nos cipós e trepadeiras para levantar-se. Quando os cipós balançaram, as moscas explodiram das vísceras com um som contrariado antes de tornarem a pousar. Simon pôs-se de pé. A luz era sobrenatural. O Senhor das Moscas seguia preso à sua estaca como uma bola negra.

Simon falou em voz alta para a clareira.

"Que mais a gente pode fazer?"

Nada respondeu. Simon deixou a clareira e avançou lentamente em meio aos cipós e trepadeiras até se encontrar de novo na penumbra da floresta. Caminhava abatido entre os troncos, o rosto sem expressão, o sangue seco no queixo e em torno da boca. Só às vezes, quando afastava um cipó e escolhia seu caminho com base no relevo, balbuciava palavras que não chegava a emitir.

Logo os cipós pendiam das árvores com frequência menor, e alguma luz perolada do céu penetrava entre as árvores. Simon se encontrava na espinha dorsal da ilha, a área um pouco mais elevada que ficava atrás da montanha, onde a floresta deixava de ser mata cerrada. Ali havia espaços abertos entremeados com trechos de mata e árvores imensas, e Simon continuou subindo em busca de espaços mais abertos. Caminhava, às vezes fraquejando de cansaço mas sem nunca parar. O brilho costumeiro tinha desaparecido dos seus olhos, e avançava com a determinação taciturna de um velho.

Uma lufada de vento o fez vacilar e ele viu que estava em campo aberto, caminhando na pedra, sob um céu metálico. Descobriu que tinha as pernas fracas e sua língua doía. Quando o vento atingiu o alto da montanha, viu algo acontecer, o lampejo de alguma coisa azul contra as nuvens castanhas. Obrigou-se a seguir em frente e o vento tornou a soprar, dessa vez com mais força, atingindo as copas das árvores até fazê-las rugir e balançar. Simon viu uma coisa desabada sentar-se de repente no alto da montanha e olhar para ele. Cobriu o rosto e seguiu em frente.

As moscas tinham encontrado aquela figura também. O movimento que parecia vivo as espantava por um momento, fazendo-as aglomerar-se numa nuvem preta em torno da cabeça. Então, quando o tecido azul do paraquedas cedia, a figura corpulenta reclinava-se para a frente,

com um suspiro, e as moscas tornavam a pousar.

Simon sentiu que seus joelhos se chocavam com a pedra. Arrastou-se para a frente e então entendeu do que se tratava. O emaranhado de cabos revelou-lhe a mecânica daquela paródia; passou em revista os brancos ossos do nariz, os dentes, as cores da corrupção. Viu como era impiedosa a ação das camadas de borracha e lona que mantinham coeso o pobre corpo que já devia estar entregue à decomposição. Então o vento tornou a soprar e a figura se soergueu, inclinou a cabeça e exalou um hálito fétido na sua direção. Simon caiu de quatro e vomitou até esvaziar totalmente o estômago. Em seguida, pegou os cabos com as mãos; desprendeu-os das pedras e libertou a figura das indignidades do vento.

Finalmente, virou-se e contemplou as praias muito abaixo. A fogueira junto à plataforma parecia apagada; ou pelo menos não fazia fumaça. Mais adiante na praia, depois do riacho e perto de uma laje grande de pedra, um fio de fumaça subia para o céu. Simon, esquecido das moscas, protegeu os olhos com as duas mãos e olhou para a fumaça. Mesmo àquela distância era possível ver que a maior parte dos meninos — ou talvez todos — estava lá. Deviam ter transferido o acampamento para evitar a proximidade do monstro. Pensando nisso, Simon virou-se para a pobre coisa despedaçada e fedida sentada a seu lado. O monstro era inofensivo e horrendo; e a notícia precisava chegar aos outros o mais rápido possível. Começou a descer a montanha mas suas pernas cederam. Mesmo com o máximo cuidado, o melhor que conseguia era cambalear.

"Tomar um banho", disse Ralph, "é a única coisa a fazer".

Porquinho examinava o céu através de sua lente única.

"Não estou gostando dessas nuvens. Lembra a chuva que caiu logo depois que a gente chegou aqui?"

"E vai chover de novo."

Ralph mergulhou na piscina. Alguns pequenos estavam brincando na beira d'água, tentando extrair algum conforto daquela umidade mais quente que o sangue. Porquinho tirou os óculos, entrou com cuidado na água e depois tornou a pôr os óculos. Ralph apareceu na superfície e cuspiu um esguicho de água na sua direção.

"Cuidado com os meus óculos", disse Porquinho. "Se cair água na lente, preciso sair pra limpar."

Ralph tornou a esguichar água e errou de novo. Riu para Porquinho, esperando que ele recuasse intimidado como sempre, num silêncio humilde. Mas Porquinho bateu na água com as mãos.

"Para com isso!", gritou ele. "Não escutou?"

Furioso, jogou água no rosto de Ralph.

"Está bom, está bom", disse Ralph. "Não precisa perder a cabeça."

Porquinho parou de bater na água.

"Estou com dor de cabeça. Queria que estivesse menos quente."

"Era melhor a chuva cair logo."

"Era melhor a gente poder voltar pra casa."

Porquinho se recostou numa das laterais de areia da piscina. Sua barriga se projetava para fora da água, e secava em pouco tempo. Ralph esguichava para o céu. Podia-se tentar adivinhar o movimento do sol observando o progresso de uma área mais clara em meio às nuvens. Ralph se ajoelhou na água e olhou a seu redor.

"Cadê todo mundo?"

Porquinho ergueu o corpo.

"Talvez tenham ido pro abrigo."

"E Samineric?"

"E o Bill?"

Porquinho apontou para além da plataforma.

"Eles foram pra lá. Pro banquete do Jack."

"Por mim eles podem ir", disse Ralph, embaraçado. "Eu não ligo."

"É só pra comer carne—"

"E pra caçar", disse Ralph ponderadamente, "fazer de conta que são uma tribo e se pintar como guerreiros selvagens".

Porquinho agitou a areia do fundo sem olhar para Ralph.

"Quem sabe a gente também não podia ir?"

Ralph ergueu os olhos depressa, e Porquinho corou.

"Quer dizer — pra não deixar acontecer nada de ruim."

Ralph tornou a esguichar água para o alto.

Bem antes de Ralph e Porquinho chegarem para se juntar ao grupo de Jack, já ouviam os sons da festa. Havia um trecho relvado num lugar onde os coqueiros deixavam uma faixa larga sem árvores entre a floresta e a praia. Um passo abaixo dessa faixa estendia-se a areia branca e solta que nunca era coberta pelas marés, quente, seca e endurecida. Mais abaixo, uma laje se estendia na direção da laguna. Para além dela, mais uma faixa curta de areia e então a beira do mar. Uma fogueira ardia na laje, e a gordura gotejava da carne de porco que assava nas chamas invisíveis. Todos os meninos da ilha, menos Porquinho, Ralph, Simon e os dois que cuidavam do porco, estavam reunidos na faixa entre os coqueiros e a areia. Todos tinham pedaços de carne nas mãos. Mas a julgar pelos rostos engordurados, o banquete de carne estava quase encerrado; e alguns deles seguravam nas mãos cascas de coco de que bebiam água. Antes de começarem a festa, um tronco tinha sido arrastado para o centro da área, e Jack, pintado e adornado, sentara-se nele como um ídolo. Havia pilhas de carne em cima de folhas verdes à sua volta, além de frutas e cascas de coco repletas de água.

Porquinho e Ralph chegaram à beira dessa plataforma relvada; e os meninos que os viam se calaram um a um, até só se ouvir a voz do menino ao lado de Jack. Então o silêncio se instalou até mesmo ali, e Jack, ainda sentado, virou-se para eles. Fitou os dois por algum tempo, e os estalos do fogo eram os ruídos mais altos que se ouviam acima do rumor das ondas nos recifes. Ralph desviou os olhos; e Sam, pensando que Ralph estava olhando para ele com um ar de acusação, baixou o osso que vinha roendo com um risinho nervoso. Ralph deu um passo hesitante, apontou para um coqueiro e murmurou alguma coisa inaudível para Porquinho; e os dois deram um risinho parecido com o de Sam. Levantando o pé da areia, Ralph continuou avançando. Porquinho tentou assobiar.

Nesse momento, os meninos que assavam o porco junto ao fogo arrancaram de repente um pedaço grande de carne e correram com ele para a relva. Esbarraram em Porquinho, que se queimou, gritando e pulando. Ralph e os outros meninos foram unidos e aliviados por uma tempestade de risadas. Porquinho era mais uma vez o foco da zombaria de todos, o que liberava os outros para se sentirem animados e normais.

Jack se levantou e acenou com a lança.

"Levem carne pra eles dois."

Os meninos que carregavam o espeto deram um pedaço suculento a Ralph e outro a Porquinho. Os dois aceitaram o presente, salivando. E ali ficaram de pé, comendo, debaixo de um

céu de estanho trovejante que ressoava com a chegada da tempestade.

Jack tornou a acenar com a lança.

"Todo mundo já comeu tudo que queria?"

Ainda sobrava comida, borbulhando nos espetos de madeira, empilhada nas travessas verdes. Traído pelo estômago, Porquinho jogou um osso limpo na areia e se debruçou para pegar mais.

Jack tornou a falar, em tom impaciente.

"Todo mundo já comeu tudo que queria?"

Seu tom era de advertência, produzido pelo orgulho da posse, e os meninos começaram a comer mais depressa, enquanto ainda havia tempo. Vendo que uma pausa imediata não era provável, Jack se ergueu do tronco que era seu trono e foi até a beira da plataforma. Por baixo da pintura do rosto, olhou para Ralph e Porquinho. Os dois se afastaram um pouco mais pela areia, e Ralph ficou olhando para o fogo enquanto comia. E percebeu, sem propriamente compreender, como as chamas agora se tornavam visíveis contra a luz opaca. A noite estava chegando, não com uma beleza calma mas com uma ameaça de violência.

Jack falou.

"Água."

Henry lhe trouxe uma casca de coco e ele bebeu, fitando Porquinho e Ralph por cima da borda irregular da casca. Havia força no volume bronzeado de seus antebraços; havia autoridade empoleirada em seus ombros, sussurrando em seu ouvido como um macaco amestrado.

"Todo mundo sentado."

Os meninos se dispuseram em fileiras na relva diante dele, mas Ralph e Porquinho continuaram mais abaixo, de pé na areia macia. Jack ignorou os dois por um momento, virou sua máscara na direção dos meninos sentados e apontou para eles com a lança.

"Quem vai entrar pra minha tribo?"

Ralph fez um movimento súbito que quase se transformou num tombo. Alguns dos meninos se viraram para ele.

"Eu dei comida pra todo mundo", disse Jack, "e meus caçadores podem proteger vocês do monstro. Quem vai entrar pra minha tribo?"

"Eu sou chefe", disse Ralph, "porque vocês me escolheram. E a gente não ia deixar a fogueira apagar. Agora todo mundo corre atrás de comida—"

"Você também veio!", gritou Jack. "Que osso é esse na sua mão?"

Ralph ficou muito vermelho.

"Eu disse que os caçadores eram vocês. Era o trabalho de vocês."

Jack tornou a ignorar o que ele dizia.

"Quem quer entrar pra minha tribo e se divertir de verdade?"

"Eu sou o chefe", disse Ralph com voz trêmula. "E a fogueira? A concha está comigo—"

"Mas você não trouxe pra cá", disse Jack com ar de desprezo. "Deixou pra trás. Está vendo que esperteza? E a concha não vale nada desse lado da ilha—"

Na mesma hora ouviu-se uma trovoada. Em vez de uma detonação abafada, um ponto de impacto se percebia na explosão.

"A concha vale aqui também", disse Ralph, "e na ilha toda".

"E o que você vai fazer agora?"

Ralph examinou as fileiras de meninos. Nenhum deles se apresentava para ajudar, e ele desviou os olhos, confuso e suando muito. Porquinho sussurrou.

"A fogueira — o resgate."

"Quem vai entrar pra minha tribo?"

"Eu."

"Eu também."

"Eu vou."

"Eu vou tocar a concha", disse Ralph quase sem fôlego, "e convocar uma reunião".

"A gente nem vai ouvir daqui."

Porquinho tocou no pulso de Ralph.

"Vamos embora. Aqui vai dar problema. E a gente já comeu carne."

Viu-se um clarão de luz muito forte além da floresta, e o trovão tornou a explodir, o que desencadeou o choro dos pequenos. Gotas grossas de chuva começaram a cair entre eles, produzindo cada uma um som distinto no momento em que tocava o chão.

"Vai cair uma tempestade", disse Ralph, "e vai chover igual ao dia em que a gente chegou. Quem foi mais esperto? Cadê dormitório pra vocês? E o que vocês vão fazer agora?"

Os caçadores olhavam para o céu com desconforto, franzindo os olhos para evitar os pingos da chuva. Uma onda de inquietação fez os meninos começarem a se agitar e andar de um lado para o outro sem destino. As irrupções de luz ficaram mais claras, e o ronco do trovão era quase insuportável. Os pequenos começaram a correr a esmo, gritando.

Jack saltou para a areia.

"Vamos dançar! Vamos lá! A nossa dança!"

Correu pela areia grossa até a laje de pedra, depois do fogo. No intervalo entre os clarões dos raios a noite estava escura e assustadora, e os meninos o acompanharam fazendo barulho. Roger se transformou no porco, grunhindo e tentando atacar Jack, que fintava o animal. Os caçadores pegaram as suas lanças, os cozinheiros pegaram os espetos, e o resto se armou com tocos de lenha queimada. Enquanto Roger simulava o terror da porca, os pequenos corriam e pulavam por fora da roda. Porquinho e Ralph, sob a ameaça do céu, descobriram-se ansiosos por tomar parte naquela sociedade enlouquecida mas parcialmente segura. Mas se contentaram em postar-se junto às costas bronzeadas do círculo que rodeava o terror e o tornava governável.

"*Mata o monstro! Corta a goela! Espalha o sangue!*"

O movimento da roda tornou-se contínuo, enquanto o canto perdia a excitação superficial do início e começava a exibir um pulso, um ritmo regular. Roger deixou de ser o porco e virou um caçador, de maneira que o centro da roda ficou vazio. Alguns dos pequenos formaram um círculo à parte, e as duas rodas complementares não paravam de girar, como se essa repetição, por si só, pudesse bastar para produzir alguma segurança. O que se ouvia eram os movimentos e a pisada de um único organismo.

O céu negro foi rasgado por uma cicatriz azul-esbranquiçada. Dali a um instante, o som desabou sobre eles como a chicotada de um açoite gigantesco. O canto adquiriu um tom de maior agonia.

"*Mata o monstro! Corta a goela! Espalha o sangue!*"

Agora, do terror emergia outro desejo, denso, urgente, cego.

"*Mata o monstro! Corta a goela! Espalha o sangue!*"

Mais uma vez, a cicatriz branco-azulada se esgarçou no céu acima deles, e a explosão sulfurosa os atingiu. Os pequenos começaram a gritar e se espalharam correndo, fugindo da beira da floresta, e em seu pavor um deles irrompeu na roda dos maiores.

"É ele! É ele!"

O círculo se transformou numa ferradura. Alguma coisa se arrastava para fora da floresta e avançava no escuro, a passos hesitantes. Os gritos agudos que se ouviam atrás do monstro pareciam uma dor. O monstro invadiu trôpego a ferradura.

"*Mata o monstro! Corta a goela! Espalha o sangue!*"

A cicatriz branco-azulada era constante, o fragor intolerável. Simon gritava, dizendo alguma coisa sobre um morto no alto do morro.

"*Mata o monstro! Corta a goela! Espalha o sangue! Cai de pau!*"

As varas se abateram, e a abertura do novo círculo se fechou aos gritos. O monstro estava de joelhos no centro, com os braços dobrados para proteger o rosto. Gritava, tentando fazer frente àquele barulho abominável, falando de um corpo no alto da montanha. O monstro tentou avançar, rompeu o cerco e despencou da beira da laje de pedra na areia junto ao mar. Na mesma hora o bando se atirou sobre ele, pulando da laje, caindo em cima do monstro, gritando, batendo, mordendo, rasgando. Não se ouvia mais palavra alguma, e só o que se via eram as investidas dilacerantes de presas e garras.

Então as nuvens se abriram e despejaram a chuva como uma cachoeira. A água ricocheteava no alto do morro, arrancava folhas e galhos das árvores, desabava como uma ducha fria sobre o aglomerado que se agitava na areia. Então o amontoado se desfez e as primeiras figuras se afastaram cambaleantes. Só o monstro ficou imóvel, estendido a poucos metros do mar. Mesmo na chuva, todos viam que era pequeno; e seu sangue já empapava a areia.

O vento forte fazia a chuva cair de lado, derramando água em cascata das copas das árvores. No alto da montanha, o paraquedas se encheu de ar e entrou em movimento; a figura deslizou pelo chão, pôs-se de pé, depois rodopiou, numa queda pendular através de uma vasta extensão de ar muito úmido, e pisou com os pés inseguros as copas das árvores mais altas; caindo, sempre caindo, desceu até a praia e os meninos saíram correndo escuridão adentro. O paraquedas conduziu a figura em frente, roçando a superfície da laguna, depois ultrapassou o recife com um solavanco e tomou o rumo do alto-mar.

Em torno da meia-noite a chuva parou e as nuvens se abriram, de maneira que o céu voltou a mostrar-se pontilhado com as inacreditáveis luzes das estrelas. Em seguida o vento também parou e o único barulho que se escutava era o gotejar e o gorgolejo da água que corria pelas cristas e se derramava, folha a folha, na terra escura da ilha. O ar estava fresco, úmido e claro; e em seguida cessou até o som das águas. O monstro continuava curvado na areia clara e as manchas se espalhavam, centímetro a centímetro.

A beira da laguna se transformou numa faixa fosforescente que avançava muito aos poucos, com o influxo da imensa onda da maré. A água transparente espelhava o céu limpo e os ângulos luminosos das constelações. A linha de fosforescência avançava por sobre os grãos de areia e as pedrinhas soltas; rodeava cada uma delas com uma ondulação tensa, e bruscamente as engolfava com uma sílaba inaudível antes de seguir em frente.

Ao longo da beira do mar raso, a transparência que avançava vinha repleta de criaturas estranhas, com olhos de fogo e corpos de luar. Aqui e ali uma pedrinha maior se aferrava à sua reserva de ar e acabava coberta com um manto de pérolas. A maré avançava pela areia esburacada pela chuva e revestia tudo com uma lisa camada de prata. Então, encontrou a primeira das manchas que escorriam do corpo estraçalhado, e as estranhas criaturas formaram uma faixa móvel de luz enquanto se acumulavam à beira da mancha. A água subiu mais um pouco e envolveu em luz os cabelos crespos de Simon. O contorno da sua face converteu-se em prata, e a curva do seu ombro transformou-se em mármore esculpido. O estranho séquito de criaturas, com seus olhos de fogo e seu rastro de vapor, lançou-se ao trabalho em torno de sua cabeça. O corpo foi soerguido da areia uma fração de centímetro, e uma bolha de ar escapou de sua boca com um ruído úmido e abafado. Em seguida, começou a deslocar-se lentamente na água.

Em algum ponto da curva escura do mundo o sol e a lua exerciam sua atração; e a ela se

submetia a película de água do planeta, abaulando-se um pouco de um dos lados enquanto o núcleo sólido seguia girando. A onda da maré enchente avançou mais ilha adentro, e as águas subiram. Muito aos poucos, rodeado por uma franja de criaturas reluzentes e curiosas, o corpo morto de Simon começou a deslocar-se na direção do mar aberto.

Capítulo dez
A concha e os óculos

Porquinho fitou com a máxima atenção a figura que se aproximava. Ultimamente, às vezes julgava enxergar com mais clareza quando tirava os óculos e transferia a única lente para o outro olho; mas, mesmo visto pelo olho bom, depois do que tinha acontecido, Ralph continuava inconfundível. E surgiu agora em meio aos coqueiros, mancando, sujo, com folhas secas emaranhadas nos cabelos claros. Um dos olhos estava fechado, com um inchaço no rosto do mesmo lado, e uma imensa casca de ferida tinha surgido em seu joelho direito. Fez uma pausa e olhou para a figura na plataforma.

"Porquinho? Só ficou você?"

"E mais uns pequenos."

"Eles não contam. Nenhum grande?"

"Ah — Samineric. Estão catando lenha."

"Mais ninguém?"

"Não que eu saiba."

Ralph subiu na plataforma com cuidado. A relva grossa ainda estava gasta no local onde os meninos costumavam se reunir; a concha branca ainda cintilava ao lado do assento polido. Ralph sentou-se na relva de frente para o assento do chefe e a concha. Porquinho ajoelhou-se à sua esquerda, e por longo tempo ninguém disse nada.

Finalmente Ralph limpou a garganta e sussurrou alguma coisa.

Porquinho sussurrou em resposta.

"O que você disse?"

Ralph falou em voz alta.

"Simon."

Porquinho não disse nada mas assentiu com a cabeça, num gesto solene. Continuaram ali sentados, contemplando com a visão prejudicada o assento do chefe e a laguna cintilante. A luz verde e as manchas lustrosas de luz do sol brincavam em seus corpos maltratados.

Finalmente, Ralph se levantou e foi até a concha. Pegou-a cuidadoso com as duas mãos e caiu de joelhos, encostando-se no tronco.

"Porquinho."

"O quê?"

"O que é que a gente faz agora?"

Porquinho indicou a concha com o queixo.

"Você podia—"

"Convocar uma reunião— ?"

Ralph riu ao dizer a palavra, e Porquinho franziu o rosto.

"Você ainda é o Chefe."

Ralph tornou a rir.

"Ainda é. Da gente."

"A concha está comigo."

"Ralph! Para de rir assim. Escuta, para com isso. O que os outros vão achar?"

Ralph finalmente parou. Estava tremendo.

"Porquinho."

"O quê?"

"Era o Simon."

"Você já falou."

"Porquinho."

"Hein?"

"Foi assassinato."

"Para com isso!", disse Porquinho em voz aguda. "Do que adianta você ficar falando desse jeito?"

Levantou-se de um salto e se pôs de pé ao lado de Ralph.

"Estava escuro. E eles naquela — naquela dança maldita. Com raios, trovões e chuva. A gente estava com medo!"

"Eu não fiquei com medo", disse Ralph lentamente. "Eu fiquei — nem sei de que jeito eu fiquei."

"A gente ficou com medo!", disse Porquinho em tom estridente. "Qualquer coisa podia ter acontecido. Não foi — isso que você disse."

Gesticulava, à procura de palavras mágicas.

"Ah, Porquinho!"

A voz de Ralph, grave e magoada, interrompeu os gestos de Porquinho, que se inclinou e ficou esperando. Ralph, com a concha nos braços, balançava o corpo para a frente e para trás.

"Você não entendeu, Porquinho? As coisas que a gente fez—"

"Ele ainda pode estar—"

"Não."

"Podia estar só fingindo—"

A voz de Porquinho se calou quando ele viu o rosto de Ralph.

"Você estava do lado de fora. Fora do círculo. Nunca chegou a entrar na roda. E não viu o que a gente fez — o que eles fizeram?"

Sua voz estava cheia de horror, e tomada ao mesmo tempo por uma espécie de animação febril.

"Não viu, Porquinho?"

"Não vi direito. Hoje eu só enxergo por um olho, você sabe disso, Ralph."

Ralph continuava balançando para a frente e para trás.

"Foi um acidente", declarou Porquinho de repente, "só isso. Um acidente". Sua voz tornou a ficar aguda. "Chegando no escuro — ele não tinha nada que chegar no escuro, se arrastando daquele jeito. Ele era meio doido. Foi tudo culpa dele mesmo." Fazia mais gestos largos.

"Foi um acidente."

"Você não viu o que eles fizeram—"

"Escute, Ralph. A gente precisa esquecer essa história. Não vai adiantar de nada ficar pensando nisso, você não vê?"

"Estou com medo. Da gente. Quero voltar pra casa. Ah, meu Deus, quero voltar pra casa."

"Foi um acidente", teimou Porquinho, "e pronto".

Encostou o dedo no ombro nu de Ralph, que estremeceu ao contato humano.

"E mais uma coisa, Ralph", Porquinho correu os olhos em volta, depois chegou mais perto — "não conte que a gente estava na dança. Não pro Samineric".

"Mas a gente estava! Todo mundo!"

Porquinho fez que não.

"A gente só entrou no fim. E ninguém viu, no escuro. De qualquer maneira, você mesmo disse que eu só fiquei do lado de fora—"

"Eu também", resmungou Ralph. "Eu também só fiquei do lado de fora."

Porquinho concordou com entusiasmo.

"Isso mesmo. A gente estava do lado de fora. A gente não fez nada, e nem viu nada."

Porquinho fez uma pausa, depois continuou.

"A gente vai viver longe deles, só nós quatro—"

"Quatro. Não vai dar pra manter a fogueira acesa."

"A gente tenta. Está vendo? Eu já acendi."

Samineric chegaram arrastando uma tora grande trazida da floresta. Jogaram ao lado da fogueira e se viraram para a piscina. Ralph se levantou de um salto.

"Ei! Vocês dois!"

Os gêmeos se detiveram por um instante, mas depois continuaram andando.

"Estão indo mergulhar, Ralph."

"Melhor acabar logo com isso."

Os gêmeos ficaram muito surpresos ao ver Ralph. Coraram e olharam através dele, direto para o ar.

"Oi. Você por aqui, Ralph?"

"A gente foi na floresta—"

"—pegar lenha pra fogueira—"

"—a gente se perdeu ontem de noite."

Ralph examinou seus dedos dos pés.

"Vocês se perderam depois da..."

Porquinho limpava a sua lente.

"Depois da festa", disse Sam com uma voz estrangulada. E Eric assentiu com a cabeça. "Isso mesmo, depois da festa."

"A gente veio embora cedo", disse Porquinho muito depressa, "por causa do cansaço".

"A gente também—"

"—muito cedo—"

"—todo mundo muito cansado."

Sam levou o dedo a um arranhão em sua testa e depois recolheu a mão depressa. Eric fez o mesmo com seu lábio cortado.

"Isso mesmo. Os dois muito cansados", repetiu Sam, "aí a gente veio embora cedo. E foi boa—"

O ar estava denso de um conhecimento que não se verbalizava. Sam se retorceu e a palavra obscena disparou de dentro dele, "—a dança?"

A memória da dança de que nenhum deles tinha participado provocou um calafrio convulsivo nos quatro meninos.

"A gente veio embora cedo."

Quando Roger chegou à língua de terra que ligava a Pedra do Castelo ao corpo da ilha, não ficou surpreso ao ser barrado. Desde a noite terrível, já contava com a ideia de encontrar pelo menos uma parte da tribo em algum lugar seguro, a salvo dos horrores da ilha.

A voz soou forte vindo do alto, onde pedras cada vez menores se apoiavam umas nas outras.

"Alto! Quem vem lá?"

"Roger."

"Pode seguir, amigo."

Roger continuou andando.

"Dava para ver que era eu."

"O Chefe mandou a gente parar todo mundo."

Roger olhou para cima.

"Se eu quisesse, você não me parava."

"É mesmo? Sobe aqui para ver!"

Roger escalou a encosta íngreme, como se subisse uma escada.

"Olha só isso."

Um galho grosso tinha sido enfiado debaixo da pedra mais alta da pilha, e mais uma alavanca por baixo dele. Robert apoiou-se de leve na alavanca e a pedra gemeu. Um esforço um pouco maior faria a pedra cair estrepitosamente na passagem estreita. Roger ficou admirado.

"Ele é um Chefe e tanto, não é?"

Robert assentiu com a cabeça.

"E vai levar a gente pra caçar."

Apontou com a cabeça para os dormitórios distantes, de onde um fio de fumaça se erguia no ar. Roger, sentado na beira do precipício, contemplava a ilha com ar sombrio enquanto balançava um dente mole com os dedos. Pousou o olhar no alto da montanha distante, e Robert mudou o assunto em que sequer tocaram.

"Ele vai dar uma surra em Wilfred."

"Por quê?"

Robert abanou a cabeça, em dúvida.

"Não sei. Ele nem disse. Ficou com raiva e mandou a gente amarrar o Wilfred, que já está lá amarrado" — deu um riso nervoso — "já está lá amarrado há horas, esperando—"

"Mas o Chefe nem disse por quê?"

"Eu não ouvi o Chefe dizer nada."

Sentado nas pedras instáveis sob o sol tórrido, Roger recebeu esta notícia como uma iluminação. Parou de mexer no dente e seguiu sentado imóvel, assimilando as possibilidades de uma autoridade irresponsável. E então, sem dizer mais nada, desceu pelo outro lado das pedras na direção da caverna e do resto da tribo.

O Chefe estava sentado, de peito nu, o rosto pintado de branco e vermelho. A tribo se dispunha num semicírculo à sua frente. Wilfred, recém-surrado mas desamarrado, fungava ao fundo. Roger se acocorou ao lado dos demais.

"Amanhã", disse o Chefe, "a gente vai caçar de novo".

Apontou para vários selvagens com sua lança.

"Vocês vão ficar aqui pra trabalhar na reforma da caverna e defender a entrada. Vou levar uns caçadores comigo e a gente volta trazendo carne. Os sentinelas da passagem não deixam os outros entrarem aqui—"

Um dos selvagens levantou o braço e o Chefe virou para ele o rosto sombrio e pintado.

"Por que eles haviam de tentar entrar, Chefe?"

O Chefe respondeu em tom vago, mas convicto.

"Porque sim. Pra estragar as coisas que a gente faz. Por isso os sentinelas precisam prestar muita atenção. E também—"

O Chefe fez uma pausa. Todos viram um fino triângulo de surpreendente cor rosada projetar-se para fora de sua boca, passar pelos seus lábios e tornar a desaparecer.

"—e o monstro também pode tentar entrar aqui. Vocês lembram como ele apareceu se

arrastando—"

O semicírculo estremeceu, respondendo com murmúrios de assentimento.

"Ele veio — disfarçado. E ainda pode vir de novo, mesmo a gente tendo dado a cabeça do porco pra ele comer. Então prestem bem atenção."

Stanley ergueu o antebraço da pedra e exibiu um dedo interrogativo.

"O quê?"

"Mas a gente já não, já não—?"

Estremeceu, e baixou os olhos.

"Não!"

No silêncio que se seguiu, cada um dos selvagens fez o possível para evitar suas memórias individuais.

"Não! A gente não tinha como — matar — o monstro!"

Em parte aliviados e em parte assombrados pelos terrores futuros que aquilo implicava, os selvagens voltaram a murmurar.

"Então é melhor ficar longe da montanha", disse o Chefe em tom solene, "e sempre deixar a cabeça pro monstro em toda caçada".

Stanley tornou a levantar o dedo.

"Acho que o monstro estava disfarçado."

"Pode ser", disse o Chefe. E enveredou por uma especulação teológica. "É melhor a gente estar sempre de bem com ele. Nunca se sabe o que ele pode fazer."

A tribo ponderou a respeito e, em seguida, estremeceu, como que atingida por uma rajada de vento. O Chefe viu o efeito das suas palavras e se pôs de pé abruptamente.

"Mas amanhã a gente caça, e depois de chegar com a carne faz uma festa—"

Bill ergueu a mão.

"Chefe."

"O quê?"

"Como é que a gente vai acender o fogo?"

O rubor do Chefe foi encoberto pela camada de argila branca e vermelha. E o vácuo de seu silêncio inseguro foi preenchido pelos murmúrios de toda a tribo. Então o Chefe levantou a mão.

"A gente rouba o fogo dos outros. Amanhã a gente vai caçar e trazer carne. Hoje à noite, eu e mais dois caçadores — quem vem comigo?"

Maurice e Roger levantaram as mãos.

"Maurice—"

"Diga, Chefe."

"Onde eles fizeram a fogueira?"

"No mesmo lugar, do lado da pedra da fogueira."

O Chefe assentiu com a cabeça.

"O resto de vocês pode ir dormir assim que anoitecer. Mas nós três, Maurice, Roger e eu, a gente tem uma missão. A gente sai daqui um pouco antes do pôr do sol—"

Maurice ergueu a mão.

"Mas como vai ser se a gente encontrar—"

O Chefe afastou a objeção com um gesto.

"A gente vai andando pela areia. E se ele vier, a gente volta a fazer a nossa, a nossa dança."

"Só nós três?"

Mais uma vez, o murmúrio se ergueu e depois cessou.

Porquinho entregou os óculos a Ralph e ficou esperando para recobrar a visão. A lenha estava úmida, e já era a terceira vez que acendiam o fogo. Ralph estava de pé, falando sozinho.

"A gente não quer passar outra noite sem fogo."

Correu os olhos em volta com ar culpado, fitando os três meninos a seu lado. Era a primeira vez que ele admitia a dupla função do fogo. Claro que a primeira era produzir a coluna de fumaça que funcionasse como sinal; mas a outra era fazer o papel de lareira, e dar-lhes algum aconchego até adormecerem. Eric soprou os gravetos até voltarem a brilhar, produzindo uma pequena chama. Um fio de fumaça branca e amarela se ergueu no ar. Porquinho pegou os óculos de volta e contemplou a fumaça com prazer.

"Se a gente pudesse fabricar um rádio!"

"Ou um avião—"

"—ou um navio."

Ralph vasculhou seus minguantes conhecimentos acerca do mundo.

"Os comunistas podem vir e prender a gente."

Eric empurrou o cabelo para trás.

"Ia ser melhor do que—"

Mas não quis dizer nenhum nome, e Sam terminou a frase por ele indicando com a cabeça a outra ponta da praia.

Ralph lembrou-se da figura desengonçada presa ao paraquedas.

"Ele disse alguma coisa, que era um homem morto—" E corou dolorosamente pela confissão de que estava presente na hora da dança. E fez gestos de insistência na direção da fumaça. "Não para — continua!"

"A fumaça está ficando mais rala."

"A gente precisa de mais lenha, mesmo que molhada."

"A minha asma—"

A resposta foi automática.

"Dane-se a sua asa-má."

"Se eu sair por aí carregando troncos, a minha asma piora. Não é que eu queira, Ralph, mas funciona assim."

Os três meninos entraram na floresta e colheram grandes braçadas de lenha apodrecida. E mais uma vez a fumaça se ergueu, amarela e densa.

"Vamos pegar alguma coisa pra comer."

Juntos foram até as árvores frutíferas, carregando suas lanças, falando pouco, se fartando às pressas. Quando saíram da floresta, o sol se punha e só restavam brasas reluzindo na fogueira, sem produzir qualquer fumaça.

"Não aguento carregar mais lenha", disse Eric. "Estou cansado."

Ralph pigarreou.

"A gente não deixou a fogueira lá de cima se apagar."

"Mas lá em cima ela era pequena. Aqui precisa ser grande."

Ralph jogou um pedaço de lenha no fogo e ficou olhando para a fumaça que subia no fim da tarde.

"A gente não pode deixar a fogueira morrer."

Eric desabou no chão.

"Estou cansado demais. E não adianta nada mesmo."

"Eric!", exclamou Ralph com uma voz chocada. "Não fala assim!"

Sam se ajoelhou ao lado de Eric.

"Mas — adianta *alguma* coisa?"

Ralph, indignado, tentava se lembrar. A fogueira tinha alguma vantagem. Uma vantagem indiscutível.

"Ralph já disse mil vezes", interveio Porquinho, irritado. "Se não tiver fumaça, como é que vão vir resgatar a gente?"

"É claro! Se a gente não faz fumaça—"

E se acocorou diante dos outros na noite que escurecia.

"Vocês não entendem? Não adianta nada é ficar sonhando com rádios e navios!"

Estendeu a mão e cerrou os dedos num punho.

"Só tem uma coisa que a gente pode fazer pra sair dessa situação. Qualquer um pode brincar de caçador, qualquer um pode trazer carne—"

Olhou de rosto em rosto. Então, no momento de maior exaltação e convicção, a cortina baixou em sua cabeça e ele se esqueceu de onde queria chegar. Ajoelhou-se, o punho cerrado, fitando solenemente cada um dos rostos. E então a cortina tornou a subir.

"Ah, sim. Pra gente fazer fumaça; e quanto mais fumaça—"

"Mas a gente não aguenta mais! Olha só!"

A fogueira estava morrendo.

"Dois pra cuidar do fogo", disse Ralph, em parte para si mesmo, "dá doze horas por dia".

"Não dá pra gente trazer mais lenha, Ralph—"

"—não no escuro—"

"—não de noite—"

"A gente podia acender a fogueira todo dia de manhã", opinou Porquinho. "No escuro ninguém mesmo ia ver a fumaça."

Sam assentiu com entusiasmo.

"Era diferente quando a fogueira ficava—"

"—lá em cima."

Ralph se levantou, sentindo-se curiosamente indefeso diante do avanço da escuridão.

"Então, por hoje à noite, vamos deixar o fogo apagar."

E seguiu na frente até o primeiro abrigo, que ainda estava de pé, embora maltratado. As folhas usadas como cama continuavam dentro dele, secas e ruidosas ao toque. No abrigo ao lado, um pequeno falava dormindo. Os quatro grandes entraram no abrigo e se enfiaram debaixo das folhas. Os gêmeos se acomodaram juntos, e Ralph e Porquinho do outro lado. Por algum tempo, escutaram os estalos e chiados com que as folhas respondiam às suas tentativas de acomodação.

"Porquinho."

"O quê?"

"Tudo bem?"

"Acho que sim."

Depois de algum tempo, com a exceção de algum ruído ocasional, fez-se silêncio no abrigo. Um losango de escuridão salpicado de lantejoulas pendia diante deles, e ouvia-se o som cavo das ondas quebrando nos recifes. Ralph se acomodou para o devaneio a que se entregava toda noite...

Faz de conta que a gente volta pra casa de avião a jato. Assim, antes ainda de amanhecer a gente chega àquele aeroporto grande em Wiltshire. Dali toma um ônibus; não, pra ser perfeito pega o trem; até Devon, onde eles tornam a alugar aquele chalé. Então, nos fundos do jardim, os pôneis aparecem olhando por cima da cerca...

Ralph se virava nas folhas, tomado pelo desassossego. Dartmoor era um lugar selvagem, como aqueles pôneis. Mas agora ele não via mais encanto em regiões selvagens.

Sua mente deslizou para a rememoração de uma cidadezinha calma onde a selvageria não

teria como se instalar. O que poderia ser mais seguro que a estação rodoviária, com as luzes acesas e as rodas?

No mesmo instante, Ralph começou a dançar em torno de um lampião de rua. Um ônibus estava deixando a estação bem devagar, um ônibus diferente...

"Ralph! Ralph!"

"O que foi?"

"Você está fazendo muito barulho—"

"Desculpe."

Da outra extremidade escura do abrigo ouviram um gemido terrível, e estraçalharam várias folhas no seu medo. Sam e Eric, presos num abraço, lutavam um com o outro.

"Sam! Sam!"

"Ei — Eric!"

Em seguida tudo voltou a se aquietar.

Porquinho dirigiu-se a Ralph em voz baixa.

"A gente precisa ir embora daqui."

"De que jeito?"

"Sendo resgatados."

Pela primeira vez naquele dia, e apesar da escuridão compacta, Ralph deu um riso abafado.

"Estou falando sério", sussurrou Porquinho. "Se a gente não voltar logo pra casa, vai ficar todo mundo doido."

"Maluco."

"Pancada."

Ralph afastou os fios úmidos de cabelo dos olhos.

"Quem sabe você escrevendo uma carta pra sua tia."

Porquinho refletiu solenemente sobre a ideia.

"Não sei onde ela anda. E não tenho envelope e nem selo. E nem tem caixa do correio por aqui. Nem carteiro."

O sucesso dessa piadinha tomou conta de Ralph. Seu riso abafado se tornou incontrolável, seu corpo se sacudia todo.

Porquinho se queixou com dignidade.

"Eu nem disse nada tão engraçado assim—"

Ralph continuava rindo, mesmo com uma dor no peito. Seus espasmos o deixaram exausto e ele ficou ali deitado, sem fôlego e tristonho, esperando o acesso seguinte. Durante uma dessas pausas, o sono o capturou de emboscada.

"—Ralph! Você está fazendo barulho de novo. Fica quieto, Ralph — porque."

Ralph se remexeu entre as folhas. Tinha bons motivos para agradecer a interrupção do seu sonho, porque o ônibus estava chegando cada vez mais perto, e ficando mais nítido.

"Por quê?"

"Cala a boca — e escuta."

Ralph se acomodou com todo o cuidado, produzindo um suspiro discreto das folhas. Eric gemeu alguma coisa e depois se calou. A escuridão, salvo pelo inútil losango estrelado, era densa como um cobertor.

"Não escutei nada."

"Alguma coisa está andando aí fora."

Os cabelos se arrepiaram na cabeça de Ralph. O som do seu sangue abafou todo o resto e depois ficou mais fraco.

"Ainda não estou ouvindo nada."

"Presta atenção. Fica um tempo escutando."

Claramente, enfaticamente, e a apenas um metro dos fundos do abrigo, um graveto se partiu. O sangue tornou a rugir nos ouvidos de Ralph, imagens confusas se sucederam em sua mente. Alguma combinação dessas coisas estava rondando os abrigos. Sentiu a cabeça de Porquinho encostada em seu ombro, e a mão convulsa que agarrava a sua.

"Ralph! Ralph!"

"Cala a boca e escuta."

Em desespero, Ralph desejou que o monstro preferisse meninos pequenos.

Uma voz sussurrou horrivelmente do lado de fora.

"Porquinho — Porquinho—"

"Ele veio!", arquejou Porquinho. "Ele existe de verdade!"

Agarrou-se a Ralph, num esforço para respirar.

"Porquinho, vem pra fora. É você que eu quero, Porquinho."

A boca de Ralph colou na orelha de Porquinho.

"Não diga nada."

"Porquinho — onde é que você está, Porquinho?"

Alguma coisa roçou os fundos do abrigo. Porquinho ficou imóvel mais um momento, depois foi atacado pela asma. Arqueou as costas e desabou entre as folhas. Ralph rolou para longe dele.

Então ouviu rosnados terríveis na entrada do abrigo e a investida de coisas vivas. Alguém tropeçou em Ralph, e o canto onde estava Porquinho se transformou num emaranhado de grunhidos, pancadas, pernas e braços em movimento. Ralph acertou um soco; em seguida, ele e o que lhe parecia ser uma dúzia de outros rolavam pelo chão, trocando murros, mordidas, arranhões. Sentiu cortes e pancadas, e dedos enfiados em sua boca, que mordeu com toda a força. Um punho tomou distância e voltou como um pistão, fazendo todo o abrigo explodir em luz. Ralph torceu o corpo para o lado, montado num outro corpo que se debatia, e sentiu um hálito quente em seu rosto. Começou a esmurrar aquela boca, usando seu punho fechado como um martelo; golpeava com uma histeria cada vez mais intensa, enquanto o rosto ia ficando escorregadio. Um joelho deu-lhe um golpe entre as pernas e ele tombou de lado, vencido pela dor, enquanto a luta se transferia para cima dele. Então o abrigo desabou em meio a um fragor sufocante e as formas anônimas começaram a se debater para desembaraçar-se e ir embora. Figuras de sombra se livraram dos destroços do abrigo e se afastaram, até deixarem novamente audíveis os gritos dos pequenos e os arquejos de Porquinho.

Ralph falou numa voz trêmula.

"Vocês, pequenos, vão dormir de novo. Foi uma briga com os outros. Agora vão dormir."

Samineric se aproximaram e olharam para Ralph.

"Vocês dois estão bem?"

"Acho que sim—"

"—eu levei uma surra."

"Eu também. E o Porquinho?"

Carregaram Porquinho para fora da cabana desmoronada e o encostaram numa árvore. A noite estava fresca e livre de terrores imediatos. A respiração de Porquinho estava um pouco mais fácil.

"Você se machucou, Porquinho?"

"Não muito."

"Eram o Jack e os caçadores dele", disse Ralph em tom amargo. "Por que eles não deixam

a gente em paz?"

"Mas a gente deu uma boa resposta a eles", disse Sam. E a honestidade o obrigou a completar. "Pelo menos você deu. Eu me encolhi num canto."

"Eu dei umas boas porradas num deles", disse Ralph. "Bati bastante. Esse não vai querer voltar tão cedo pra brigar com a gente."

"Eu também", disse Eric. "Quando eu acordei um deles estava chutando a minha cara. Acho que tou com a cara ensanguentada, Ralph. Mas no fim eu acabei com ele."

"E o que você fez?"

"Levantei o joelho com força", disse Eric com um orgulho direto, "e dei bem nos ovos dele. Você devia ter ouvido o berro que ele deu! Esse também não vai voltar tão cedo. No fim das contas, a gente nem se saiu muito mal."

Ralph se deslocou de repente no escuro; então ouviu Eric mexendo na própria boca.

"O que foi?"

"Só um dente mole."

Porquinho levantou as pernas.

"Você está bem, Porquinho?"

"Achei que eles queriam a concha."

Ralph correu pela praia clara e pulou para a plataforma. A concha ainda cintilava ao lado do assento do chefe. Ficou olhando algum tempo, e voltou para junto de Porquinho.

"Eles não levaram a concha."

"Eu sei. Não era a concha que eles queriam. Era outra coisa. Ralph — o que eu vou fazer agora?"

Mais adiante, no arco de areia da praia, três figuras corriam na direção da Pedra do Castelo. Mantinham-se à distância da floresta e perto da água. De tempos em tempos cantavam baixinho; de tempos em tempos viravam cambalhotas na faixa móvel de fosforescência. O Chefe seguia à frente, correndo devagar mas em ritmo constante, exultando com sua façanha. Agora era um chefe de pleno direito; e desferia estocadas no ar com a sua lança. Da sua mão esquerda, pendiam os óculos de Porquinho.

Capítulo onze
A Pedra do Castelo

Na breve friagem do amanhecer, os quatro meninos se reuniram em torno da mancha negra onde antes se erguia a fogueira, enquanto Ralph, ajoelhado, não parava de soprar. Cinzas plumosas levantavam voo, mas nem uma fagulha reluzia entre elas. Os gêmeos acompanhavam tudo ansiosos, e Porquinho, sem expressão, permanecia sentado atrás da barreira luminosa da miopia. Ralph continuou a soprar até seus ouvidos zunirem com o esforço, mas então a primeira brisa da manhã o sucedeu na tarefa, cegando seus olhos com uma lufada de cinzas. Ele se acocorou, afastando-se do fogo e praguejando, esfregando os olhos que lacrimejavam.

"Não adianta."

Eric acompanhava seus esforços por trás de uma máscara de sangue seco. Porquinho olhava na direção de Ralph.

"Claro que não vai adiantar, Ralph. Agora a gente não tem mais fogo."

Ralph aproximou seu rosto a poucos palmos do de Porquinho.

"Assim você me enxerga?"

"Um pouco."

Ralph deixou que seu rosto inchado tornasse a fechar o seu olho.

"Eles levaram o fogo da gente."

A raiva deixava sua voz estridente.

"Roubaram!"

"Eles são assim", disse Porquinho. "E me deixaram cego. Está vendo? Jack Merridew é assim. Convoca uma reunião geral, Ralph, a gente precisa decidir o que vai fazer."

"Uma reunião só pra gente?"

"É só quem sobrou. Sam — deixa eu me apoiar em você."

Caminharam na direção da plataforma.

"Toca a concha", disse Porquinho. "Toca o mais alto que puder."

A floresta repetiu o eco, e as aves levantaram voo, gritando das copas, como naquela primeira manhã, séculos antes. De um lado e do outro a praia estava deserta. Alguns pequenos saíram dos abrigos. Ralph sentou-se no tronco polido e os outros três ficaram de pé à sua frente. Fez um sinal com a cabeça, e Samineric sentaram-se à direita. Ralph pôs a concha nas mãos de Porquinho. Este segurou o objeto lustroso com cuidado e piscou os olhos para Ralph.

"Pode falar."

"Só peguei a concha pra dizer uma coisa. Não estou mais enxergando e preciso dos meus óculos de volta. Coisas horríveis aconteceram nesta ilha. Eu votei em você pra chefe. Só ele consegue fazer as coisas acontecerem. Então agora fala você, Ralph, e diz pra gente o que — Ou então—"

Porquinho não conseguia mais falar, fungando muito. Ralph pegou a concha de volta e se sentou.

"Só uma fogueira, mais nada. E a gente devia ser capaz de fazer uma fogueira, vocês não acham? Só um sinal de fumaça, pra poderem vir resgatar a gente. Ninguém aqui é selvagem. Só que agora não tem mais sinal. Um navio pode passar. Vocês se lembram do dia que ele foi caçar, o fogo apagou e aí passou um navio? E eles lá achando que ele é o melhor Chefe. E então aconteceu,

aconteceu... e também foi culpa dele. Se não fosse por ele, aquilo nunca teria acontecido. Agora o Porquinho não está enxergando, e eles vieram roubar—", a voz de Ralph ficou mais forte, "—de noite, no escuro, e roubaram o nosso fogo. Roubaram. Se eles tivessem pedido a gente dava. Mas eles roubaram, a fogueira apagou e ninguém mais vai resgatar a gente. Vocês estão entendendo? A gente topava dar fogo pra eles, mas eles roubaram. E eu—"

Fez uma pausa canhestra enquanto a cortina ameaçava baixar em seu cérebro. Porquinho estendeu as mãos para a concha.

"O que você vai fazer, Ralph? A gente fica só falando aqui e não resolve nada. Eu quero os meus óculos."

"Estou tentando pensar. A gente devia ir do jeito que andava antes, todo mundo limpinho, de cabelo penteado — afinal, ninguém aqui é selvagem de verdade, e alguém vir salvar a gente aqui não é brincadeira—"

Ralph levantou a pele inchada que cobria seu olho e olhou para os gêmeos.

"A gente podia se arrumar um pouco antes de ir—"

"E todo mundo devia ir de lança", disse Sam. "Até o Porquinho."

"—porque a gente pode precisar."

"Você não está com a concha!"

Porquinho ergueu a concha.

"Quem quiser pode ir de lança, mas eu não. Não adianta nada mesmo. De qualquer modo, alguém vai ter de me guiar, feito um cachorro. É, podem achar graça. Podem rir bastante. Tem gente nessa ilha que ri de qualquer coisa. E o que aconteceu? O que os adultos iam pensar? Simon, um garoto, foi assassinado. E tinha aquele outro menino com a marca na cara. Quem voltou a ver o garoto depois do dia que a gente chegou?"

"Porquinho! Para!"

"A concha está comigo. Eu vou procurar esse Jack Merridew e dizer tudo pra ele. Vou mesmo."

"Você só vai se machucar."

"E pode ficar pior do que já está? Eu vou dizer pra ele o que é o quê. Deixa eu carregar a concha, Ralph. Vou mostrar pra ele a única coisa que ele não tem."

Porquinho fez uma pausa rápida e correu os olhos pelas figuras embaçadas à sua volta. O mesmo contorno das antigas reuniões, espalhado pela relva, continuava a ouvi-lo.

"Vou dizer pra ele, com a concha nas mãos. Que eu vou mostrar bem pra ele. Vou dizer, você é mais forte do que eu, e não tem asma. Você enxerga, eu vou dizer, e com as duas vistas. Mas não estou pedindo pra devolver meus óculos como um favor. E vou dizer, não vim pedir pra você se comportar direito, não porque você seja forte, mas porque o que está certo está certo. Devolve os meus óculos, é que eu vou dizer — você tem de devolver!"

Porquinho terminou, corado e trêmulo. Entregou a concha de volta para Ralph com um gesto rápido, como se tivesse pressa de livrar-se dela, e enxugou as lágrimas dos olhos. A luz verde brilhava calma à volta deles, e a concha ficou pousada aos pés de Ralph, frágil e branca. Um único pingo que tinha escapado aos dedos de Porquinho cintilava agora na curva delicada, como uma estrela.

Finalmente, Ralph endireitou o corpo e puxou os cabelos para trás.

"Está bem. Quer dizer — você pode tentar, se quiser. E a gente vai junto com você."

"Ele vai estar todo pintado", disse Sam, em tom tímido. "Vocês sabem que ele vai estar —"

"—ele não vai dar muita importância à gente—"

"—e se ficar com raiva vai acabar com a gente—"

Ralph fez uma careta de desdém para Sam. Lembrou-se vagamente de uma coisa que Simon lhe tinha dito uma vez, perto das pedras.

"Deixe de ser bobo", disse ele. E então acrescentou depressa: "Vamos logo."

Estendeu a concha para Porquinho, que corou, dessa vez de prazer.

"É você que tem de levar a concha."

"Quando a gente estiver pronto eu carrego—"

Porquinho procurou na mente palavras que transmitissem sua disposição apaixonada de levar a concha consigo, contra tudo e contra todos.

"—eu não me incomodo. Vai ser bom, Ralph, eu só preciso de alguém pra me guiar."

Ralph devolveu a concha ao tronco lustroso.

"É melhor a gente comer, depois a gente vai."

Caminharam até as devastadas árvores frutíferas. Ajudaram Porquinho a colher as frutas, algumas das quais ele identificou pelo tato. Enquanto comiam, Ralph pensava na tarde que tinham pela frente.

"A gente vai voltar a ser como antes. Tomar banho—"

Sam engoliu um bocado de fruta e protestou.

"Mas a gente toma banho todo dia!"

Ralph olhou para as coisas imundas que tinha à sua frente, e suspirou.

"A gente devia pentear o cabelo. Mas está grande demais."

"Eu guardei as duas meias no abrigo", disse Eric, "pra gente poder usar como gorros".

"Ou a gente podia achar alguma coisa", disse Porquinho, "pra prender o cabelo."

"Feito uma menina!"

"Não, claro que não!"

"Então vamos do jeito mesmo que a gente está", disse Ralph, "que eles não vão estar com a cara nada melhor".

Eric fez um gesto para detê-lo.

"Mas eles vão estar pintados! Você sabe como é—"

Os outros assentiram. Entendiam perfeitamente o quanto a pintura que cobria os rostos levava a uma liberação da selvageria.

"Mas nós não vamos pintados", disse Ralph, "porque não somos selvagens".

Samineric olharam um para o outro.

"Mesmo assim—"

Ralph gritou.

"Ninguém se pinta!"

E tentou se lembrar.

"Fumaça", disse ele. "É isso que a gente quer."

Virou-se para os gêmeos, decidido.

"Eu disse fumaça! A gente precisa é de fumaça!"

Fez-se um silêncio, cortado apenas pelo zumbido numeroso das abelhas. Finalmente Porquinho falou, em tom gentil.

"Claro que sim, porque a fumaça serve de sinal e ninguém pode vir resgatar a gente se a gente não tiver um sinal de fumaça."

"Eu sei!", gritou Ralph. E desprendeu o braço de Porquinho. "Você está querendo dizer que—"

"Só estou dizendo o que você sempre diz", respondeu às pressas Porquinho. "Por um momento, achei que—"

"Nada disso", disse Ralph em voz muito alta. "Eu sabia o tempo todo. Eu não esqueço."

Porquinho concordou, propiciatório.

"Você é o Chefe, Ralph. E sempre lembra de tudo."

"Eu nunca esqueço."

"Claro que não."

Os gêmeos examinavam Ralph com uma expressão de curiosidade, como se o vissem pela primeira vez.

Partiram pela praia em formação. Ralph ia na frente, mancando um pouco, carregando a lança apoiada num dos ombros. Só enxergava as coisas em parte através do ar trêmulo de calor que cobria as areias muito claras, além de seus cabelos longos e seus ferimentos. Atrás dele vinham os gêmeos, preocupados já havia algum tempo mas cheios de uma vitalidade inesgotável. Diziam pouco, mas arrastavam atrás de si as hastes de suas lanças de madeira; pois Porquinho tinha descoberto que olhando para baixo, e protegendo seus olhos cansados do sol, conseguia acompanhar seu deslocamento pela areia. E caminhava entre as duas, com a concha cuidadosamente aninhada entre as mãos. Os meninos formavam um grupo pequeno e compacto que avançava pela praia, quatro sombras chapadas atrás deles, dançando e se misturando. Não restava mais nenhum sinal da tempestade, e a praia estava varrida e limpa como uma lâmina bem areada. O céu e a montanha erguiam-se a uma distância imensa, tremulando no calor; e o recife pairava numa miragem, flutuando numa espécie de piscina prateada a meio caminho do céu.

Passaram pelo lugar onde a tribo tinha feito a sua dança. As lanças chamuscadas continuavam encostadas nas pedras onde a chuva as tinha lavado, mas a água estava novamente calma. Passaram pelo local em silêncio. Sabiam, além de qualquer dúvida, que iriam encontrar a tribo na Pedra do Castelo, e quando avistaram o rochedo pararam por um acordo tácito. A mata mais densa da ilha, um emaranhado de troncos e caules trançados, preta, verde e impenetrável, erguia-se à esquerda deles e, diante deles, oscilava a relva alta. Ralph deu um passo à frente.

Ali estava a relva amassada no lugar onde todos tinham ficado à espera deles no dia da exploração. Ali estava a língua de terra, a borda que fazia a volta no penhasco, e mais além os cumes avermelhados.

Sam tocou em seu braço.

"Fumaça."

Havia um pequeno fio de fumaça dançando no ar do outro lado da pedra.

"Uma fogueira — pequena."

Ralph se virou.

"Por que é que a gente está se escondendo?"

Atravessou o biombo de mato e saiu no pequeno espaço aberto que dava para a passagem estreita.

"Vocês dois vêm logo atrás. Eu vou primeiro, depois o Porquinho um passo atrás de mim. E vocês vêm com as lanças preparadas."

Porquinho tentava ansioso atravessar o véu de luz que se estendia entre ele e o mundo.

"Por aqui é seguro? Não tem uma ribanceira? Estou escutando o mar!"

"Fica bem perto de mim."

Ralph adiantou-se para a língua de terra. Deu com o pé numa pedra e ela caiu n'água. E então o mar baixou, revelando um quadrado vermelho, coberto de algas, doze metros abaixo do braço esquerdo de Ralph.

"Posso ir por aqui?", perguntava Porquinho em voz trêmula. "Estou me sentindo tão—"

Bem acima deles, do alto das pedras, ouviu-se uma voz e em seguida um simulacro de

grito de guerra, logo respondido por doze vozes mais além.

"Me dá a concha, e fica quieto."

"Alto! Quem vem lá?"

Ralph inclinou a cabeça para trás e viu o rosto escurecido de Roger no alto.

"Você está vendo quem é!", gritou ele. "Deixa de bobagem!"

Levou a concha aos lábios e começou a tocar. Selvagens apareceram, irreconhecíveis de tanta pintura, contornando a pedra na direção da língua de terra. Traziam lanças e se dispuseram numa formação de defesa da entrada. Ralph continuou a tocar a concha, ignorando os terrores de Porquinho.

Roger gritava.

"Cuidado aí embaixo—"

Finalmente Ralph descolou os lábios da concha e fez uma pausa para recobrar o fôlego. Suas primeiras palavras foram um arquejo, mas perfeitamente audível.

"—convocando uma reunião."

Os selvagens que guarneciam a passagem trocaram murmúrios mas não saíram do lugar. Ralph avançou mais poucos passos. Uma voz sussurrou com urgência, atrás dele.

"Não me largue aqui, Ralph."

"Se ajoelhe", disse Ralph de lado, "e espere até eu voltar".

Parou na metade da passagem e olhou fixamente para os selvagens. Libertados pela pintura, eles tinham prendido os cabelos e estavam mais à vontade do que ele. Ralph decidiu que mais tarde também prenderia os cabelos. Na verdade, passou-lhe pela cabeça pedir que esperassem e prender logo os cabelos; mas não era possível. Os selvagens deram um riso abafado e um deles apontou para Ralph com a lança. No alto, Roger tirou as mãos da alavanca e se debruçou para ver o que estava acontecendo. Os meninos na passagem estavam de pé numa poça da própria sombra, reduzidos a cabeças desgrenhadas. Porquinho estava acocorado, as costas sem forma parecendo um saco.

"Estou convocando uma reunião."

Silêncio.

Roger pegou uma pedra pequena e a jogou entre os dois gêmeos, sem a intenção de acertar nenhum dos dois. Eles se assustaram, e Sam quase caiu. Alguma fonte de poder começou a pulsar no corpo de Roger.

Ralph repetiu, em voz bem alta.

"Estou convocando uma reunião."

E correu os olhos pelos selvagens.

"Cadê o Jack?"

O grupo de meninos se agitou e trocou algumas palavras. Um rosto pintado falou com a voz de Robert.

"Está caçando. E disse pra gente não deixar vocês entrarem."

"Eu vim falar com vocês sobre a fogueira", disse Ralph, "e os óculos do Porquinho".

O grupo à sua frente se agitou, e o riso brotou no meio deles, risadas leves e excitadas que ecoavam nos penhascos mais altos.

Uma voz falou de trás de Ralph.

"O que você quer?"

Os gêmeos pularam para o outro lado de Ralph e se interpuseram entre ele e o recém-chegado. Jack, identificável pela personalidade e pelos cabelos arruivados, saía da floresta, escoltado por dois caçadores agachados. Os três traziam o rosto pintado de negro e verde. Atrás deles, na relva, o corpo eviscerado e sem cabeça de uma porca se estendia onde o deixaram cair.

Porquinho gemeu.

"Ralph! Não me larga aqui!"

Com um cuidado exagerado, abraçou-se à pedra, agarrando-se com toda a força na proximidade do mar faminto. O riso abafado dos selvagens se transformou numa vaia alta e insistente.

Jack gritou, acima do barulho.

"Vai embora, Ralph. Fica do seu lado. Aqui é o meu lado, a minha tribo. Me deixa em paz."

A zombaria se calou.

"Você roubou os óculos do Porquinho", disse Ralph, quase sem fôlego. "E precisa devolver."

"Preciso? E quem é que está dizendo?"

Ralph perdeu a paciência.

"Eu! Vocês votaram em mim pra Chefe. Não ouviram o toque da concha? Vocês fizeram uma sujeira — bastava pedir que a gente dava fogo pra vocês—"

O sangue corria pelo seu rosto, seu olho inchado latejava.

"Vocês podiam pedir fogo sempre que quisessem. Mas não. Você entrou lá se escondendo feito um ladrão e roubou os óculos do Porquinho!"

"Repete."

"Ladrão! Ladrão!"

Porquinho gritou.

"Ralph! Não esquece de mim!"

Jack atacou e tentou espetar o peito de Ralph com a lança. Ralph adivinhou a direção da arma no vislumbre que teve do braço de Jack, e conseguiu desviar o golpe com a haste da sua. Em seguida, girou a vara e acertou Jack na orelha. Estavam os dois colados, peito a peito, respirando com ferocidade, um empurrando o outro, com os olhos em chamas.

"Quem é ladrão?"

"Você!"

Jack se desvencilhou e tentou acertar Ralph com uma pancada da sua lança. De comum acordo, os dois usavam as lanças como sabres, deixando de recorrer às pontas letais. O golpe atingiu a lança de Ralph e foi desviado, provocando uma dor intensa em seus dedos. Em seguida os dois se afastaram de novo, com as posições invertidas, Jack virado para a Pedra do Castelo e Ralph do lado de fora, virado para a ilha.

Os dois meninos respiravam pesado.

"Então vem—"

"Vem você—"

Os dois se encaravam com uma postura truculenta, mas se mantinham além do alcance do outro.

"Vem só, pra ver o que eu faço contigo!"

"Vem você—"

Porquinho, agarrado ao chão, tentava atrair a atenção de Ralph, que caminhou na direção dele e se abaixou, sempre com o olhar desconfiado fixo em Jack.

"Ralph — lembra do que a gente veio fazer aqui. O fogo. Meus óculos."

Ralph assentiu com a cabeça. Relaxou os músculos que usaria na luta, levantou-se com gestos pausados e firmou no chão a haste da sua lança. Jack o observava com uma expressão inescrutável por baixo da pintura. Ralph ergueu os olhos para o alto do penhasco, e depois para o bando de selvagens.

"Escutem. A gente veio dizer uma coisa. Primeiro vocês precisam devolver os óculos do Porquinho. Sem os óculos ele não enxerga nada. Isso não é uma brincadeira—"

A tribo de selvagens pintados riu, e a mente de Ralph vacilou. Ele puxou os cabelos para trás e fitou a máscara verde e preta à sua frente, tentando se lembrar de como era o rosto de Jack.

Porquinho sussurrou.

"E o fogo."

"Ah, sim. E queria falar também do fogo. E vou dizer mais uma vez. O que eu venho dizendo desde que a gente caiu aqui."

Ergueu a lança, que apontou para os selvagens.

"A única esperança da gente é ter um sinal sempre aceso, enquanto não fica escuro. Daí talvez um navio enxergue a fumaça, venha recolher a gente e levar todo mundo pra casa. Mas sem fumaça a gente vai ter de esperar um navio encostar aqui por acaso. Pode levar anos e anos; todo mundo aqui envelhece—"

O riso trêmulo, metálico e falso dos selvagens se espalhou, produzindo ecos distantes. Ralph foi sacudido por um ímpeto de raiva. Sua voz ficou mais alta.

"Não estão entendendo, seus idiotas pintados? O Sam, o Eric, o Porquinho e eu — não damos conta. A gente tentou manter o fogo aceso, mas não consegue. E vocês aí, brincando de caçador..."

Apontou para além dos outros, para o ponto em que o fio de fumaça se dispersava no ar perolado.

"Olhem pra isso! Vocês acham que essa fogueira serve de sinal? Só pode servir pra cozinhar. Aí, depois vocês comem e não tem mais fumaça. Vocês não entendem? Pode ter um navio passando lá fora—"

Fez uma pausa, derrotado pelo silêncio e pelo anonimato pintado do grupo que barrava sua passagem. O chefe abriu uma boca rosada, e se dirigiu a Samineric, que estavam entre ele e a sua tribo.

"Vocês dois. Voltem pra lá."

Não teve resposta. Os gêmeos, intrigados, se entreolharam; enquanto Porquinho, tranquilizado pela cessação da violência, levantava-se com cuidado. Jack olhou de volta para Ralph, e depois para os gêmeos.

"Agarrem os dois!"

Ninguém se mexeu. Jack gritou, furioso.

"Eu disse pra agarrar os dois!"

O bando de meninos pintados, com movimentos nervosos e desajeitados, cercou Samineric. Mais uma vez, o riso metálico se espalhou.

Samineric protestaram, do cerne da civilização.

"Ora, deixa disso!"

"—essa não!"

Suas lanças lhes foram tomadas.

"Os dois amarrados."

Ralph gritou, em desamparo, para a máscara negra e verde.

"Jack!"

"Amarra os dois, como eu disse."

E agora o bando pintado percebeu que Samineric eram gente de fora, e sentiu o poder que tinha nas mãos. Derrubaram os gêmeos, com entusiasmo mas sem muita destreza. Jack estava inspirado. Sabia que Ralph tentaria salvar os dois. Atacou girando a lança atrás do corpo e Ralph se limitou a aparar o golpe. Atrás deles, a tribo e os gêmeos formavam um amontoado agitado e

ruidoso. Porquinho tornou a se agachar. Então os gêmeos ficaram no chão, perplexos, e a tribo se levantou à volta deles. Jack virou-se para Ralph e falou, de dentes cerrados.

"Está vendo? Eles fazem o que eu mando."

Novamente o silêncio. Os gêmeos, mal amarrados, seguiam estendidos no chão, e a tribo fitava Ralph, para ver o que faria. Ralph contou quantos eram através de sua franja, e dirigiu um olhar de relance para a fumaça ineficaz.

Em seguida perdeu a cabeça. Gritou com Jack.

"Você é um monstro, um porco, e um ladrão! Ladrão desgraçado!"

E atacou.

Jack, sabendo que o momento tinha chegado, investiu também. Os dois se chocaram e ricochetearam de volta. Jack desferiu um soco e atingiu Ralph no ouvido. Ralph acertou Jack na barriga e fez o outro gemer. Estavam de novo frente a frente, arquejantes e furiosos, mas sem medo algum da ferocidade do adversário. Tomaram consciência do som que era o ruído de fundo daquela luta, os gritos agudos e constantes da tribo atrás dos dois. A voz de Porquinho chegou até Ralph.

"Deixa eu falar."

Ele estava de pé em meio à poeira levantada pela briga, e quando a tribo viu o que ele pretendia o clamor geral virou uma vaia ensurdecedora.

Porquinho levantou a concha e as vaias diminuíram um pouco, antes de ressurgirem com toda a energia.

"A concha está comigo!"

Ele gritou.

"Já disse, a concha está comigo!"

Fez-se um silêncio surpreendente; a tribo estava curiosa para ouvir a bobagem engraçada que ele podia dizer.

Silêncio e uma pausa; mas no silêncio um curioso ruído de deslocamento de ar, perto da cabeça de Ralph. Ele deu uma atenção parcial àquilo — e tornou a ouvir a mesma coisa; um "Zup!" fraco. Alguém estava jogando pedras: era Roger que as deixava cair do alto, com uma das mãos ainda na alavanca. Do alto, Ralph era uma cabeleira e Porquinho um saco de banha.

"Só quero dizer uma coisa. Vocês parecem um bando de crianças."

As vaias aumentaram e tornaram a se atenuar quando Porquinho ergueu de novo a concha branca e mágica.

"O que vocês preferem — virar esse bando de negros pintados, ou gente ajuizada, como Ralph?"

Um grande clamor se ergueu entre os selvagens. Porquinho gritou de novo.

"O que vocês preferem — ter regras e estar de acordo, ou caçar e matar?"

Novamente o clamor, e novamente — "Zup!"

Ralph se pôs a gritar por cima de todo o barulho.

"O que vocês preferem, a lei e serem salvos, ou caçar e acabar com tudo?"

Agora Jack começava a gritar também, e Ralph não conseguia mais se fazer ouvir. Jack tinha recuado até junto da tribo, e agora formava com ela um bloco compacto de ameaça eriçada de lanças. A intenção de um ataque tomava forma; a tribo se preparava para a investida, disposta a limpar toda a passagem. Ralph continuava de pé à frente deles, um pouco para o lado, com a lança preparada. Ao lado dele estava Porquinho, ainda segurando o talismã, a frágil e reluzente beleza da grande concha. Eram varridos pelas ondas de som, um sortilégio de ódio. No alto, Roger, entregando-se a um abandono delicioso, aplicou todo seu peso à alavanca.

Ralph ouviu o som da pedra antes mesmo de vê-la. Percebeu um solavanco na terra que

lhe chegou pela sola dos pés, e o som de pedras menores que se espatifavam no alto do penhasco. Então a monstruosa massa avermelhada caiu na língua de terra e tornou a levantar voo; Ralph se atirou no chão enquanto a tribo gritava de susto.

A pedra resvalou em Porquinho de passagem, atingindo o menino do queixo ao joelho; a concha explodiu em mil fragmentos brancos e deixou de existir. Porquinho, sem dizer nada, sem tempo nem de gemer, foi projetado pelo ar, girando enquanto despencava de um dos lados da passagem. A pedra ainda bateu duas vezes no chão antes de sumir na floresta. Porquinho desabou doze metros e caiu de costas na pedra vermelha e quadrada à beira do mar. Sua cabeça se abriu, uma coisa começou a sair dela e foi ficando vermelha. Seus braços e pernas se agitaram um pouco, como os de um porco assim que é abatido. Então o mar voltou a encher o peito, com um suspiro lento e demorado, e uma espuma branca e rosada ferveu na laje de pedra; quando o mar refluiu, sugado de volta, o corpo de Porquinho tinha desaparecido.

Dessa vez o silêncio foi completo. Os lábios de Ralph formaram uma palavra, mas nenhum som saiu.

De repente, Jack se destacou da tribo e começou a gritar sem controle.

"Está vendo? Está vendo? É isso que acontece! É disso que eu estava falando! Você não tem lugar na tribo! A concha se acabou—"

E correu para a frente, com o corpo inclinado.

"Eu sou o Chefe!"

Maldosamente, com plena intenção, atirou a lança em Ralph. A ponta abriu a pele e a carne acima das costelas de Ralph, antes de a lança se desviar e cair na água. Ralph caiu, sentindo não dor mas pânico; e a tribo, gritando agora como o Chefe, começou a avançar. Mais uma lança, dessa vez uma vara torta incapaz de descrever uma trajetória regular, passou perto do seu rosto, e outra caiu do alto, do lugar onde Roger se encontrava. Os gêmeos estavam escondidos por trás da tribo, e os rostos dos demônios anônimos avançavam pela língua de terra. Ralph se virou e saiu correndo. Um rumor alto quando as gaivotas levantaram voo atrás dele. Obedecia a um instinto que nem sabia possuir, e ziguezagueava pelo espaço aberto, conseguindo desviar-se de todas as lanças. Viu o corpo decapitado da porca e saltou bem a tempo. Em seguida, já atravessava ruidosamente a folhagem e os ramos do mato baixo até ser engolido pela floresta.

O Chefe parou ao lado da porca, virou-se e levantou as mãos.

"De volta! De volta pro forte!"

Então a tribo retornou ruidosamente para a passagem, onde Roger se juntou aos demais.

O Chefe se dirigiu a ele em tom irritado.

"Por que você não está de sentinela?"

Roger olhou para ele com a expressão séria.

"Eu só desci—"

Era encarado por todos com o horror que inspiram os carrascos. O Chefe não lhe disse mais nada, mas olhou para Samineric.

"Vocês têm de entrar pra tribo."

"Me solta—"

"—e eu também."

O Chefe pegou uma das poucas lanças que ainda restavam e cutucou Sam nas costelas.

"O que você está querendo dizer, hein?", perguntou o Chefe em tom feroz. "Que ideia é essa, chegar aqui armado de lança? E não querer entrar pra minha tribo?"

Os golpes adquiriram um ritmo regular. Sam berrou.

"Não é isso."

Roger passou pelo Chefe, apenas evitando empurrá-lo com o ombro. Os berros cessaram, e Samineric ficaram estendidos no chão de olhos abertos, dominados por um terror silencioso. Roger avançou para eles, investido de uma autoridade sem nome.

Capítulo doze
O grito dos caçadores

Ralph se escondeu sob o abrigo de umas plantas baixas, pensando nos seus ferimentos. O rasgão na carne tinha vários centímetros pouco acima de suas costelas do lado direito, com um corte inchado e ensanguentado no lugar onde tinha sido atingido pela lança. Seu cabelo estava imundo, e emaranhado como as gavinhas de uma trepadeira. Estava todo arranhado e ferido pela corrida através da mata. Quando conseguiu voltar a respirar normalmente, tinha concluído que não iria lavar as feridas agora. Como poderia ouvir os passos de pés descalços mergulhado na água? Como poderia sentir-se seguro, às margens do riacho ou na praia aberta?

Ralph ficou escutando. Na verdade nem estava longe da Pedra do Castelo, e no primeiro momento de pânico julgou ter ouvido sons de perseguição. Mas os caçadores só vasculharam as franjas da mata, procurando talvez as suas lanças, antes de correr de volta para a pedra ensolarada, como que aterrorizados com as trevas que havia debaixo das folhas. Tinha vislumbrado um deles, pintado com faixas marrons, vermelhas e pretas, e tinha imaginado que fosse Bill. Era um selvagem cuja aparência recusava a conciliação com a antiga imagem de um menino de calças curtas e camisa.

A tarde ia morrendo; as manchas circulares de sol se deslocavam pelas frondes verdes e pelas fibras castanhas, mas nenhum som lhe chegava do outro lado da Pedra. Finalmente Ralph se esgueirou para fora do esconderijo até a beira do trecho impenetrável de mata que dava para a estreita língua de terra. Espiou com o máximo cuidado através dos ramos da beira da mata e viu Robert sentado de sentinela no alto do penhasco. Trazia uma lança na mão esquerda e, com a direita, jogava para o ar uma pedrinha que depois aparava. Por trás dele erguia-se uma coluna grossa de fumaça, o que fez as narinas de Ralph se dilatarem e sua boca ficar cheia d'água. Limpou o nariz e a boca com as costas da mão e, pela primeira vez desde aquela manhã, sentiu fome. A tribo devia estar sentada em torno do porco estripado, vendo sua gordura escorrer e crepitar entre as cinzas. Estariam concentrados.

Outra figura, esta irreconhecível, apareceu ao lado de Robert e lhe entregou alguma coisa, depois se virou e voltou para trás da pedra. Robert pousou a lança a seu lado e começou a comer o que segurava com as duas mãos. O banquete estava começando, e a sentinela tinha recebido sua ração de carne.

Ralph viu que, por enquanto, estava a salvo. Saiu mancando através das árvores frutíferas, atraído pela ideia do alimento pobre, mas amargo tendo em vista o festim dos outros. Um banquete hoje; amanhã...

Tentou se convencer, sem sucesso, de que agora o deixariam em paz; talvez só acabasse transformado num fora da lei. Mas então recuperou a certeza fatal, que independia de qualquer raciocínio. A destruição da concha, além das mortes de Porquinho e Simon, pairava sobre a ilha como um nevoeiro. Aqueles selvagens pintados iriam cada vez mais longe. E ainda havia a ligação impossível de definir entre ele próprio e Jack; que por isso nunca haveria de deixá-lo em paz; nunca.

Fez uma pausa, salpicado de sol, segurando um galho, preparado para se esconder por trás dele. Um espasmo de terror fez seu corpo todo tremer, e gritou em voz alta.

"Não. Eles não são tão maus assim. Foi um acidente."

Agachou-se sob a proteção daquele galho, correndo sem muito jeito, depois parou e ficou escutando.

Chegou à área devastada das árvores frutíferas, e comeu com avidez. Avistou dois pequenos e, sem ter a menor ideia de sua própria aparência, não entendeu por que os dois teriam gritado antes de sair correndo.

Depois que comeu, voltou para a praia. A luz do sol estava agora enviesada, e atingia em cheio os coqueiros ao lado do abrigo demolido. Lá estavam a plataforma e a piscina. O melhor a fazer seria ignorar aquele sentimento pesado que tomava conta do seu coração e confiar na sensatez dos outros meninos, em sua sanidade diurna. Agora que a tribo já tinha comido, certamente decidiriam tentar de novo. E, de qualquer maneira, ele não teria como passar a noite inteira num abrigo abandonado, ao lado da plataforma deserta. Teve um calafrio e estremeceu ao sol da tarde. Não tinha fogo; não havia fumaça; não seriam resgatados nunca. Virou-se e saiu mancando através da floresta na direção da ponta de Jack.

Os bastões inclinados de luz do sol se perdiam entre as copas da floresta. Finalmente, chegou a uma clareira onde as pedras impediam o crescimento da vegetação. Àquela altura era um poço de sombras, e Ralph quase se atirou atrás de uma árvore quando viu alguma coisa no centro da clareira; mas então percebeu que o rosto branco era de osso, e que a caveira de porco sorria para ele do alto de um espeto. Caminhou lentamente até o meio da clareira e ficou olhando fixamente para o crânio que refulgia com o mesmo branco luminoso da concha, e parecia zombar dele com ar cínico. Uma formiga curiosa estava entretida numa das órbitas, mas tirante isso não havia ali vida alguma.

Ou haveria?

Agulhas de sensação correram por sua espinha. Ficou de pé com o rosto no mesmo nível do crânio, segurando os cabelos com as duas mãos. Os dentes lhe sorriam, as órbitas vazias pareciam sustentar seu olhar com total controle e sem qualquer esforço.

O que era aquilo?

O crânio contemplava Ralph como alguém que conhece todas as respostas e jamais as revela. Ralph viu-se tomado por um medo nauseante e pelo ódio. Com toda a força, deu um murro naquela coisa imunda à sua frente, que como um brinquedo se inclinou para trás e voltou para o mesmo lugar, ainda rindo da cara dele, que lhe desferiu outro soco, gritando de asco. Em seguida, Ralph lambeu os nós feridos dos seus dedos enquanto contemplava o espeto vazio, enquanto o crânio jazia no chão partido em dois pedaços, agora com dois metros entre as duas metades separadas do mesmo sorriso. Arrancou o espeto ainda trêmulo da fenda entre as pedras e o estendeu como uma lança, entre ele e os fragmentos brancos. Em seguida começou a recuar, sempre de frente para o crânio que insistia em sorrir para o céu.

Quando o clarão esverdeado desapareceu do horizonte e a noite caiu por completo, Ralph retornou ao trecho de mata cerrada em frente à Pedra do Castelo. Olhando por entre os galhos, viu que o ponto mais alto do penhasco ainda estava guarnecido, e que a sentinela, quem quer que fosse, tinha uma lança pronta ao lado.

Ajoelhou-se em meio às sombras e avaliou amargamente o seu isolamento. Eram selvagens, é verdade; mas eram humanos, e os medos de tocaia na noite profunda estavam chegando.

Ralph gemeu baixinho. Por mais cansado que estivesse, não podia relaxar e cair num poço de sono, por medo da tribo. Não seria possível entrar de peito aberto no forte dos outros, dizer — "Parei de brincar", dar uma risada ligeira e ir dormir junto com eles? Não poderia fazer de conta que eram todos ainda meninos, colegas de escola, crianças obedientes usando uniformes com barretes? À luz do dia ele talvez respondesse que sim; mas a escuridão da noite e os horrores

da morte diziam que não. Escondido nas sombras, ele sabia que estava banido.

"Porque eu ainda tinha algum juízo."

Esfregou o antebraço com o rosto, sentindo o cheiro acre de sal, suor e sujeira acumulada. À sua esquerda, as ondas do oceano continuavam a respirar, inspirando fundo e depois espalhando de volta a espuma pelas pedras.

Havia sons vindo de trás da Pedra do Castelo. Escutando com cuidado, isolando sua mente do balanço do mar, Ralph conseguiu distinguir um ritmo bem conhecido.

"*Mata o monstro! Corta a goela! Espalha o sangue!*—"

A tribo estava dançando. Em algum lugar do outro lado daquela barreira de pedra havia uma roda formada, a fogueira estava acesa e a carne assava. Saboreavam a comida e o aconchego da segurança.

Um barulho mais próximo lhe causou um sobressalto. Havia selvagens escalando a Pedra do Castelo, até o alto, e começou a ouvir suas vozes. Esgueirou-se mais uns poucos metros à frente e viu a forma no alto da pedra mudar e crescer. Só havia dois meninos na ilha que se deslocavam ou falavam daquele jeito.

Ralph abaixou a cabeça, que pousou nos antebraços, e aceitou esse fato como mais uma ferida. Samineric agora faziam parte da tribo. Eram eles que guardavam a Pedra do Castelo contra a sua chegada. Adeus à ideia de resgatar os dois e formar uma tribo de exilados do outro lado da ilha. Samineric eram agora selvagens como os outros; Porquinho tinha morrido, a concha virado pó.

Depois de algum tempo o outro sentinela desceu. Os dois que ficaram pareciam uma simples extensão da pedra. Uma estrela apareceu por trás deles e foi momentaneamente eclipsada por algum movimento.

Ralph progredia devagar, apalpando com todo o cuidado a superfície áspera, como um cego. Havia quilômetros de vagas águas à sua direita, e o mar se estendia à sua esquerda, ameaçador como a boca de um poço. A cada minuto as águas respiravam em torno da pedra da morte, desabrochando num campo de espuma branca. Ralph avançou de rastros até esbarrar no penhasco da entrada. O posto das sentinelas estava imediatamente acima dele, e avistou a ponta de uma lança que se projetava acima da pedra.

E chamou em voz bem baixa.

"Samineric—"

Nenhuma resposta. Para ser ouvido, precisaria falar mais alto; o que seria percebido pelas criaturas hostis e listradas que se empanturravam junto ao fogo. Cerrou os dentes e começou a escalar, procurando os apoios pelo tato. O espeto que antes sustentava o crânio o atrapalhava, mas não se convencia a desfazer-se da sua única arma. Tinha chegado quase ao mesmo nível dos gêmeos quando tornou a chamá-los.

"Samineric—"

Escutou um grito e uma agitação em cima da pedra. Os gêmeos estavam abraçados, falando coisas incoerentes de medo.

"Sou eu. Ralph."

Apavorado com a ideia de que os dois saíssem correndo para dar o alarme, continuou subindo até sua cabeça e seus ombros surgirem no alto do penhasco. Bem abaixo dele, via a floração luminosa em torno da pedra.

"Sou só eu. Ralph."

Finalmente os dois se inclinaram para a frente e fitaram seu rosto.

"A gente achou que era—"

"—a gente não sabia o que era—"

"—a gente achou—"

A memória embaraçosa da lealdade que tinham jurado havia pouco ocorreu aos dois. Eric ficou calado, mas Sam ainda tentou cumprir seu dever.

"Você precisa ir embora, Ralph. Vai embora de uma vez—"

Acenou com a sua lança, tentando uma expressão feroz.

"Se manda. Entendeu?"

Eric sinalizou que concordava com a cabeça, e espetou o ar com sua lança. Ralph firmou-se nos braços e não se moveu.

"Eu vim falar com vocês dois—"

A voz de Ralph soava rouca. Sentia uma dor na garganta, mesmo sem ter sofrido nenhum ferimento no pescoço.

"Eu vim falar com vocês dois—"

Não tinha palavras para exprimir a dor surda de tudo aquilo. E se calou, enquanto as estrelas nítidas se derramavam e dançavam em todas as direções.

Sam se remexeu, inquieto.

"É sério, Ralph, melhor você ir embora."

Ralph tornou a erguer os olhos.

"Vocês dois não estão pintados. Como é que vocês—? Se fosse de dia—"

Se fosse à luz do dia, estariam ardendo de vergonha de admitir aquilo tudo. Mas a noite estava escura. Eric foi o primeiro a responder; e então os gêmeos começaram a falar, como sempre em antífonas.

"Você precisa ir embora porque aqui corre perigo—"

"—a gente foi obrigado. Eles machucaram a gente—"

"Quem? Jack?"

"Ah, não—"

Os dois se aproximaram dele e baixaram as vozes.

"Vai embora, Ralph—"

"é uma tribo—"

"—eles forçaram a gente—"

"—a gente não pôde fazer nada—"

Quando Ralph tornou a falar, sua voz estava baixa, e ele parecia sem fôlego.

"O que foi que eu fiz? Eu gostava dele — e eu só queria que alguém viesse salvar a gente —"

As estrelas se derramaram de novo pelo céu. Eric balançou a cabeça, comovido.

"Escuta, Ralph. Não fica pensando no sentido das coisas. Já passou—"

"Não fica pensando no Chefe—"

"—você precisa ir embora, pro seu bem."

"O Chefe e o Roger—"

"—é, o Roger—"

"Eles detestam você, Ralph. E querem acabar contigo."

"Querem sair pra caçar você amanhã."

"Mas por quê?"

"Eu não sei. E Ralph: Jack, o Chefe, disse que pode ser perigoso—"

"—que a gente precisa tomar todo o cuidado e jogar as lanças de longe, como se você fosse um porco".

"A gente vai se espalhar pela ilha toda, formando uma linha—"

"E avançar a partir da ponta de cá—"

"Até te encontrar."

"E aí a gente dá o sinal assim."

Eric virou a boca para o alto e produziu uma ululação fraca, batendo na própria boca. Depois, nervoso, olhou para trás.

"Assim—"

"—só que mais alto, claro."

"Mas eu não fiz nada", sussurrou Ralph, com urgência na voz. "Eu só queria manter uma fogueira acesa!"

Fez uma pausa, pensando infeliz no dia seguinte. E uma questão da maior importância lhe ocorreu.

"O que vocês vão—?"

Não conseguiu ser específico num primeiro momento mas, em seguida, o medo e a solidão o levaram a falar claro.

"Quando eles me acharem, o que é que eles vão fazer?"

Os gêmeos não disseram nada. Abaixo dele, a pedra da morte tornou a florir.

"O que é que eles vão — ah, meu Deus! Estou com fome—"

Todo o penhasco lhe deu a impressão de oscilar.

"E então — o quê—?"

Os gêmeos lhe deram uma resposta indireta.

"Você precisa ir embora logo, Ralph."

"Pro seu bem."

"E fica longe daqui. O mais longe que puder."

"Vocês dois não vêm comigo? Se a gente estiver em três — ainda podia ter uma chance."

Depois de um tempo em silêncio, Sam disse, com uma voz estrangulada.

"Você não sabe como é o Roger. É um terror."

"—E o Chefe — os dois—"

"—são um terror."

"—só que o Roger—"

Os dois meninos ficaram paralisados. Alguém da tribo subia a pedra na direção deles.

"Ele veio ver se a gente está de sentinela. Depressa, Ralph!"

Enquanto se preparava para descer escorregando pela face do penhasco, Ralph apelou para a última vantagem que ainda poderia extrair daquele encontro.

"Vou ficar aqui perto; naquele mato ali", sussurrou ele, "então não deixem ninguém entrar lá. Eles nunca vão pensar em procurar tão perto—"

Os passos ainda estavam a uma certa distância.

"Sam — não vai acontecer nada comigo, não é?"

Os gêmeos se calaram de novo.

"Toma aqui!", disse Sam de repente. "Leva isso—"

Ralph sentiu que um pedaço de carne era empurrado na sua direção, e agarrou a comida.

"Mas o que vocês vão fazer quando me encontrarem?"

Silêncio no alto da pedra. Ele próprio achou idiota o som da sua voz. E começou a descer o rochedo.

"O que vocês vão fazer—"

Do alto do penhasco veio a resposta incompreensível.

"O Roger fez pontas afiadas dos dois lados de uma vara."

Roger fez pontas afiadas dos dois lados de uma vara. Ralph tentou atribuir algum sentido a essas palavras, mas não conseguiu. Usou todos os palavrões de que se lembrava, num ataque de

raiva que terminou em bocejos. Quanto tempo uma pessoa aguentava sem dormir? Tudo o que ele queria era uma cama com lençóis — mas a única brancura daquela ilha era do leite lentamente derramado, a brancura luminosa e redonda em torno da pedra doze metros abaixo onde Porquinho tinha caído. Porquinho estava em toda parte, pendurado no pescoço dele, transformado numa coisa terrível na escuridão e na morte. Se Porquinho pudesse voltar naquela hora, saindo da água com a cabeça vazia — Ralph choramingou e bocejou como um dos meninos pequenos. O espeto na sua mão se transformou na muleta em que se apoiava.

Então retesou novamente o corpo. Vozes se levantavam no alto da Pedra do Castelo. Samineric estavam discutindo com alguém. Mas o mato e as plantas baixas estavam logo ali. Era o melhor lugar para se esconder, e bem ao lado do matagal que lhe serviria de esconderijo no dia seguinte. Ali — e suas mãos tocaram a relva — era um bom lugar para passar a noite, não muito longe da tribo, e assim, se os horrores do sobrenatural aparecessem, ele poderia pelo menos procurar a companhia de outros seres humanos por algum tempo, mesmo que isso significasse...

E o que significava? Uma vara com duas pontas afiadas. O que aquilo queria dizer? Tinham atirado lanças nele, mas errando sempre; todos menos um. Talvez tornassem a errar da próxima vez.

Agachou-se na relva alta, lembrou-se da carne dada por Sam e começou a devorá-la, faminto. Enquanto comia, ouviu novos sons — gritos de dor de Samineric, gritos de pânico, vozes enfurecidas. O que aquilo queria dizer? Alguém que não ele estava em dificuldade, porque pelo menos um dos gêmeos estava sendo castigado. Então as vozes desapareceram atrás da pedra e ele parou de pensar nelas. Tateou em volta e sentiu folhas frescas e delicadas que se projetavam do matagal. Era ali então que passaria a noite. Assim que o dia clareasse ele se enfiaria no mato, espremendo-se entre os cipós e os ramos retorcidos, refugiando-se tão fundo na mata que só alguém rastejando como ele poderia chegar lá; e se alguém aparecesse de rastros ele usaria seu espeto. E ficaria sentado ali enquanto a busca passava ao largo e o cordão seguia em frente, ululando pela ilha afora, sem incomodá-lo.

Enfiou-se entre as samambaias, criando um túnel. Deixou o espeto estendido ao seu lado e se encolheu na escuridão. Precisava se lembrar de acordar assim que o dia clareasse, para escapar dos selvagens — e não sabia que o sono ia chegar depressa e fazê-lo despencar por um sombrio abismo interior.

Já estava acordado antes de abrir os olhos, ouvindo um som bem próximo. Abriu um olho, viu que a terra estava a um ou dois centímetros do seu rosto e enfiou os dedos nela, à luz coada pelas folhas da samambaia. Só teve tempo de entender que os pesadelos intermináveis de quedas e morte tinham ficado para trás, e que a manhã tinha chegado, antes de tornar a ouvir o som. Era uma ululação à beira-mar — e agora outro selvagem respondia, e mais outro. Os gritos se deslocavam por cima dele de um lado ao outro da ponta estreita da ilha, do mar até a laguna, como os gritos de uma ave em pleno voo. Não perdeu tempo pensando; agarrou seu espeto de duas pontas e se enfiou de volta entre as samambaias. Dali a segundos já avançava de rastros em meio à mata cerrada; mas não antes de vislumbrar as pernas de um selvagem avançando em sua direção. As samambaias foram pisoteadas e esmagadas, e ouviu o som das pernas que se deslocavam em meio à relva alta. O selvagem, quem quer que fosse, ululou duas vezes; o grito foi repetido de um lado e de outro, e depois morreu. Ralph continuava agachado, emaranhado nas plantas baixas, e por algum tempo não ouviu mais nada.

Finalmente examinou o lugar onde estava refugiado. Ninguém poderia atacá-lo ali — e além disso ele havia tido sorte. A pedra grande que matara Porquinho tinha rolado para dentro

daquele trecho de mato, parando bem no meio, criando uma clareira com menos de um metro de extensão de cada lado. Quando Ralph conseguiu se esgueirar até a pedra sentiu-se em segurança, e orgulhoso da sua esperteza. Sentou-se com todo o cuidado entre os talos esmagados das plantas e ficou esperando que os caçadores acabassem de passar. Olhando por entre as folhas, percebeu de relance alguma coisa avermelhada. Devia ser o topo da Pedra do Castelo, distante e esvaziada de ameaça. E Ralph se compôs, triunfante, para ouvir os sons da caçada que se distanciavam.

Mas nem um som. Com a passagem do tempo, na sombra verde, sua sensação de triunfo foi se desfazendo.

Finalmente ouviu uma voz — a voz de Jack, mas abafada.

"Você tem certeza?"

O selvagem a quem Jack se dirigia não disse nada. Talvez tenha feito algum gesto.

Roger falou.

"Se você está enganando a gente—"

Imediatamente depois disso, ouviu-se um arquejo, e um guincho de dor. Ralph se encolheu instintivamente. Um dos gêmeos, na entrada da mata, com Jack e Roger.

"Tem certeza que ele falou aqui dentro?"

O gêmeo gemeu baixinho e depois tornou a guinchar.

"Ele falou que ia se esconder aqui dentro?"

"Falou — falou — ai —!"

Um riso metálico se espalhou entre as árvores.

Quer dizer que eles sabiam.

Ralph pegou seu espeto e se preparou para a batalha. Mas o que eles podiam fazer? Precisariam de uma semana para abrir um caminho pelo meio do mato; e qualquer um que chegasse ali rastejando estaria à sua mercê. Avaliou a ponta de seu espeto com o polegar e sorriu sem qualquer humor. Quem tentasse chegar ali acabaria sem defesa, guinchando feito um porco.

Os outros estavam se afastando, a caminho da torre de pedra. Ralph ouviu seus passos, e depois alguém rindo. Escutou novamente aquele grito de ave, lançado de um caçador a outro ao longo da linha. Quer dizer que alguns continuavam a procurar por ele; mas os outros—?

Houve um silêncio prolongado e sem ar. Ralph descobriu que estava com a boca cheia de casca, de roer a ponta do espeto. Levantou-se e olhou para cima, na direção da Pedra do Castelo.

Nesse mesmo instante, ouviu a voz de Jack que vinha do alto.

"Força! Força! Força!"

A pedra avermelhada que se via no alto do penhasco desmaterializou-se como uma cortina, e ele viu várias figuras e o céu azul. Dali a um momento a terra tremeu, um som de desabamento atravessou o ar e as copas daquele trecho de mato foram arrancadas como que por uma mão gigantesca. A pedra continuou a rolar, esmagando tudo a caminho da praia, enquanto uma chuva de galhos partidos e folhas caía em cima dele. Fora da mata, a tribo comemorava aos gritos.

Novamente o silêncio.

Ralph mordeu os dedos. Só havia mais uma pedra que pudesse ser deslocada; mas era da metade do tamanho de uma casa; era do tamanho de um ônibus, de um tanque. Imaginou sua possível trajetória com uma clareza aflitiva — havia de começar lentamente, descendo de nível em nível, atravessando a língua de terra como um gigantesco rolo compressor.

"Força! Força! Força!"

Ralph largou sua lança, depois tornou a pegá-la. Empurrou irritado os cabelos para trás, deu dois passos apressados pelo espaço confinado onde estava e depois voltou. Parou de pé, contemplando os galhos partidos das árvores.

Ainda o silêncio.

Enxergou o movimento exagerado do seu diafragma, e ficou surpreso de ver como respirava depressa. Um pouco à esquerda do centro do peito, as batidas do seu coração eram visíveis. Tornou a pousar a lança.

"Força! Força! Força!"

Um clamor agudo e prolongado de triunfo.

Alguma coisa trovejou no alto do penhasco avermelhado, em seguida a terra teve um solavanco e começou a tremer, enquanto o barulho aumentava sempre. Ralph foi arremessado para o ar e depois caiu, chocando-se com os galhos. À sua direita, poucos metros além, toda a mata se abriu e as raízes gemeram alto enquanto eram todas arrancadas da terra ao mesmo tempo. Viu uma coisa vermelha que girava lentamente sobre si mesma, como uma pedra de moinho. Então a coisa vermelha passou, e seu progresso elefantino foi se tornando mais lento na direção do mar.

Ralph se ajoelhou no chão recém-desnudado e ficou esperando que a terra se acalmasse. Em seguida, os troncos brancos partidos, os galhos quebrados e o emaranhado da mata voltaram a entrar em foco. Seu corpo sentia um peso no lugar onde tinha visto sua própria pulsação.

Novamente o silêncio.

Mas ainda assim não completo. Os outros trocavam sussurros; e de repente os galhos balançaram furiosamente em dois pontos à sua direita. Surgiu a ponta de uma lança. Em pânico, Ralph enfiou sua própria lança na abertura e investiu com toda a força.

"Aaa-ah!"

Sua lança tremeu um pouco nas suas mãos, e então ele a retirou.

"Ooh-ooh—"

Alguém gemia do lado de fora, e um vozerio se ergueu. Uma discussão feroz se travava, e o selvagem ferido continuava a grunhir. Então caiu um novo silêncio, uma única voz falou e Ralph concluiu que não era a de Jack.

"Estão vendo? Eu bem que disse — ele é perigoso."

O selvagem ferido tornou a gemer.

Que mais? E agora?

Ralph firmou as mãos na lança e seu cabelo caiu nos olhos. Alguém murmurava, a poucos passos de distância na direção da Pedra do Castelo. Ouviu um selvagem dizer "Não!" com uma voz chocada; e então percebeu risos abafados. Tornou a se agachar e mostrou os dentes para a barreira de folhagem. Ergueu a lança, com uma expressão de ódio, e ficou esperando.

Mais uma vez o grupo invisível riu. Ouviu um som contínuo de estalidos e depois uma crepitação mais alta, como se alguém desdobrasse gigantescas folhas de celofane. Um graveto estalou e ele abafou a tosse. A fumaça se espalhava entre a ramagem em chumaços brancos e amarelos, o trecho de azul acima da sua cabeça adquiriu a cor de uma nuvem de tempestade, e então a fumaça o rodeou por completo.

Alguém deu um riso nervoso, e uma voz gritou.

"Fumaça!"

Ele avançou rastejando pelo trecho de mata na direção da floresta, tentando permanecer abaixo da fumaça. Em seguida viu uma clareira, e as folhas verdes da orla do trecho de mata. Um selvagem quase pequeno se encontrava entre ele e o resto da floresta, um selvagem listrado de vermelho e branco com uma lança nas mãos. Tossia e esfregava a tinta nos olhos com as costas da mão, enquanto tentava enxergar em meio à fumaça cada vez mais densa. Ralph lançou-se sobre ele como um felino; com os dentes à mostra, desferiu-lhe uma estocada com a lança, e o selvagem dobrou o corpo. Ouviu-se um grito vindo de trás, e Ralph começou a correr com a rapidez do medo pelo mato mais baixo. Chegou a uma trilha de porcos, que seguiu por uns cem metros, e

depois se desviou da picada. Atrás dele, ouviam-se novamente gritos ululantes de um lado a outro da ilha, e uma voz isolada repetiu o chamado três vezes. Imaginou que fosse uma ordem para os demais avançarem, e tornou a sair correndo, com o peito apertado. Em seguida, atirou-se debaixo de um arbusto e esperou um pouco até sua respiração se normalizar. Passou a língua pelos dentes e os lábios, e ouviu ao longe os gritos ululantes de seus perseguidores.

Havia muitas coisas que poderia fazer. Podia subir numa árvore — mas seria o mesmo que apostar tudo numa única chance. Se fosse detectado, bastaria aos outros esperar que ele descesse.

Se pelo menos tivesse tempo de pensar!

Outro grito duplo à mesma distância deu uma indicação de qual era o plano dos outros. Todos os selvagens que encontrassem algum obstáculo na floresta deviam dar o grito duplo e ficar em posição até conseguirem desvencilhar-se. Assim, podiam manter o cordão constante, sem brechas, de lado a lado da ilha. Ralph se lembrou do porco-do-mato que tinha rompido o cerco deles com tanta facilidade. Se fosse o caso, quando os perseguidores chegassem perto demais, ele podia atacar a linha ainda espaçada, romper o cerco e correr de volta para o outro lado. Mas correr de volta até onde? O cordão faria a volta, recomeçando a varredura. Mais cedo ou mais tarde ele seria obrigado a comer ou dormir — e então acabaria acordando nas mãos que o prendiam; e a caçada seria só uma questão de esperar que a presa gastasse suas energias.

O que fazer, então? A árvore? Romper a linha do cerco como um porco-do-mato? Qualquer das alternativas era terrível.

Um grito isolado acelerou seu coração e, pondo-se de pé num salto, disparou na direção do oceano e da floresta mais cerrada até se ver emaranhado em cipós; passou um momento agitando os calcanhares para se libertar. Se pelo menos pudesse conseguir uma trégua, uma pausa mais longa, tempo para pensar!

E novamente, bem agudo e inevitável, soou o grito ululante de lado a lado da ilha. Ao ouvi-lo, refugou o passo como um cavalo em meio aos cipós e saiu correndo de novo até começar a ofegar. E se atirou no chão, ao lado de uma moita de samambaias. A árvore ou o ataque? Controlou a respiração algum tempo, limpou a boca e repetiu para si mesmo que precisava manter a calma. Samineric haviam de estar em algum ponto da linha inimiga, e odiando esse papel. Ou teriam ficado de fora? E vamos imaginar que, em vez deles, ele se deparasse com o Chefe, ou com Roger que levava a morte nas mãos?

Ralph empurrou os cabelos emaranhados para trás e enxugou o suor que escorria para dentro do seu olho melhor. E falou, em voz alta:

"Pensa."

Qual era a coisa mais sensata a fazer?

Porquinho não estava mais lá para ser a voz da sensatez. Não estava numa reunião solene de discussão, não havia mais a dignidade da concha.

"Pensa."

Acima de tudo, estava começando a ter medo da cortina que podia baixar no seu cérebro a qualquer momento, anulando a noção de perigo, transformando-o num idiota.

Uma terceira ideia seria se esconder tão bem que a linha, no seu avanço, passasse por ele sem descobri-lo.

Levantou a cabeça num arranco e ficou escutando. Agora havia outro som que precisava acompanhar — um ronco grave, como se a própria floresta estivesse com raiva dele, um sinistro ruído de fundo contra o qual os gritos ululantes se erguiam como o som aflitivo do giz que falhava no quadro-negro. Sabia que já tinha escutado aquilo antes, em algum lugar, mas não tinha tempo de vasculhar a memória.

Romper a linha.

Uma árvore.

Esconder-se e deixar a tribo passar.

Um grito mais próximo o fez pôr-se de pé e na mesma hora começou a correr de novo, o mais depressa que podia, em meio aos espinhos e às folhas ásperas. De repente, chegou a um trecho descampado, e se viu de novo naquela mesma clareira — lá estava o sorriso bipartido do crânio, não mais zombando de um trecho de céu azul-escuro mas rindo para uma espessa cobertura de fumaça. Em seguida, Ralph saiu correndo por baixo das árvores, tendo entendido a causa do ronco de fundo que tomava a floresta. Os outros tinham ateado fogo à ilha, para que a fumaça o obrigasse a sair da floresta.

Esconder-se era melhor do que uma árvore, porque ainda lhe restaria a chance de romper a linha se fosse descoberto.

Um esconderijo, então.

Pensou se um porco concordaria com ele, e sorriu para ninguém. Tinha de se enfiar no arvoredo mais cerrado, no buraco mais escuro de toda a ilha. Agora, enquanto corria, olhava à sua volta. Faixas e manchas de luz do sol o cobriam, e o suor criava estrias brilhantes em seu corpo sujo. Os gritos agora soavam distantes, e mais fracos.

Finalmente encontrou o que lhe pareceu o lugar ideal, embora sua escolha fosse desesperada. Ali, trepadeiras e um emaranhado denso de cipós e plantas baixas criavam uma espécie de esteira que barrava a luz do sol. E debaixo dela havia um espaço, com pouco mais de um palmo de altura, percorrido de fora a fora por talos paralelos. Enfiando-se naquele espaço, ele ficava a cinco passos da beira da mata e ao mesmo tempo escondido, a menos que um selvagem resolvesse abaixar-se e procurar por ele justamente ali. Mesmo assim, estaria na sombra — e se o pior acontecesse e o selvagem o avistasse, ainda lhe restaria a chance de atacá-lo, quebrar o alinhamento do cordão de caçadores e escapar correndo para o outro lado.

Cuidadosamente, arrastando sua lança atrás de si, Ralph rastejou por entre os talos que ligavam a esteira ao chão. Quando chegou ao meio da área coberta, ficou deitado, escutando.

O fogo estava alto, e o som de tambores que julgava ter deixado para trás chegava cada vez mais perto. Afinal, o fogo não avançava mais depressa que um cavalo a galope? Ralph conseguia avistar o chão salpicado de sol por um raio de talvez cinquenta metros em torno do ponto onde se escondera: e, enquanto observava, a luz do sol em cada uma das manchas piscou para ele. Lembrava tanto a cortina que baixava em seu cérebro que, por um momento, achou que aquele tremeluzir só se dava dentro dele. Mas então as manchas piscaram mais depressa, ficaram mais tênues e finalmente se apagaram, o que o fez ver que um grande volume de fumaça já se acumulava entre a ilha e o sol.

Se alguém olhasse por baixo das moitas e por acaso vislumbrasse a mancha de pele humana, sempre podiam ser Samineric, que fingiriam não ter visto nada e nem abririam a boca. Encostou a face na terra cor de chocolate, lambeu os lábios secos e fechou os olhos. Debaixo daquela esteira de cipós, a terra vibrava ligeiramente; ou talvez houvesse um outro barulho, entre o óbvio trovejar do fogo e as ululações agudas, soando baixo demais para ser ouvido.

Alguém chamou. Ralph desencostou o rosto da terra e olhou para a luz atenuada. Devem ter chegado perto, pensou, e seu peito começou a bater. Esconder-se, romper o cerco, subir numa árvore — qual seria a melhor ideia, afinal? O problema é que só teria uma chance.

Agora o fogo estava mais próximo; os tiros que ouvia eram a explosão de galhos grandes, talvez até de troncos. Os idiotas! O fogo deve ter chegado quase até as árvores frutíferas — e o que eles iriam comer no dia seguinte?

Ralph se agitou, inquieto, em sua cama estreita. Os outros não queriam correr riscos! E o

que podiam fazer? Bater nele? E daí? Matá-lo? Uma vara com duas pontas afiadas.

Os gritos, de repente mais próximos, o trouxeram bruscamente de volta. Viu um selvagem pintado que se deslocava depressa, saindo de um trecho de mata verde, aproximando-se da esteira onde estava escondido; um selvagem com uma lança na mão. Ralph cravou os dedos na terra. Precisava estar pronto para qualquer coisa.

Ralph mudou de posição, virando a lança para que ficasse com a ponta para a frente; e então viu que tinha duas pontas.

O selvagem parou a quinze metros e soltou seu grito.

Quem sabe ele ouviu meu coração, apesar do barulho do fogo. Não grita. Fica preparado.

O selvagem avançou, e Ralph só conseguia vê-lo da cintura para baixo. Ali estava a haste da lança dele. Agora só via do joelho para baixo. Nada de gritar.

Um bando de porcos saiu guinchando de um trecho de mata, atrás do selvagem, e enveredou pela floresta. Aves gritavam, ratos guinchavam e uma criaturinha que andava aos saltos refugiou-se encolhida debaixo da esteira.

A cinco metros dali o selvagem parou, de pé bem ao lado da esteira, e deu seu grito. Ralph recolheu os pés e se enrodilhou. A lança estava nas suas mãos, a lança de duas pontas, aquela lança que vibrava tanto, que se encompridava e se encurtava, ficava leve e pesada, e leve de novo.

Os gritos ululantes se espalharam de costa a costa. O selvagem se ajoelhou ao lado da esteira, e luzes percorriam a floresta atrás dele. Ralph viu um joelho se afundar na terra. Depois o outro. Duas mãos. Uma lança.

Um rosto.

O selvagem fitou a penumbra debaixo da esteira. Dava para ver que enxergava luz de um lado e de outro, mas não no meio — bem ali. No meio ficava uma massa de sombra e o selvagem franziu o rosto, tentando decifrar o que seria aquela escuridão.

Os segundos se arrastavam. Ralph olhava bem nos olhos do selvagem.

Não grita.

Você vai voltar.

Agora ele me viu, e só está se certificando. Uma vara de ponta afiada.

Ralph deu um grito, um grito de medo, raiva e desespero. Suas pernas se esticaram, seus gritos se tornaram contínuos e furiosos. Saltou para a frente, rompeu o emaranhado de cipós, lançou-se em campo aberto gritando, rangendo os dentes, ensanguentado. Ameaçou uma estocada com a lança e o selvagem se afastou; mas outros já se aproximavam dele, aos gritos. Ralph se desviou, uma lança passou junto a seu corpo e em seguida ele parou de gritar e saiu correndo. Na mesma hora, as luzes que piscavam à sua frente se fundiram numa só, o ronco da floresta se transformou numa explosão e um arbusto alto bem à sua frente irrompeu numa chama imensa em forma de leque. Ralph deu uma guinada para a direita, correndo a uma velocidade desesperada, sentindo um calor extremo do seu lado esquerdo e vendo que o fogo avançava depressa como a maré alta. Os gritos ululantes soavam mais fortes atrás dele e se espalhavam, uma série de gritos muito breves e agudos, o sinal de que tinha sido avistado. Uma figura marrom surgiu à sua direita e desapareceu. Todos corriam, todos gritavam feito loucos. Ralph ouvia os passos dos outros, rompendo o mato baixo enquanto, à esquerda, o fogo luminoso trovejava. Esqueceu seus ferimentos, a fome e a sede, e transformou-se em puro medo; um medo sem saída correndo com pés que voavam, atravessando a mata na direção da praia aberta. Manchas dançavam à frente dos seus olhos e se convertiam em círculos vermelhos que se dilatavam cada vez mais depressa, até desaparecer. Atrás dele, as pernas de alguém se cansavam e os desesperados gritos ululantes avançavam como um gume serrado de ameaça, quase a alcançá-lo.

Tropeçou numa raiz e o grito que o perseguia subiu de tom. Viu um abrigo explodir em chamas e o fogo o atingiu no ombro direito, antes que ele tivesse um vislumbre da água cintilante. Então se atirou no chão, rolando e rolando na areia quente, encolhido e com o braço levantado para se defender, tentando pedir piedade aos gritos.

Levantou-se vacilante, tensionando o corpo para enfrentar novos terrores, e avistou um quepe com aba. Era um quepe branco, e acima da pala verde viam-se uma coroa, uma âncora, ramos dourados. Viu o tecido branco, as dragonas, um revólver, uma fileira de botões dourados no peito do uniforme.

Um oficial de marinha estava de pé na areia, olhando para Ralph e tomado por um espanto cauteloso. Na praia atrás dele se via um escaler, com a proa na areia segura por dois marujos. No banco do escaler, outro marujo trazia uma submetralhadora nas mãos.

Os gritos ululantes foram cessando e se calaram.

O oficial olhou para Ralph, em dúvida por um momento, depois afastou a mão da coronha do revólver.

"Olá."

Ainda um pouco encolhido, consciente de sua aparência imunda, Ralph respondeu timidamente.

"Olá."

O oficial assentiu com a cabeça, como se uma pergunta tivesse sido respondida.

"Algum adulto — alguma pessoa grande com vocês?"

Sem dizer nada, Ralph abanou a cabeça. Deu meio passo atrás na areia e se virou. Um semicírculo de garotos, com os corpos pintados de argila colorida e espetos pontudos nas mãos, estavam de pé na praia sem produzir som algum.

"Alguma brincadeira", disse o oficial.

O fogo chegou aos coqueiros junto à praia e os engoliu com estrépito. Uma chama, aparentemente isolada, arremessou-se como um acrobata e se espalhou pelas frondes dos coqueiros da plataforma. O céu estava negro.

O oficial dirigiu um sorriso animador a Ralph.

"Nós vimos a sua fumaça. O que vocês andaram fazendo? Metidos numa guerra, ou coisa assim?"

Ralph assentiu com a cabeça.

O oficial examinou o pequeno espantalho à sua frente. O garoto estava precisando de um banho, de um corte de cabelo, de assoar o nariz e de um bocado de pomada.

"Ninguém morto, não é? Algum cadáver?"

"Só dois. E já sumiram."

O oficial se inclinou para a frente e olhou fixamente para Ralph.

"Dois? Mortos?"

Ralph tornou a assentir. Atrás dele, toda a ilha tremia em chamas. O oficial sabia distinguir quando as pessoas diziam a verdade. Deu um assobio baixo.

Outros meninos estavam aparecendo, alguns deles bem pequenos, todos queimados de sol, com as barrigas proeminentes de crianças selvagens. Um deles se aproximou do oficial e levantou os olhos.

"Eu sou, eu sou—"

Mas não conseguiu dizer mais nada. Percival Wemys Madison vasculhou a cabeça à procura das palavras mágicas que agora lhe faltavam por completo.

O oficial voltou a fitar Ralph.

"Vamos levar vocês embora. São quantos no total?"

Ralph abanou a cabeça. O oficial olhou para o grupo de meninos pintados atrás dele.

"Quem é o chefe aqui?"

"Eu", respondeu Ralph com voz firme.

Um menino usando os andrajos de um extravagante barrete preto no cabelo ruivo, e carregando os restos de um par de óculos na cintura, deu um passo à frente, depois mudou de ideia e ficou parado.

"Nós vimos a sua fumaça. E você não sabe quantos vocês são no total?"

"Não."

"Eu diria", disse o oficial, enquanto imaginava a busca que tinha pela frente, "eu diria que um bando de meninos ingleses — vocês são todos ingleses, não são? — saberia se comportar melhor do que isso — quer dizer—"

"Foi assim no começo", disse Ralph, "antes que as coisas—"

E parou de falar.

"No começo estava todo mundo junto—"

O oficial assentiu com a cabeça, esperando ouvir mais.

"Eu sei. Uma coisa incrível. Como na Ilha de Coral."

Ralph olhou para ele sem dizer nada. Por um instante, teve a visão passageira do estranho encanto que sentiu naquelas praias num primeiro momento. Mas a ilha estava toda chamuscada como um pedaço de madeira morta — Simon tinha morrido — e Jack... As lágrimas começaram a correr, e Ralph foi sacudido por soluços. Entregou-se a eles pela primeira vez na ilha; espasmos violentos, trêmulos, de dor, que pareciam retorcer todo o seu corpo. Sua voz se elevava debaixo da fumaça negra diante da ruína calcinada da ilha; e, contagiados por aquela emoção, os outros meninos também começaram a soluçar sacudindo o corpo. E no meio deles, com o corpo imundo, o cabelo emaranhado e o nariz precisando ser assoado, Ralph chorava o fim da inocência, as trevas do coração humano, e a queda no abismo do amigo sincero e ajuizado chamado Porquinho.

O oficial, cercado por esses sons, ficou comovido e um pouco encabulado. Virou-se de costas para dar aos meninos o tempo de se recomporem; e ficou esperando, com os olhos pousados no aprumo do cruzador ao longe.